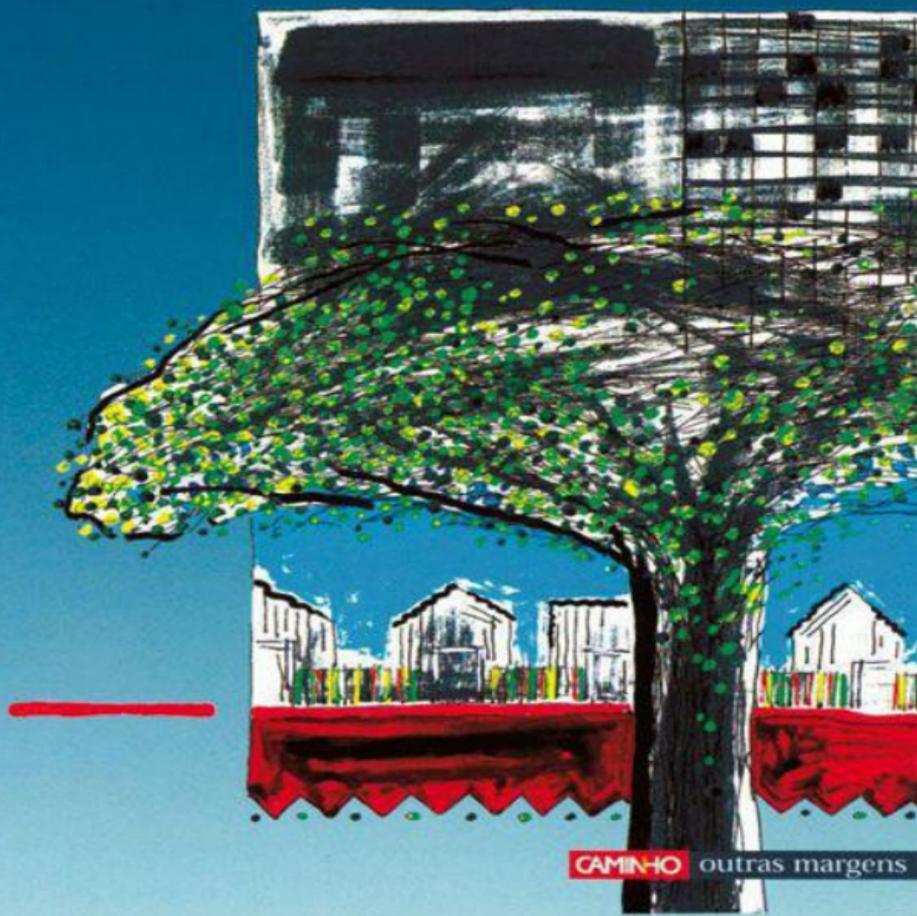


JOSÉ LUANDINO VIEIRA

NOSSO MUSSEQUE

ROMANÇO



CAMINHOS outras margens

Ficha Técnica

Título: Nosso Musseque
Autor: José Luandino Vieira
Ilustração da capa: Monginho
ISBN: 9789722124874
Editorial Caminho, SA
[Uma editora do grupo Leya]
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Editorial Nzila, Luanda, Angola — 2003
Direitos de publicação para Editorial Caminho, SA, Lisboa,
cedidos por cortesia de Editorial Nzila
www.caminho.leva.com
www.leva.pt

Este livro foi escrito no pavilhão prisional da PIDE, em São Paulo, Luanda, entre os meses de Dezembro de 1961 e Abril de 1962.

Com a sua publicação, quarenta anos depois de ter sido escrito e mais de sessenta após os « factos» ficcionados, quer a Editorial Nzila assinalar o início da reedição de todos os livros de José Luandino Vieira e contribuir para um melhor conhecimento da génese e desenvolvimento da obra deste escritor.

Kilombelombe kejidiê ku dimuka: kama ka-mu-dimuna...

— como dizia don'Ana, falando de Carmindinha.

Alcunha, quando a gente tem, tem por alguma razão. Essa verdade defendia-lhe sempre que a sorte me juntava com Zeca Bunéu e Carmindinha, lembrando Xoxombo. Tunica não estava mais nessas reuniões, a vida tinha-lhe levado na Europa, com seu jeito de cantar rumbas e sambas. Menina-perdida, falava sá Domingas; a vida é grande e não são só as nossas palavras que chegam para lhe mudar, desculpava a gente. Carmindinha ficava calada, não punha opinião, mas sabíamos como lhe doía a lembrança da irmã Tunica.

Nossas reuniões eram, às vezes, em casa de sá Domingas, quando eu namorava Carmindinha. Zeca Bunéu vinha mais tarde me chamar com nosso assobio-de-bairro mas acabava também na conversa. E com sá Domingas, já velha de cabelos brancos, e Bento Abano ainda lendo o jornal sem óculos, calado no seu canto, quantas vezes não recordávamos! Nunca que faltava a presença de Xoxombo em nossas conversas, mesmo com as lágrimas a descer na cara cheia de rugas de mamã Domingas. Carmindinha punha sempre igual sua história da alcunha do menino. E a defendia, séria. Mas Zeca Bunéu, com essa sua mania de contar as coisas como ele pensava, escolhia aquela outra, de mais malandro, que todos miúdos sabiam, aquela que servia o seu jeito de menino de musseque. Nessas conversas, minha opinião não entrava. Gostava, é verdade, de ver o Zeca com grandes gestos e risadas, os olhos muito grandes piscando, contar a história como ele sabia. Mas olhava com amor para Carmindinha, bondosa, cadavez zangada mesmo, defendendo o irmão. Só quando sá Domingas começava lagrimar pela saudade que lhe púnhamos e Bento tossia em sua cadeira de bordão, eu interrompia. Mal, confesso. Só falava as palavras de toda a gente: alcunha quando alguém tem, tem uma razão; e se todos referiam Xoxombo da mesma maneira, não interessava a origem ou a história da alcunha.

Então a conversa mudava. O mar, as ilhas, os ventos chegavam na voz do capitão Bento; sá Domingas ia no pequeno armário, punha abafado para todos, quitoto para o Zeca, era só essa bebida o menino gostava, a gente bebia. Carmindinha costurava e eu mirava o capitão e o Zeca nessas discussões do mar e só metia mesmo para falar do nosso jornal e os jornais do antigamente onde o mestre escrevia. E, nesse barulho pequeno da conversa assim, mamã Domingas cochilando era aviso de sairmos embora.

Saíamos. Carmindinha vinha ainda na porta, deixava que eu lhe apertasse nos seios pequenos debaixo do quimone e ficava a mirar-nos, indo pela noite. Com Zeca Bunéu, nesses dias de conversa do Xoxombo, quase sempre andávamos passear à toa pela nossa cidade adormecida, falando o menino e o nosso musseque antigo.

Hoje, dia dois de Novembro, encontrei Carmindinha na porta do Cemitério Velho. Foi este encontro o primeiro depois de nossa zanga de muitos anos e nele não precisámos falar o Xoxombo: o menino esteve sempre connosco no vestido preto e no cheiro que as flores-de-mortos deixam nas pessoas. A sua história, desde essa hora, não quis-me largar mais. O tempo que já passou comeu as coisas pequenas, apagou insignificâncias mas iluminou aquilo que interessa. Afastado de Carmindinha todos estes anos, fugi a sua influência, a sua bondade na defesa do irmão. E, sem Carmindinha com a gente, eu e o Zeca Bunéu nunca mais falámos o Xoxombo.

Talvez agora com as coisas que os anos e a vida mostraram, vindas de muitas pessoas diferentes, eu possa pôr bem a história do Xoxombo. Se não conseguir, a culpa não é dele nem da confusão que lhe pôs a alcinha. É minha, que meti literatura aí onde tinha vida e substituí calor humano por anedota. Mas vou contar na mesma.

1.

Quando foi que as vizinhas festejaram, com muitas falas e risos nas portas, o regresso da família do capitão Bento de Jesus Abano, mestre de barco de cabotagem, à conversa com todos seus antigos amigos, com toda a gente do musseque? Muito tempo antes de eu chegar para morar com minha madrastra, disse-me Carmindinha; e já depois que esfriaram relações com seus vizinhos pegados, o mestre sapateiro, pai do Zeca Bunéu. Porque teve um tempo, com seus amigos brancos, só falavam quando era preciso, quando as galinhas-do-mato ciscavam nos quintais e era de pedir desculpa, ou a *Espanhola*, a pequena cabra, rebentava na corda que lhe prendia na mulemba e ia roer as folhas novas das mandioqueiras, derrubando as panelas de barro e as latas de água, às vezes fazendo mesmo buraco nos cercados de aduelas e arcos.

Passou então aquela grande confusão do Zeca Bunéu, dia que roubou ainda os versos daquele mulato sapateiro, o Silva Xalado, e adiantou-lhe fazer pouco na frente de todos. Essa malandragem o pai dele gabava-lhe sempre, mas daí mesmo é que a família de Bento Abano começou se afastar, não vinha mais na porta para sunguilar e adiantaram lamentar nos vizinhos, falando não estava certo essas brincadeiras assim de desrespeitar as pessoas, um coitado sem pai nem mãe, vejã só, feito pouco por um miúdo! E as mulheres, pouco pouco, começaram chegar para sã Domingas, oferecer suas coisas, pedir empréstimo de vizinha. Mesmo de mais longe, como a mulher de sã Augusto, pai do Biquinho, as amigas apareciam às vezes para trazer *Espanhola* ou emprestar os monas para pastar a cabra para lá do imbondeiro onde o capim estava novo. Sã Domingas, alma boa, ficava comovida com essa amizade e Bento também gostava esse regresso à sua gente, como ele dizia.

Carmindinha crescia todos os dias, já não ligava nos miúdos, não tinha mais suas brincadeiras, todas as horas arrumando, ajudando a mãe na cozinha, remendendo a roupa. E só Domingas gabava as mãos da filha, seu jeito para todos os trabalhos de casa:

— Ai, mana! Assim dá gosto. Essa Tunica, não posso nem lhe mandar cartar lata d'água. Meia hora no caminho, só batuque no fundo da lata. Agora essa minha mais velha?! Deixa só! É mestre, te digo, mana. Pena Bento não pode lhe mandar estudar. Mão de passarinho, mana, mão de passarinho!

Com estas conversas e outras confusões os cacimbos chegavam sempre nos fins das chuvas, secavam os capins para as fogueiras dos meninos, o sol descansava mas, mais tarde, pouco pouco, aparecia outra vez, amarelo e raivoso com seu calor e os ventos do mar traziam as nuvens cheias de água. As grandes chuvadas corriam na areia do musseque, verdes capins rebentavam, os cajus ficavam maduros e a vida andava com os meninos indo na escola ou na brincadeira, as mães e as filhas sempre a falar seus trabalhos de todos os dias, os acontecimentos, os ditos, as zangas.

E, com o tempo assim a passar, fugiam as zangas como fumo; só Domingas e Bento Abano começaram outra vez a falar com seus vizinhos brancos, vizinhança de pessoa pobre não pode continuar zangada, é verdade mesmo. Durante muitos meses o musseque arranhou uma calma de todos os dias, só estragada, às vezes, pelas partidas dos miúdos, confusões que arranjavam e outras histórias da vida.

Também a fama de Carmindinha foi crescendo. Costurava calções para os meninos, depois pequenas camisas e um dia, numa tarde, todas as vizinhas gabaram um bonito vestido de chita que arranhou para a Tunica.

— Auá! Nem parece é uma miúda!

— É o que lhes digo, mana. Pena Bento não pode...

— Tem razão, tens razão. Mas ouvi que lá em baixo tem uma escola de graça, na Baixa...

— Dizem, mana Sessá! Dizem! Mas não aceito. De graça, para preto e mulato? Não pode, desculpa, mas não acredito.

— Não é, mana Domingas, não é! É mesmo da Liga. Quem me disse foi a filha do falecido Matias que anda lá. Ontem, naquela hora da tarde, passou aqui, recado da tia, ela é que me contou!

Sá Domingas pôs muxoxo e disse, trocista:

— Ala chiça, homê! Se fosse uma pessoa... Agora essa Joanica, filha da falecida? Sukuama! Não acredito, se calhar tem mas é escola de pouca-vergonha...

Carmindinha, que recebia elogios das suas mais velhas, meteu na conversa:

— Verdade, mamã, Joanica diz verdade. Já me tinha contado. Até a Teresa de sô Gaspar tá andar lá. Não precisa pagar.

— Bem, menina! Se é assim, um dia vou ir na Baixa visitar minhas amigas dos Coqueiros e já vou saber.

As vizinhas concordaram com a cabeça e, sempre gabando o jeito de Carmindinha, foram saindo, prometendo trabalho para a menina. Quando toda a gente foi embora, a mãe e a filha sentaram na cadeira grande, de bordão, e ficaram conversar baixinho. Bento não estava, tinha saído buscar miúdo Xoxombo na escola da Missão e Tunica andava longe, para lá do imbondeiro, brincando com as outras meninas e deixando *Espanhola* roer as plantas nos

muros dos quintais.

Foi numa noite escura e quente que passou a grande confusão.

Nesse dia, na hora da tarde, sá Domingas vestindo os bonitos panos que Bento tinha lhe trazido de Matadi e suas sandálias de verniz, saiu com miúda Tunica, areal abaixo, cruzando a Ingombota no caminho dos Coqueiros. Mas só à noite, meia-noite já passava, é que toda a gente começou ouvir as macas, barulho de mobília arrastando, vozes falando alto, às vezes os gritos de sá Domingas e o choro de Carmindinha, Tunica e Xoxombo na porta berrando pareciam era cabritos. Não tinha lua, não tinha luz no musseque, só os candeeiros de petróleo e as lâmpadas de azeite-palma começaram piscar dentro das casas. As vizinhas foram chegando, embrulhadas nos panos, com os homens atrás, alguns ainda vestindo, perguntando dos miúdos o que passava e recebendo só choro de cabrito sem cabra. Com a muita gente na porta, os gritos de sá Domingas ganharam coragem e a sua voz, quase sempre calma, ouvia-se zangada:

— É verdade, é verdade! Pode-me dar porrada, não me queixo! Pode-me matar, não me queixo! Mas essa menina vai na escola de aprender costura sim. Sou eu que digo!

Sentia-se outra vez o barulho da mobília e a voz forte de Bento cobria todos os ruídos e choros:

— Já disse, não repito. Filha minha não vai na Baixa, nem que me mate! P'ra vir aí com vestido de branca, com os beiços pintados, sapatos de madeira? Nunca, enquanto existir capitão Bento Abano!

Carmindinha, chorona e irritada, metia-se da porta:

— Mas eu quero, mas eu quero! Não tem mal, quero aprender a costura, já disse!

Fugia com medo, toda a gente recuava. Bento vinha de dentro, no escuro só se viam as cuecas brancas, compridas, e a menina fugia com medo, toda a gente recuava. Aproveitando, sá Domingas berrava, exigia:

— Aiuê, acudam, acudam, vizinhas! Bento vai me matar. E porquê, então?... Porque quero a minha filha na costura, quero ela vai ser modista, não lhe quero no ferro e na selha todos os dias...

Chorava. Bento aumentava suas conversas da perdição da vida na Baixa, os maus exemplos, a imoralidade que ia ganhando caminho no meio do povo. Falava isto em altos gritos como nunca ninguém pensou o capitão, sempre de falas mansas, pudesse pôr.

— Já disse, eu é que mando! Filha minha tem a educação da mãe, a educação da avó, a educação do nosso povo. Não deixo ela se perder na Baixa. Curso de costura, curso de costura!... Eu já sei o que é isso! Deixa só o cabaço numa esquina e aparece com filho na barriga. Quem foi, quem foi, ninguém sabe! Não, não, minha filha, nunca!

Era tanto barulho, a atenção dos vizinhos no que se passava na casa do mestre de barco de cabotagem, os miúdos a chorar na porta, que ninguém viu o freguês da Albertina a sair quando ela, gorda, veio de dentro da cubata e, sem pedir licença nem nada, atravessou, afastou os meninos chorosos e entrou na casa do capitão.

Toda a gente ficou mesmo admirada. Como é Albertina não tinha assim vergonha, entrar ainda naquela cubata, todo o musseque sabia ela falava só bom dia-boa tarde para sá Domingas, por causa uma confusão antiga, muita gente nem lembrava já?

Mas a branca já estava lá dentro, arreganhando a sua voz de vinho:

— Ala pôça, homê! Aqui não há civilização? Vamos a calar a boca, alguém que acende a luz!

Uma mão passou um fósforo aceso e Albertina, procurando, acendeu um candeeiro. Na luz amarela que de repente apareceu na pequena sala, sá Domingas com seus panos de baixo, gorda, as mamas grandes baloiçando com os soluços, escondeu encolhida num canto; Bento, atrapalhado, as mãos à frente da barriga, as cuecas muito compridas, mostrava o corpo ossudo e cabeludo que ele queria esquivar no mais escuro da sala. A Albertina entrou tão depressa que o capitão ficou quieto, calado, não podia mesmo falar. A vizinha, dona da situação, arreganhava:

— Sukuama! Já não pode se viver neste musseque? Trabalho toda a noite, não durmo de dia, e meus vizinhos ainda me chateiam? E vocês aí fora, seus lázaros, homê! Em vez de despartarem, aí feitos burros a olhar e a rir. Xê, você seu capitão de barco de ferrugem, vai-te vestir mas é!... E com esses miúdos aqui em casa é melhor dar bons exemplos. É assim que se fala a vida da família?... Poça! Não sabem conversar como gente? Seus incivilizados! E a bater na infeliz, vejiam só! Isso é de homem então?...

Outros vizinhos já tinham entrado e ajudavam sá Domingas a se tapar e a sentar na cadeira. Tunica e Xoxombo correram na mãe, Carmindinha foi no quarto e voltou com as calças do capitão. Vestido, o velho marinheiro arranjou a antiga dignidade e, já não falando tão alto, foi pedindo desculpa mas dizendo também que conversa de homem e mulher é homem e mulher quem resolve. Depois, com muito jeito outra vez, sua calma e boa educação de fama no musseque, pediu nos vizinhos para não estragarem suas noites de sono, melhor era ir embora acabar de dormir porque não estava passar nada de importância. Só as mulheres ficaram algum tempo a lamentar em voz baixa, despedindo com muitos conselhos, até que sá Domingas ficou sozinha com Tunica e Carmindinha. Bento, envergonhado, já tinha ido para dentro com Xoxombo e os vizinhos ouviram dar volta na fechadura. Albertina, remexendo o mataco, foi gozando na saída, malandra:

— Pena você já está velha, mana Domingas! Te ensinava o remédio para esse capitão ferrugento. Assim você tem que esperar uns dias. Ou então manda ele no meu quarto, que eu devolvo direitinho parece é pau de vassoura!...

Sá Domingas pôs um sorriso e, juntando a si as duas filhas, respondeu mais aliviada:

— Ená! Ainda não estou precisar jindungo no mataco, Albertina... Já ganhei, o que eu quero é esta menina na costura!

Vagaroso, o silêncio voltou na noite do musseque, foram-se apagando os pequenos grupos de conversa e riso e só a branca Albertina ficou sentada na porta, penteando os cabelos e falando no seu cão cabiri.

Assim ninguém que se espantou com o sucedido, no dia seguinte. Logo que Bento saiu com Xoxombo na aula da Missão, sá Domingas, com Carmindinha muito direita no vestido feito por ela mesma, e bem penteada, desceu pelo antigo caminho da Ingombota, direção da Baixa.

Nesse fim de tarde, os sorrisos largos das vizinhas, com olhares de lado para Bento, lendo na porta, quando Carmindinha chegou com os papéis na mão, acompanhando Teresa e Joanica, foram a confirmação da vitória de sá Domingas. Quando avistou as meninas, capitão

Abano dobrou o jornal e, falando que ia buscar o Xoxombo e a *Espanhola*, meteu pelo caminho acima.

2.

A ida de Carmindinha na costura e Xoxombo estudando na Missão, trouxe zanga na Tunica. A menina começou refilar, todos os dias sempre água para cartar, era longe, só Domingas já não podia, ainda mais agora a *Espanhola* para pastar no fim da tarde e o capim ali à volta não tinha, estava todo roído. E depois, como ia brincar mesmo com as outras miúdas, como antigamente, com a voz do velho capitão sempre a avisar-lhe:

— Cuidado, Tunica! Não deixa o chibo do sô Viriato chegar na *Espanhola*! Não deixa a *Espanhola* sozinha! Guarda bem a cabrinha!

Tunica saía sempre muxoxando, menina muito saliente, só gostava era ir na loja para ouvir o rádio cheio de sambas e de rumbas. Mas, nos sábados, Xoxombo não tinha escola e, nesses dias, o menino é que ia pastar a cabra, gostava mesmo este trabalho, sentando debaixo do imbondeiro para zunir pedrinhas e estudar geografia e ciências. Zeca Bunéu e os outros seguiam com ele, aproveitando essas tardes para pôr gaiola de alçapão ou armar o visgo para os plimplaus ou perdiam-se pelo areal, procurando coisas no monte de lixo e deixando o amigo para lhes assobiar se viessem os passarinhos.

Para Xoxombo, capitão Abano não punha aviso especial. Tinha confiança no filho, conhecia sua pontaria com a fisga e eram sem conta as pedradas nos cornos dos chibos. Outras vezes ainda, subia o caminho pelo capim para espreitar o menino no seu trabalho. Ali ficava, debaixo da árvore, recordando geografia com o filho que era barra nesse assunto, até lhe punha problemas a ele, marinheiro de barco de cabotagem com viagens para cima até às ilhas verdes de São Tomé e para baixo chegando em Walvis Bay.

Xoxombo tinha sempre muita atenção no bode de sô Viriato, grande e feio, com uma barba suja pendurada no focinho e perseguindo tudo quanto era cabra. Sá Domingas não queria a *Espanhola* coberta, estava dizer a cabrinha ainda era nova e lhe avisava sempre toda a esperteza, falando o bode como muito perigoso.

Nessa tarde, o grande rebanho pastava perto. O cacimbo estava para chegar e as cabras andavam espalhadas pelo capim dentro, roendo os últimos verdes das grandes chuvas, chamando os pequenos cabritos que saíam nas corridas, aos saltos, fingindo pelejar. Debaixo dum muxixe os pastores assobiavam ou zuniam pedras e, numa pequena corrida, o rebanho juntava outra vez, ficando a pastar, sacudindo as moscas. O velho chibo andava mais longe, sozinho, mas com um pequeno vento que soprava do mar do Mussulo o cheiro dele chegava bem debaixo do pau onde estava Xoxombo. O menino tinha amarrado a *Espanhola* ali

pertinho, no meio dum capim bom, e ouvia-lhe a roer as folhas, falando às vezes para responder nas amigas que andavam mais longe. De vez em quando, deixando o livro, Xoxombo olhava no Cinco, nos cajueiros torcidos onde Zeca e os outros andavam ou então espiava o caminho, esperando o velho capitão para lhe dar mais lição na geografia. Assim, nessa calma do fim de tarde, com um vento fresco empurrando nuvens brancas no céu, sentindo *Espanhola* ali pertinho, Xoxombo deixou-se distrair nas figuras do livro.

É aqui mesmo que as histórias desencontram.

Como conta o Zeca Bunéu e outros meninos do musseque que andavam lá em cima, miúdo Xoxombo, nessa hora, queria fazer malandro com a cabrinha. Daí o chibo preto correu para ele e pôs-lhe umas cornadas. Até hoje ninguém que percebe porquê o Zeca e os outros falam sempre esta história assim. É verdade que, depois das confusões do Zito, o Xoxombo ficou diferente, já não era aquele menino antigo. Mas também não era aquele miúdo de malandro como eles dizem. O Zeca jura, ainda hoje, que passou como ele conta: ele mesmo é que viu, ninguém que pode discutir o que ele fala. Outra coisa que conta mais, é que foi mesmo Zeca quem apareceu no musseque, correndo na casa do capitão, a chamar sá Domingas, gritando, assustado, o bode do só Viriato estava matar o Xoxombo.

Mas Carmindinha e a família não aceitam essa história assim. Embora triste, a menina diz sempre, com raiva, que Xoxombo era miúdo, estava querer tapar a cabra com o corpo dele para lhe escapar do bode, e por isso os cornos do velho macho lhe feriram, furando-lhe dois furos e enchendo-lhe de cornadas por todos os lados.

Velho capitão saiu nas corridas, ninguém que lhe apanhou, mesmo velho como era. Rodeando sá Domingas, a tremer agarrada na Carmindinha, toda a gente do nosso musseque foi também no imbondeiro. Quando lá chegaram, o menino estava desmaiado no chão, os miúdos à volta, atrapalhados, ninguém que sabia o que ia fazer. Bento Abano, abaixado, levantava-lhe a cabeça e punha chapadas pequenas na cara do filho, queria-lhe acordar; mas o sangue corria das feridas e, sempre que respirava, saía na boca e pintava a camisa e os braços do velho pai.

O sol da tarde já tinha fugido, só o céu azul era agora vermelho como o sangue do Xoxombo. Soprava um vento pequeno que levava as lamentações e choros das mulheres ali à volta. Mas ninguém que resolvia nada, só o velho capitão continuava a limpar o sangue. Foi mesmo o Zeca Bunéu que salvou o caso. Na zuna, todos viram-lhe correr pelo capim, aos saltos parecia era cabrito, para esquivar os cacos; mais tarde, quando chegou a ambulância a gritar a buzina dela e levaram o Xoxombo no Hospital Central é que a gente soubemos que o menino adiantou correr na padaria, onde que meu pai estava trabalhar, e pediu-lhe para telefonar no hospital.

Nesse fim de tarde, toda a gente ficou ainda muito tempo consolando sá Domingas e as meninas, falando não era nada, Xoxombo ia voltar mesmo, mas só dez horas já é que o capitão apareceu. A cara velha parecia era de morto e não falava direito para ninguém, homem delicado como só ele, percebemos que era perigo, o Xoxombo tinha que ficar no hospital.

Três semanas ali o fomos ver sempre. Dona Branca e seu homem, o mestre sapateiro, com Zeca Bunéu muito penteado; minha madrastra, puxando-me nas orelhas, fazendo queixa

os meus dedos cheios de tinta que não saía mais; Carmindinha, com seu sorriso um pouco triste, que ficou sempre assim, e que eu gostava tanto; Tunica, sempre alegre; velho capitão, mais magro, mais velho, sofrendo a doença do único filho macho; e sua companheira, resignada com a vontade de Deus, como ela dizia.

O Biquinho veio mesmo de longe, do Bairro Operário onde que estava morar agora e até o Antoninho e o Nanito lhe levaram os doces para ele. Só o Zito, coitado, não apareceu, estava outra vez na esquadra.

Mas o corno do velho chibo tinha furado muito fundo no pulmão e Xoxombo, fraco, não aguentou. Uma noite triste a gente lhe velámos e vieram os amigos de todos os lados. Penso que foi nessa noite que, pela primeira vez, as minhas mãos apertaram as de Carmindinha e só Domingas chorou, entre lágrimas caladas, um sorriso de aprovação. A certeza só tenho que o primeiro beijo que dei-lhe, muito leve, muito cheio de medo, foi atrás da buganvília da porta do Cemitério Velho, naquele dia de chuva pequena em que levámos a enterrar o nosso companheiro de brincadeiras Xoxombo.

*

Assim nasceu a alcunha: os que estavam morar mais longe do nosso musseque, quando souberam a história, riam-se, gozavam e diziam que no nosso grupo até faziam malandro com cabras. Daí começaram referir o nosso companheiro morto como Xoxombo Trep-na-Cabra.

É esta a história. Pena que eu não tivesse posto bem. Xoxombo vai-me desculpar mas é para fazer justiça à sua memória que eu conto mesmo assim.

Quanto a ti, Carmindinha, naquela conversa da costura, tua mãe é que sabia. Teu pai, velho e saudoso capitão Bento Abano, nunca quis acreditar essa verdade. Tenho ou não tenho razão, dona Mindinha, sô pessora de corte e labores da Associação Regional que hoje encontro na porta do Cemitério Alto-das-Cruzes, onde está plantado e floresce o nosso amigo e teu irmão Xoxombo Trep-na-Cabra?

Onde mordeu o marimbomdo, naquele dia de chuva, tem uma marca que não vai sair mais. É um pouco em cima do joelho e o Zeca mostra sempre. Mas a outra, aquela do chumbo do menino Nanito, filho do polícia, essa o Zeca esquia. Desculpa que é preciso baixar os calções, mas a gente sabe: o rapaz não quer que lhe façam pouco. É verdade que chumbo no mataco não é muito de mostrar mas a culpa é dele, que gosta contar os casos. Não é bem como ele fala, que sucedeu: o Zeca, cadavez que conta, mete sempre as partes dele e, quando a gente vai ver, ninguém sabe mais onde está a verdade e onde está a mentira.

1.

Foi num dia que nasceu com azar.

Ainda não eram cinco horas, escuro mesmo, quando uma grande confusão começou lá no musseque. Os gritos vinham da cubata da Albertina mas ninguém que se levantou logo, os vizinhos já estavam acostumados. Cada homem que ela arranjava lhe dava porrada, era sempre o mesmo caso: depois de alguns meses de viverem lá em casa, comerem à custa da pobre, beberem à custa da pobre, uma carga de surra, maleta na mão e nunca mais ninguém lhes via. Só porque Albertina queria um filho, falava que estava se sentir muito sozinha e, sempre que pedia, tinha aquelas discussões e pancadas.

Nesse dia, quando a manhã acordou, o barulho era maior, diferente, os gritos se prolongaram em gemidos e a vizinhança começou dar mais importância, adiantou sair, aproximando-se, curiosos e preocupados, da cubata. Albertina andara segredando, sorridente, que já tinha mais de dois meses, conversando com sá Domingas e don'Ana, mães já antigas, mesmo com dona Branca, mãe do Zeca, que, no princípio, estava dizer mulher que dorme com todos não é para ter filhos. Esse segredo foi guardado nas vizinhas, só algumas meninas mais velhas sabiam e, por isso, naquela manhã todas se chegaram medrosas, pensando azar.

A coitada da Albertina lá estava, rebolando no chão do quarto, torcendo parecia era cobra mesmo gorda como era e o sangue descia nas pernas, sujava a combinação, o cimento. Don'Ana é que adiantou entrar, acendeu o candeeiro e nenhuma menina nem miúdo que deixaram ver também. Os mais-velhos não aceitaram, fecharam logo a porta. Só sentimos os gemidos, as vozes a falar baixo, esses assuntos a gente não percebia bem, barulho de porem a Albertina na cama dela e, mais tarde, nem mesmo deixaram nos espiar quando meteram a branca na carrinha dos bombeiros.

Essa confusão do princípio do dia falaram-lhe muito na hora do matabicho, antes dos homens partirem no serviço e os monas saírem para brincar. Depois, chamadas nos seus trabalhos de todos os dias, as mulheres calaram o assunto. Só que, lavando ou cozinhando, lamentavam a pobre da Albertina que queria um filho e acabava sempre com a confusão. As meninas Carmindinha e Tunica, batucando o fundo das latas, já tinham passado para buscar água e da casa de sá Domingas só vinha a cantiga da senhora batendo a roupa na selha, quando o Zeca Bunéu chegou para a brincadeira e deu encontro seus amigos conversando o assunto.

— Não acreditas? Minha irmã viu mesmo. Toda nua, rebolar no chão. Parece é o batalhão lhe pisou com as botas na barriga!

E miúdo Xoxombo batia com o pé descalço para mostrar no Biquinho, ele não queria lhe acreditar. É verdade sô Américo era mesmo um tropa, mas um homem de verdade não pode fazer isso.

— Te digo. Parece é ela já tinha o filho dele na barriga e ele não queria...

— Ená! Mas estava toda nua? — perguntou, rindo os dentes todos, o Zito.

— Sukuama! Sempre a pensar as coisas podres! Cala-te a boca, mas é!

Ai o Zeca aproveitou para entrar logo a dizer que só ele é que sabia, tinha visto mesmo a Albertina torcendo-se no chão e a cara dela branca, branca, parecia era papel, quando lhe meteram na carrinha dos bombeiros. Puxou seu jeito de contar, mas agora sério, falando que homem que pisa na mulher não é homem, mesmo se é mulher de todos, não tem diferença.

Sentados, chupando as gajajas madrinhas tiradas com as pedradas, deixavam o tempo correr assim, nada que lhes distraía naquela hora desse assunto da Albertina e do mistério que tinha essa doença dela, cada qual queria pôr sua opinião mas, no fim, tudo ficava na mesma: ninguém que sabia, não adiantava falar à toa.

— Xoxombo! Xoxomboéé! Vem cá!...

Sá Domingas estava na porta, o quimone solto sobre as mamas grandes balançando, chamando, zangada. O menino levantou dum salto, deixou a fisga no Zito e saiu nas corridas. Zeca Bunéu, Zito e Biquinho ficaram a mirar, conheciam bem aquele chamamento, se calhar ia-lhe pôr jindungo, tinha ouvido mesmo o menino falar aquelas conversas da Albertina nua. Esse Xoxombo não tem cuidado, bem que se lhe avisa, mas nada. Agora pronto! Os gritos do miúdo, o barulho das pancadas, a voz zangada de sá Domingas chegaram debaixo do pau.

— Aiuê, aiué, mam'etuê! Nakuetuéé!

— Seu mal-educado, já se viu! Toma!

Ouvia-se aquele barulho conhecido do pau de funji nas mãos, no mataco e o Xoxombo a berrar parecia era cabrito. Sá Domingas falava o castigo, batia zangada e sentia-se o filho a

correr dentro da casa, tropeçando nas coisas. A voz dela a ralar e o choro soluçado do Xoxombo puseram medo nos amigos. Mamã Domingas abriu a porta, ameaçou, deu berrida:

— Mal-educados! E esse cangundo é o pior. Aposto é ele quem andou escrever essas coisas no Xoxombo. Ngueta sem educação!

Já se sabia! Tudo quanto aparecia de malandragem lá no nosso musseque era sempre o Zeca Bunéu. Pronto! Naquela manhã já não tinha mais o Xoxombo para brincar. E logo nesse dia que o Zeca trazia a caixa de fósforos com um quissonde grande só para lutar com o cafuca do Xoxombo. Azar!

Tristes, saíram pelo capim acima, experimentando a pontaria nas garrafas vazias e durante o resto da manhã se perderam pelos cajueiros e muxixes zunindo pedradas nos pássaros. Só onze horas, quando Carmindinha e Tunica passaram para baixo com as latas da água na cabeça, é que foram devagarinho até no quintal e chamaram o companheiro. Sentado numa pedra, soluçando ainda com a raiva dele, Xoxombo fazia desenhos no chão com um bocado de catandú. Sá Domingas estava lá dentro com as filhas para adiantar fazer almoço e aí aproveitaram para lhe chamar:

— Xoxombo! Xoxomboéé!!

O menino levantou, cauteloso, veio devagarinho e encostou nas aduelas. Biquinho pediu:

— Xoxombo, empresta ainda o teu cafuca para lutar no quissonde do Zeca.

— Não empresto nada. Vão à merda!

— Xoxombo, mas a gente te fez mal? Diz só, te fizemos mal?

Xoxombo abanou a cabeça para responder:

— O sacana do Nanito m'aldrabou-me. Mas logo-logo rebento-lhe as fuças, vai ver! Juro sangue de Cristo!

Fez as cruzes do cuspo na mão, mas não emprestou o cafuca. Que não senhor, era um mestre, tinha-lhe custado a apanhar e quando ia sair, de tarde, queria pelear no quissonde do Zeca e dar-lhe uma surra.

— Mas Xoxombo, conta então. Nanito fez é o quê?

O menino pôs cara de mau e, sempre a soluçar, foi falando em voz baixa:

— O Nanito estava comer abacate dele, depois me perguntou-me: « Xoxombo, queres um brinquedo? » Aí eu disse: « Sim. » Então o gajo pôs o caroço do abacate no bolso da minha bata e disse: « Eu desenho agora cá fora o brinquedo que tu queres e logo à noite tu encontras no bolso. »

Zeca Bunéu desatou a rir e o Xoxombo também queria rir mas os soluços atrapalhavam-lhe.

— Xê, seu burro! Então não sabias abacate põe nódoa, não sai mais?

— Esqueci, naquela hora. Rebento-lhe as fuças. O sacrista desenhou mesmo uma asneira!

E, olhando para dentro de casa, disse em voz baixa o nome do desenho. Uma gargalhada de todos saltou para dentro do quintal e entrou pela cubata, provocando. Na zuna, pelo capim, ainda ouviram a voz de sá Domingas a gritar insultos, enquanto Xoxombo fugia para junto de Carmindinha.

E foi mesmo nesse dia, já tão cheio de confusão desde manhã, que sucedeu o chumbo no mataco do Zeca Bunéu.

Quando o pai do Nanito chegou para morar ali no musseque, a casa de pau-a-pique que alugou não tinha quintal mas, atrás, tinha muitas árvores, goiabeiras, mangueiras e até mamoeiros, onde os meninos brincavam. Era uma casa grande, de três quartos, coberta de zinco novo, do mesmo feitio de todas que cresciam por ali, duas janelas e uma porta na frente, duas janelas e uma porta para trás e ficava mesmo perto de don'Ana e da mãe do Zito. Nesse dia que apareceu, era sábado de tarde, toda a gente ficou a espreitar a velha carrinha da PSP com os dois cipaiois carregando as cadeiras e a mobília. Não era gente de esteira e cadeira de bordão, via-se logo. Sô Luís, polícia, não adiantou falar para ninguém, passou muito esticado, farda de caqui bem engomada, dando berros nos cipaiois, ameaçando com o chicote cavalmarinho que usava. Quem lhe visse e não lhe conhecesse, pensava logo era um chefe.

Com essas manias do pai e as conversas da mãe sempre gabando suas amigas da cantina, o bairro antigo, suas amigas da Baixa praqui e prali, quando brincavam com Nanito era para lhe encherem de partidas. No princípio ele aguentava, ria; mas depois começou queixar no pai e sô Luís vinha logo ameaçar de cavalmarinho, na porta da casa.

Um domingo, manhã cedinho, o polícia começou desmanchar uns barris descarregados no sábado e adiantou construir um quintal de aduelas. As pancadas do martelo acordaram as pessoas dos seus biscates e muitas vieram espreitar o que estava passar. Murmurando uns nos outros, criticavam:

— Ngueta camuelo! Esses brancos são assim. Olha só! Chegou dois dias e pronto! Começa já a dizer aquilo é dele.

Não é que um quintal fosse coisa para todos falarem, as cubatas do capitão, don'Ana e vavó Xica também tinham; mas, ali, no terreno atrás da cubata do polícia, os paus de manga e de goiaba cresciam e eram de todo o musseque, ninguém que tirava mais que queria e até mesmo os meninos lhes respeitavam. Goiaba, mamão, manga, só madurinha para comer. Mesmo no fim do dia, quando o povo passava mais para cima e pedia de alguém nas portas licença para tirar a goiaba para o mona ou levar o mamão, a resposta era que os paus eram de todos, não precisava pedir.

Pregando as aduelas, as marteladas de sô Luís doeram no coração dos miúdos: sentiam que lhes roubavam, já não podiam ir mais brincar, descansar nas sombras, espreitar os pássaros. Disparatavam a construção, culpando o Nanito:

— Foi ele, o sacrista! Pediu no pai!

— Vais ver! Te agarramos, te fazemos uma barreira mesmo. Julgas com a gente torras farinha?

Zeca Buné estava muito triste. Ele mesmo é que sofria mais, ouvindo o pai concordar com o cercado, falar para sô Luís que assim é que era, ou aquilo ali era a casa de todos, caminho de negros?

Quietos, Biquinho, Xoxombo e suas irmãs ficaram quase toda a manhã olhando o quintal a crescer, sô Luís pregando os pregos que o Nanito, vaidoso, tirava da lata. Dona Eva,

aproveitando as mães dentro das cubatas, chegou uma vez na porta para lhes dizer:

— Acabou-se! Pensavam que isto era vosso, não é?

Biquinho fez uma asneira nos dedos e todos riram. Tunica troçou:

— Viococo! Viococo!

Os dias passaram.

As semanas passaram com dona Eva sempre arreganhando suas vizinhas, fazendo pouco, e as mães e os miúdos entregando ao desprezo e aos ditos do musseque aquela gente. Só Xoxombo, como a escola era a mesma, falava com Nanito quando ele aparecia, vestindo quedes, de espingarda de chumbo, com a mania que matava mais gungos que todos. Mas ninguém que lhe ligava e o miúdo ia embora outra vez, ouvia-se o pai a ralar da mania de ir brincar com aqueles vadios pretos e mulatos.

Com as pessoas assim no musseque, um lado a família do capitão e os amigos, o outro só Luís e o pai do Antoninho, e dona Branca no meio, ninguém que se admirou aquela manhã da confusão da Albertina. Quando saiu às oito horas, chicote batendo na perna magra, só Luís falou alto, para todos ouvirem:

— Hoje é que eu faço a cama àquela puta. Vão ver! Este musseque tem de ser um bairro decente!...

Don'Ana muxoxou, insultando-lhe mesmo em quimbundo e, com sá Domingas e as vizinhas, começou lamentar a Albertina, mulher de todos é verdade, mas educada, respeitadora como ela não tinha ali. E boa para os miúdos, deixa só! Bolo que ela tinha, cadavez, só comia migalha!

Essa manhã passou devagar.

Os barulhos dos carros traziam as pessoas nas portas, julgando já era a Albertina de volta, mas nada, não veio. E os meninos, agarrados também por aquele silêncio zangado das mães, ficaram por ali zunindo pedradas à toa, debaixo da gajajeira falando o acontecido. Só dez horas já passavam é que seguiram pelos caminhos conhecidos, para derrotarem os bandos de gungos que voavam mais longe, no sítio onde não tinha cubatas.

Neste caso do quintal, o Zeca chorava mais eram as pitangas. Menino guloso de pitangas como ele, não tinha. Começava a comer nas verdes mesmo e ia tudo, derrotava uma pitangueira num instante. Mas também, às vezes, certas tardes, ficava diferente. Não era mais aquele miúdo malandro com fama no musseque, não. Sentava no largo e alto passeio balouçando as pernas e falava sozinho, não queria ir na brincadeira. Mirava os paus de goiaba, via o ventinho da tarde xaxualhar nas folhas, sentia o cheiro da areia suando o sol da manhã e gostava mesmo ficar a olhar o povo passando apressado.

Nessas horas ninguém que lhe xingava, o Zeca ficava zangado. A gente percebia que ele gostava ver muita gente, gostava mesmo dos paus da fruta, de chuva grossa na areia e no zinco, dos morcegos à tardinha debicando as goiabas amarelas e os mamões ou deitar de barriga para cima, sete horas, oito horas já, a mirar as estrelas. Por isso ele é que sofreu mesmo com a história do quintal. Então saudades da pitangueira, nem se fala. Nessas tardes dele, a gente via o Zeca passar as mãos nas folhas macias, limpar as pitangas amarelinhas, mas não lhes comia, nós ficávamos burros, ninguém que percebia, ele só andava por baixo das árvores, falando à toa, atirando pedras pelo areal adiante, mais nada. Outras vezes, seis horas já, as pessoas que vinham da Baixa começavam passar, gostava sentar debaixo dum

pau e olhar as mães com os monas nas costas, apanhando as goiabas, sacudindo os mamões. E nem xingava mesmo os miúdos atrevidos que arrancavam as pitangas. Não refilava, sorria só. Com a gente, não: quem tirasse as pitangas, passava peleja. Tanto que o Biquinho e o Xoxombo, com o acordo do Zito, nosso mais-velho, já tinham combinado: a pitangueira era do Zeca Bunéu.

Os casos passaram no fim do almoço.

Nessa hora que o calor convida a deitar debaixo das frescas mulembas ou mandioqueiras do quintal, o Xoxombo saiu para dar encontro o Zeca que estava assobiar muito tempo já. Os outros andavam lá em cima, no imbondeiro, pondo físgadas nos cornos das cabras e nas múcuas e o Zeca Bunéu tinha ficado, era só para combinar a partida que eles queriam pôr no Nanito. Passando o braço no ombro magro do filho do capitão Abano, foi falando com voz baixa, arrastando o menor:

— Xoxombo! A gente tem que se vingar desse gajo do Nanito. Sukuama! Essa partida do abacate é de mestre!

— Mas como então, Zeca? Diz já, eu faço.

— Calma! Deixa ainda a mãe dele dormir! Quando ele estiver no quintal, a gente ataca. Já pensei tudo!

Sentados no passeio alto da frente da casa do Zeca ficaram muito tempo conversando o plano. De longe, os assobios chamavam-lhes para a brincadeira, mas não ligavam. Esperavam, com os olhos no quarto de dona Eva, ela ia aparecer, como todas as tardes, para fechar a rede da janela. Estavam impacientes, ouviam muito tempo já o barulho do Nanito a brincar no quintal, mas só três horas quase Zeca Bunéu e Xoxombo viram a mãe de Nanito espreitar e fechar a rede. Deixaram correr o tempo, o silêncio tomar bem conta das cubatas, nem o vento que falava nas folhas. Só então, nessa hora, sem barulho, avançaram.

O Nanito estava lá debaixo do pau de goiabas, brincando com os brinquedos dele. Espreitando nas aduelas Zeca pôs a mão na boca de Xoxombo, pediu silêncio. Os olhos malandros riram: pópilas, sorte! Dando sinal a Xoxombo para esperar, começou preparar nas aduelas, com jeito, parecia onça a ir nos cabritos. Nanito nem deu conta. Acordou com pescoço já na capanga do Zeca, uma mão a lhe tapar na boca. Xoxombo saltou depressa e, com a corda da roupa, amarrou-lhe os braços e as pernas. O miúdo fazia força para gritar mas não podia: o Zeca, mesmo magrinho, aguentava. E com o lenço do Xoxombo bem apertado para não falar, amarraram-lhe na goiabeira do meio do quintal. Nanito olhava furioso, torcia-se, se viam veias dele inchadas pareciam iam rebentar, mas nada que conseguia, Xoxombo tinha aprendido aqueles nós com o velho capitão. Então amansou, desatou chorar mas os meninos não lhe ligaram, parecia ali não tinha ninguém, tiravam as pitangas amarelas, comiam gulosos. Comeram, comeram, não deixaram nem uma. Verdes, maduras, tudo. Zeca olhava o Nanito a chorar, amarrado, e quando acabou comer falou no Xoxombo:

— Ai, Xoxombo! Esse coitado assim não come nada? Ená! É preciso não ser camuelo como ele... Lhe deixamos a comida!

Sempre a olhar no caramanchão, dona Eva podia aparecer de repente, Zeca Bunéu baixou os calções e cagou mesmo aos pés do Nanito. Cheio de medo, brincadeira assim ele não gostava, Xoxombo correu para as aduelas e fugiu. O pobre do Nanito deixava sair as

lágrimas, chorava raiva e vergonha no lenço amarrado na boca, queria fugir nas cordas, queria gritar, mas nada que podia fazer. Vendo o Zeca fugir pelo capim, atrás do Xoxombo, caminho do imbondeiro, desistiu de lutar, deixou cair a cabeça e chorou só, com muitos soluços, um choro de miúdo feito pouco daquela maneira e raivoso de não poder se vingar.

O fim da tarde prometia chuva de noite. Já muitas vezes um vento maluco tinha corrido às cambalhotas pelo areal, levantando árvores de pó com folhas de papel dos montes de lixo escondidos pelo campo. As portas e janelas se fechavam na cara desse vento que traz desgraça e os olhos interrogavam, dos quintais, as nuvens cinzentas crescendo sobre a cidade. Mas o vento tinha fugido, só as nuvens ficaram a pesar sobre as pessoas e o sol virara calor abafado e uma luz de obrigar a gente a encolher os olhos se queremos ver muito longe.

Debaixo do imbondeiro, com as grandes gargalhadas de todos e as mães, em casa, fingindo não saber de nada, tudo teria sido bom, uma grande partida do Zeca, se sô Luís não tivesse chegado mais cedo naquele dia. Ninguém que lhe viu chegar, só deram conta já o polícia junto com Nanito, e arreganhando o cavalmarinho, entrava pela oficina do pai do Zeca, reclamando o miúdo. Os oficiais, assustados, chamaram o sô mestre e ele veio espantado, com a faca da sola na mão. Dona Eva, atrás do homem dela, começou gritar que o sapateiro queria pôr faca; dona Branca apareceu então, se benzendo e insultando a mãe do Nanito. E a maior confusão começou. Sô Luís queria o Zeca para lhe levar na esquadra, o que o miúdo tinha feito era de mais, não havia direito. Os oficiais seguravam o mestre, nervoso, berrando:

— Quem dá educação no meu filho sou eu! Ponha-se lá fora, seu polícia de copos!

Dona Branca com feitio dela, tudo ia se resolver, é preciso é conversar, recomendava calma e chegou na porta, chamar o Zeca. Os miúdos estavam perto, espreitando o barulho e o Zeca adiantou devagar, coçando a cabeça. Mas nem mesmo a entrada do Zeca Bunéu, muito homem, mas tremendo no coração, acalmou o caso. Ele veio homem é verdade, e queria ir mesmo na esquadra, mas não lhe deixaram. O pai agarrou-lhe no braço e pôs-lhe logo duas surras; o polícia puxava no outro braço, queria-lhe levar. Cá fora, com olhos malandros, don'Ana, sá Domingas e outras mães e filhas comentavam:

— Deixa só! Confusão de branco, é branco que resolve!

Sorriam dessa partida do Zeca naqueles cangundos camuelos e, dentro da oficina, também Jacinto João falava para os outros oficiais e aprendizes os casos, em quimbundo. Mas não eram casos de cansar depressa. Discussão, berros, ameaças, insultos e sô Luís, enchendo o peito pequeno, não queria perder: o Zeca tinha de dormir na esquadra. De nada valiam os pedidos das mulheres, já mais calmas, tentando pazes. Tinha de dormir na esquadra, nem que era uma hora só, não fazia mal, mas tinha de lhe levar, questão de honra.

Só que o Nanito estragou tudo.

Na hora que o pai lhe largou para segurar no Zeca, aproveitando a confusão, correu na casa dele. E nem Biquinho, nem Xoxombo, espreitando as macas, viram o miúdo aproximar, escondendo a espingarda de chumbo. O caso já estava quase arrumado, sô Luís quase convencido a deixar o Zeca, o rapaz já tinha levado umas surras e o mestre, a desculpar com brincadeiras de rapazes, quando entrou o Nanito. O grito de Jacinto João não salvou o Zeca: o miúdo descarregou-lhe mesmo o tiro de chumbo no mato!

Todas as pessoas gritaram e correram no Zeca que caiu, a gemer, em cima do rolo da

sola. O boato que o filho do polícia tinha posto chumbo no Zeca Bunéu, que o menino ia morrer, saiu logo pelo musseque, fez ainda chegar toda a gente na frente da casa do mestre, perguntando, lamentando esses miúdos assim, ninguém que sabe mesmo para que serve a escola, só fazem essas coisas de bandidos, matar pessoa já se viu.

Mas não, foi só o susto e o sangue.

E, voltando devagar para suas casas, conversando o assunto, as mães ainda chamaram os monas e deram-lhes surras para aliviar o medo dos corações. A tarde acabou assim; a chuva tinha fugido para longe, nem mesmo pingos tinham caído e o musseque gozou um vento fresco que adiantou chegar com a escuridão.

O Zeca saiu no hospital, tinham-lhe rasgado o mataco e tiraram o chumbo. Era coisa sem importância, mas doía muito. Só mais à noite, nove horas já, com a promessa de que não iam lhe bater mais, Nanito voltou do capim. E, nesse fim do jantar, toda a gente evitou sair para gozar o fresco ou sunguilar um bocado, porque o dia tinha sido de muita confusão.

*

Dia de azar, tinha falado o Biquinho.

Era bem verdade. A Albertina no hospital, falavam ia ficar lá um mês e depois nunca mais que podia ter os filhos; o Zeca Bunéu, de mataco assim aleijado, não podia brincar bem; dona Eva e seu homem, desde esse dia, não falavam mais para ninguém do musseque, conversa só mesmo com mestre sapateiro e sô Antunes. O pior foi para o Nanito, lhe proibiram sair para brincar com os outros e o menino se aborrecia no quintal.

Zeca Bunéu andou uns tempos não podia sentar. Tinha mais uma história e nem passou uma semana, mesmo com os amigos no lado, contou para o primo dele, do Kinaxixi, já doutra maneira. Mas nunca mostrou para ninguém a marca no mataco.

«O meu nome é Xoxombo. Só na escola é que eu digo o meu nome todo, quando a professora pergunta. E digo também que nasci da minha mãe, senhora Domingas João, negra, a sô pessora diz que isso não precisa dizer, e do meu pai, senhor capitão Bento de Jesus Abano, mulato, a sô pessora também quer que eu diga misto, mas é como eu gosto dizer. Nasci na Ingombota, ando na terceira e tenho nove anos. A sô pessora é boa mas eu não gosto dela. Quando os meninos começam-me fazer pouco chamando Xoxombo-macaco e outras coisas, ela aparece sempre mas eu não gosto. Diz eu sou coitadinho não tenho culpa de ser assim escuro e que a minha alma é igual me agarra e quer ser como mamãe, mas eu não gosto dela porque naquele dia levei minha mandioca cozida para o lanche e o Antoninho, o filho do sô Antunes da quitanda, estava comer o pão dele com a manteiga e começou-me fazer pouco. A sô pessora puxou-lhe nas orelhas, lhe tirou o pão, deitou fora minha mandioca e me deu-me o pão dele. Mas eu não aceitei e chorei. Eu queria mesmo era minha mandioca, minha mãe tinha-me dado para o lanche.»

Mais ou menos assim é a lembrança daquele caderno do Xoxombo e, nalgumas folhas, na sua letra redonda, ele tinha escrito conversas e confusões lá do musseque. Mas não continuou contar as histórias; adiantou fazer desenhos de asneiras e um dia sá Domingas encontrou, deu-lhe com o pau de funji, rasgou e queimou o caderno. Só que o Zeca, com seu espírito curioso, estava espreitar a surra no Xoxombo, foi ainda apagar o fogareiro e salvou uns bocados. Alguns deitei fora, só tinha desenhos de malandro; o resto eu guardei porque o Xoxombo escrevia coisas que ele pensava e que, sempre que eu leio, fico também a pensar.

1.

Numa noite, depois deste caso, o musseque ficou muito calmo e nem tinha vento no ar, as folhas dos paus não mexiam. Albertina estava ainda no hospital e os pais do Zeca Bunéu

tinham saído para visitar os primos do Kinaxixi.

Nesse fim de jantar, sá Domingas veio sentar na porta com Xoxombo, Carmindinha e Tunica brincando suas rodas e, mais daí a bocado, foi don'Ana quem chegou sozinha, as meninas tinham deitado já. Vinha para sunguilar com a vizinha, sabia era dia de capitão Bento chegar, queria-lhe ajudar a encher o tempo.

A noite estava escura ainda; a lua, escondida atrás do Tanque d'Água, não dava luz para as brincadeiras que sempre gostávamos fazer. Assim, a chegada de don'Ana foi recebida com alegria, os meninos correram para a senhora e começaram pedir para contar as histórias ou pôr adivinhas, como só ela é que sabia.

Sentindo esse barulho, Zeca Bunéu, que já estava para dormir, recomendação de dona Branca antes de sair, veio também. Este menino gostava mesmo ouvir as histórias. Sabia já, quando o pai chegasse e não lhe encontrasse na cama, ia apanhar surra, mas nada, ficava na mesma.

Na janela do meu quarto eu assistia triste, todos a sentar à volta de don'Ana, sá Domingas abanando o calor. Minha madrastra não deixava eu ir, dizia que essas conversas de cazumbis é história de negros e, quando ela falava assim, eu lembrava a minha falecida mãe, ficava a chorar e espreitava bem com os ouvidos para apanhar o que don'Ana contava e o silêncio amigo me trazia.

Mas o Zeca era saliente, gostava se meter:

— Ená! Mas camucala e diquixe é o quê então?

Os outros meninos estavam assustados e, sempre que ele falava, riam, faziam-lhe pouco mas era também para assustar o medo que sentiam. Só Zeca não tinha vergonha, o que ele queria era saber, cantar no grupo com os outros e tudo. Por isso, quando nessa noite don'Ana acabou contar essa história dumas meninas que foram pôr tatuagens, o Zeca interrompeu:

— Don'Ana, a senhora deixa só eu contar também minha história?

— Ih, menino! Criança que pede muito, recebe cagalhão! Sempre a pedir, sempre a pedir! Não fica mais calado?

Mais curiosa, sá Domingas falou para don'Ana deixar o Zeca contar. O Xoxombo desatou a rir, Tunica e Carmindinha fizeram-lhe pouco, mas ele começou na mesma. E contou que era uma vez uma rapariga que foi com a quinda dela cheia de mandiocas, batata-doce e galinhas para oferecer na avó que morava na mata. Aí, no caminho, apareceu o senhor Onça e começou-lhe falar...

— Xê, Zeca! Cala-te a boca! — gritou o Xoxombo, rindo.

— Elá, menino, então? 'tá interromper assim o teu mais-velho? — protestou don'Ana.

— Não é, don'Ana! É o Zeca 'tá aldrabar. Essa história não é assim, a professora adiantou contar lá na escola. Nome dela é o Capuchinho Vermelho, eu sei mesmo...

Tunica e Carmindinha, batendo a palma da mão na boca, começaram a correr em volta do Zeca Bunéu, troçando e rindo:

— Uatobo! Uatobo!

Mas nem assim ficou derrotado, não senhor. Virou para don'Ana, pôs cara séria e falou com muito jeito:

— Ai don'Ana! Se eu contasse a história com a menina do chapéu vermelho ser comida no lobo, ninguém que percebia, não é? Na nossa terra tem menina assim? E tem lobo na

mata? Ora pópilas, tem mas é onça! É por isso eu conto assim...

Acabando de rir, as mães concordaram e mandaram calar os filhos. O Zeca contou até no fim, quando apareceram os caçadores da sanzala da menina, deram uma surra no senhor Onça que ele morreu. Sukuama! Esse Zeca, cada mentira que ele meteu aí na história! Mas toda a gente gostou, é verdade.

Com os risos e os barulhos dos meninos, gostando as adivinhas que don'Ana punha, minha madrastra veio-me tirar da janela e nem dei conta a chegada de capitão Abano. Mas durante o resto da noite fiquei ainda acordado a pensar o Zeca e o Xoxombo e naquelas coisas que o menino tinha escrito no caderno. Na imaginação do Zeca e na esperteza do Xoxombo, parecia mesmo um mais-velho; e também essas conversas do meu pai e da minha madrastra, conversas antigas faladas na cama quando o sono não vem. Cadavez eram mais, o pior era mesmo no fim do mês. Xoxombo e Zito contavam que os pais e as mães falavam muito esses casos do preço das coisas de comer, na quitanda de sô Antunes. Ele só dizia que era a guerra, mas não aviava o que as mães mandavam os miúdos buscar e andava ameaçar que só ia vender com dinheiro, não queria aceitar mais vale.

Foi assim que, numa tarde, no caminho da escola, o Xoxombo pelejou no Antoninho. Xoxombo disse que o pai dele estava ficar gordo com a nossa fome e ele respondeu que as nossas famílias eram negros matumbos. Que o pai fazia negócio com os arcos dos barris, com as garrafas vazias, com pneus velhos, sucata e que as nossas famílias eram mangonheiros.

Xoxombo não esperou dar café nem nada. Deitou a saca no chão, agarrou-lhe na capanga; o Antoninho deu-lhe um pontapé e começaram lutar, os outros é que separaram. O filho do capitão Abano contou, depois, que tinha pelejado porque, de manhã, sô Antunes lhe mandou embora sem açúcar branco nem a manteiga. A Tunica não ouviu ele dizer na mãe e começou pedir manteiga e então sá Domingas bateu-lhe na cara. Xoxombo, quando viu a Tunica chorar com a chapada e sá Domingas sair embora triste, no quintal, jurou na palma da mão que ia pelejar no Antoninho.

Mas o que doeu mesmo mais no Xoxombo foi aquela tarde dos brinquedos.

2.

Começou um dia bonito, com muito sol, daqueles que só tem em Dezembro, em que as cigarras refilam nos troncos das acácias e o calor sem vento põe manchas vermelhas nos olhos da gente. Meio-dia quase, na sombra da gajajeira, os meninos falavam os brinquedos que iam ter de tarde, dos que gostavam.

— Ai, Zeca! Este ano vamos só receber nossas xatetes de corda, não é?

— Vão ter mas é tuji! — gozava o Zito, triste desde o princípio da conversa.

Discutiam se Menino Jesus é o mesmo que Papai Noel, cada um defendendo sua sabedoria, no meio dos sorrisos um pouco tristes do Xoxombo:

— Makutu! Meu pai diz é os pais dos meninos que põem os brinquedos!...

O Zito concordou, sabia muito bem, o pai dele também estava dizer a mesma coisa. O Zeca Bunéu ainda quis, com as partes dele, defender o Menino Jesus, mas Xoxombo aconselhou:

— Zeca, deixa só! Se você encontra lá no sapato, te juro é o teu pai que põe lá. Como é o Papai Noel podia carregar os brinquedos para todos os miúdos?

O Zeca calou-se, resmungando qualquer coisa, mas quando chegou na hora do almoço recomendou para o amigo lhe esperar, para irem juntos nessa tarde. O Zito saiu embora mais cedo, estava mesmo muito triste, não tinha senha de receber brinquedos. Nesse ano ainda começou ir na escola outra vez, mas depois teve de sair. O pai andou sem serviço uns meses e só o que a mãe lavava não chegava.

Na hora das três horas, com o calor pesando nas costas e o sol a brilhar lá em cima no céu muito azul sem andorinhas nem ferrões, Zeca e Xoxombo desceram na Ingombota, naquele caminho que leva no Casuno. Sá Domingas e dona Branca vieram na porta aconselhar juízo como sempre, ficando a ver-lhes afastar pelo areal abaixo, caminho da Pedreira. Nesse ano, a distribuição ia passar lá em cima, no jardim grande onde dantes tocava a música, é por isso os meninos saíram cedo para apanhar lugar e receber bons brinquedos.

Pelo caminho, andando com depressa como eles, encontravam outros miúdos, de quedos ou pé descalço, mas todos com a cara satisfeita, mostrando as senhas e falando os brinquedos que queriam. E o Zeca, contente sempre que via muita gente, ria e falava, gritava às vezes nalgum menino da escola dele, gozando. Xoxombo, no lado dele, com a bata branca bem engomada, caminhava pensativo.

— Xê, Xoxombo! Poça, você parece viu cazumbi!

— Não é, Zeca! Estou pensar este ano só deram-me uma senha...

— Deixa lá. Às vezes não precisa senha. Lembra nos outros anos?

Sim, nos outros anos era bom. Só as senhoras que apareciam lá na escola a dizer que ia ter distribuição de brinquedos indicavam o dia e o sítio e pronto: todos podiam ir. Mas nesse ano, não. Chegaram, os meninos levantaram alegres, já lhes conheciam, mas não falaram com eles. Deixaram o monte de senhas e foram embora. Depois a professora é que deu uma a cada. Como ia arranjar um brinquedo na Tunica?

Os pés suados, cobrindo-se do pó vermelho da areia, vinham de todos os lados da Ingombota, da Mutamba, do hospital, apareciam mais miúdos, alguns de bata, alguns mesmo vestindo calção de fazenda e sapato de cabedal; outros, os que vinham mais lá de cima, doutros musseques, correndo de pé descalço. As miúdas da «Kibeba» passavam em fila, com a sua farda descolorida de encarnado, rindo e olhando, a velha professora sempre a ameaçar. Nas suas caras tristes tinha, naquela hora, mais alegria, os olhos brilhavam quando se metiam mesmo com elas.

Subindo o Casuno, Zeca e Xoxombo chegaram no Largo do Palácio. Aí, uma multidão empurrava-se até na estátua, mexendo parecia é o mar com a calema, na direcção das grades verdes do grande jardim. Meninos e meninas das escolas e colégios da Baixa, com

suas fardas caqui-verdes ou batas brancas bem engomadas, esperavam, impacientes, na forma. As professoras, o suor a correr parecia era chuva, abanando-se com o jornal, tomavam conta. Às vezes corriam no fim da forma para puxar as orelhas ou pôr chapada naqueles que saíam da fila para descansar na sombra ou para falar nos miúdos atrevidos. O sol malandro não tinha vestido nuvens nesse dia e sorria, arreganhando na cabeça de todos. Assim o Keko, filho do sô Laureano da Câmara, desmaiou e lhe levaram na torneira do jardim, para molhar a cabeça. E, pelo meio das filas, uma quantidade de miúdos desordenados que tinham vindo sozinhos, corriam, brincavam, davam pinhões nos outros e as suas gargalhadas e insultos perturbavam as sérias professoras que falavam não havia direito deixarem vir assim a malandragem dos musseques para o meio dos meninos educados.

As grades do jardim estavam cheias de criançada, pareciam fio da luz carregado de pardais. Gritos que estava na hora; assobios, pedidos para as senhoras lá dentro, tudo isso fazia uma confusão no ar que o Zeca Bunéu gostava. Empoleirado numa grade, ria, batia as palmas enquanto Xoxombo punha os olhos grandes nas largas mesas cheias de brinquedos. Era tambores, era cornetas, era carros, apitos, bonecos, tudo. As senhoras, suando, abriam mais sacos, tiravam mais, punham montanhas de coisas que admiravam os olhos e a boca de todos.

— Mira só, Zeca! Xatete de corda é muito!

— Mía siôra, me guarda aquela carrinha!

— Só quero aquele tambor!

E então nas quatro horas ninguém que podia com a confusão. Doceiros andavam no meio da gente vendendo os doces de jinguba, de coco, micondos e quitaba, perseguidos no grupo dos mais malandros que queriam tirar mesmo sem pagar. Mães de meninos passavam com os miúdos pela mão, para não perder. Os policíias, de farda branca dos dias de feriado e os cipaíios com as botas engraxadas, apareciam para berridar quem pisava no capim, nos canteiros, quem sentava no passeio, quem bebia na torneira, quem atravessava na rua...

De cima das acácias floridas do largo, carregadas de camisas brancas, azuis, verdes, parecia era pássaros, alguns começaram mijar em cima de quem estava cá em baixo. Foi uma confusão, com os policíias a sacudir os paus e os miúdos, agarrados pareciam cigarras, a rir lá em cima. E depois deixavam-se cair na relva e fugiam para a grande multidão da porta, reviegando nos cipaíios.

Aí mesmo é que era impossível ficar. Meninos e meninas, mamãs e papás apertavam, empurravam, pisavam, mas ninguém que queria sair, e a porta não abria. Chorando, passou um miúdo com seu fato azul de marinheiro, chamando a mãe. Xoxombo e Zeca riram o infeliz e logo-logo alguém fez-lhe pouco:

— Aiuê, aiué! Os meninos vão-me comer! Mam'etu'ê...

— Xê miúdo! Quando você faz chichi sua mãe lhe pega?

Foi então que no grande carro preto chegaram um senhor alto de fato branco e uma senhora com vestido verde; os policíias começaram afastar os meninos com jeito e falando bem, parecia tinham é medo do senhor do fato branco que adiantou sorrir na gente, passando a mão na cabeça dos miúdos mais perto, a mulher dele dava um beijo numa menina que entregou-lhe o ramo de flores.

De dentro do jardim, puxando os vestidos para baixo e penteando com os dedos, cada qual

a querer passar na frente da outra, as senhoras vieram nas corridas abrir a porta. Nessa hora, os policiais quiseram segurar a miudagem para o senhor do fato branco entrar devagar, mas qual, não puderam. Sem respeito, aos gritos e gargalhadas, por cima das flores, os montes de miúdos empurraram e desataram a correr na direcção das mesas. Os que estavam pendurados nas grades saltaram o muro debaixo das pancadas dos policiais zangados e, atropelando os vasos, lançaram-se também para os montes de brinquedos.

Foi uma confusão maluca. Meninos mais velhos empurrando os monandengues, pisando nas meninas que começavam chorar e a chamar a sô pessora, pinhões, pelegas mesmo ali, vasos a cair, as flores partidas, gargalhadas, gritos e os mais atrevidos, já na frente, agarrando os brinquedos e escondendo na camisa, as senhoras a bater reguadas e os policiais a empurrar e chapar mesmo os mais salientes.

De repente, no meio deste barulho todo, o senhor do fato branco apareceu atrás das mesas. Era muito alto, toda a gente lhe viu. Por um tempo, parecia feitiço mesmo, tudo ficou calado. Podia-se ouvir o vento a rir da confusão nas folhas das árvores e das buganvilias de muitas cores, cheias de borboletas; os passarinhos a cantar lá em cima e a música da água a cair no tanque grande, lá no fundo do jardim, descendo nas pedras vestidas de avencas e fetos.

Cá fora, na rua e no largo, ainda tinha o barulho dos passos e das palavras dos atrasados, correndo. No céu sempre azul, o sol ria os meninos de pé, sem chapéu, esperando os brinquedos. De senha na mão, os da frente ficaram a ouvir, sem perceber nada, o discurso que pôs o senhor do fato branco, falando a educação, o civismo, brinquedos, o Menino Jesus. Quando ele acabou de falar a conversa dele, as senhoras todas bateram as palmas e começaram a atirar fitas de papel azul, verde, amarelo, que subiam no ar e se deitavam em cima das trepadeiras, prendendo-se depois nos braços, nos pescoços, nas pernas dos miúdos e ficando a cobrir o jardim com uma grande teia de aranha de papel colorido.

Assim, começou a distribuição. As senhoras, suadas, davam brinquedos para todos os lados, sorrindo ou xingando, não podendo aviar todos os miúdos que empurravam as mesas, abanavam as senhas, gritavam, pediam:

— Só quero uma corneta!

— Me dá embora aquele carro!

— Ai minha siôra! P'ra quê eu quero a boneca, não tenho irmãs!

E nessas exigências começaram tirar nuns para dar nos outros; os que lhes recebiam começavam chorar ou pelejavam com os novos donos; as senhoras, aflitas, gritavam para os policiais separarem os que já tinham brinquedos; os policiais não esperavam: puxavam do cassetete, levantavam em cima da cabeça e com a outra mão, toca de empurrar; os que ainda não tinham, iam na confusão da berrida, outros levavam mesmo mais brinquedos.

Naquela confusão do princípio, Zeca se separou do Xoxombo, muitos miúdos deram-lhe pinhão e quando gritou pelo amigo só o barulho de todos é que respondeu. Mas pensou bastava assobiar assobio lá do nosso musseque, na saída ia-lhe dar encontro com certeza. Assim, correu para a mesa na frente dele, gritando:

— M' nha senhora! M' nha siôra! Quero só uma camioneta de corda, uma camioneta de corda!

Agarrou ainda um miúdo que estava querer passar, e quando viu a professora do

Xoxombo chamou:

— Ai, menina Cândida! Menina bonita! Me dá só a xatete de corda!

Esse Zeca era um descarado. A professora quando ia a passar ouviu mesmo as palavras desse Zeca Bunéu sem vergonha, viu os olhos malandros do menino, com a boca toda aberta num sorriso, sacudindo a senha.

— Mas tu não és da minha escola?

— Mas eu conheço mesmo na menina, menina Candinha, me dá só...

E o Zeca insistia, empurrava a mesa, esticava o braço, pedindo a xatete, aquele brinquedo que ele tinha sonhado, para carregar a areia, os burgaus, zunir com ela nas curvas, brincar de chofer lá no musseque. Desde essa hora atrás das grades, estava mirar aquela xatete grande, encarnada, com pneus de borracha mesmo, e agora esticava o pescoço, os olhos, os dedos, mostrando bem o brinquedo que queria.

A professora mirou na cara do Zeca, aquela cara de malandro que toda a gente gosta. Sorrindo, foi no monte de brinquedos onde que estava brilhar a camioneta de corda. Azar do Zeca! Nessa hora, quando ia-lhe agarrar, um senhor magro, professor da Escola Sete, apareceu com as pressas dele, começou dizer é preciso despachar, já são cinco horas, pegou um apito, deu no Zeca e recebeu-lhe a senha.

— Pronto! Vai-te embora. Vêm para aqui estes miúdos vadios... musseque, musseque!...

Se o polícia desse com o cassetete na cabeça do Zeca, ele não ficava assim como ficou, não. Zeca Bunéu não é miúdo de chorar, lhe conhecemos bem; mas naquela hora nada que ele podia fazer: parecia era torneira, as lágrimas a correr, a sair sem soluços, só o choro. No coração do Zeca parece tinha-se partido tudo, nada que valia a pena agora, sem xatete de corda, sem senha, empurrado assim pelo senhor magro, quando a menina bonita ia-lhe dar a prenda. Palavra que aquela xatete ele não ia estragar, ia-lhe guardar e tratar bem, a menina era bonita, nem sabia como é o Xoxombo não gostava dela.

As lágrimas quentes a correr na cara, o menino saiu, levando empurrões de todos, parecia era boneco. Com o apito na mão, sentou no capim, sem força para andar. Já tinha menos barulho, o vento se ouvia melhor, brincando nas folhas, mas não ria. Conversava devagarinho, devagarinho, os paus pareciam estavam com pena do Zeca.

Fora do jardim o barulho continuava, ruído de todos os brinquedos e de todas as alegrias, das trocas, das cassumbulas, dos roubos dos mais velhos nos mais novos; lá dentro, as plantas quebradas, o capim pisado e arrancado, os vasos espalhando a areia e as flores pelo chão, misturando-se nos papéis brancos das senhas, correndo por entre as fitas azuis, verdes, amarelas enroladas pelo chão, parecia tinha passado ali o vento dos dias de chuva. As senhoras, despenteadas e suadas, distribuíam os últimos brinquedos nos mais miúdos, já só apito, língua-de-gato, ventoinha de papel.

O sol da tardinha, triste também, queria ainda espreitar por cima do Palácio. E o choro do Zeca pesava, fazia-lhe continuar ali sentado, a pensar a xatete encarnada que andava querer muito tempo. Deixava as lágrimas cair na cara queimada do sol do musseque e, com a raiva dele, pisava o capim verde, estragava. Não sei o que o Zeca ia fazer, naquela hora, se não aparecesse o Xoxombo. Coitado do Xoxombo! A bata suja e rota, um olho magoado, o ranho a correr na cara, chorando também.

— Xoxombo! Xoxombo! Quem te bateu? Diz já Xoxombo, diz já p'ra lhe agarrarmos!

É assim o Zeca. Quando alguém está mal, ele fica logo bom para lhe ajudar. Sem parar de soluçar, Xoxombo mostrou-lhe a língua-de-gato amachucada.

— Xoxombo! Diz então? Te bateram?

O menino fez que sim com a cabeça e depois, engolindo lágrimas e ranho, começou contar:

— A sô pessora me deu-me uma xatete de corda que eu lhe pedi. Depois, na confusão, um senhor me tirou a xatete e deu num miúdo branco que estava pedir!

Limpando as lágrimas na manga da bata suja, Xoxombo falou que tinha refilado, mas o polícia ainda puxou-lhe as orelhas e ele então pelejou no miúdo que tinha-lhe roubado a xatete.

— A sô pessora veio separar e me deu esta porcaria!...

Arrumou com o brinquedo e, com a raiva dele, pisou até ser só um buraco sem feito, ali no chão.

*

No fim da tarde que caiu devagar, enquanto meninos subiam a Ingombota ou desciam para a Mutamba, rindo seus brinquedos, mostrando uns nos outros para fazer raiva ou fazendo pouco, Zeca e Xoxombo, abraçados, não falavam para ninguém. Vieram pelos becos, pelos caminhos do areal, devagarinho, Xoxombo chorando às vezes, Zeca insultando o senhor do fato branco, as professoras, os meninos da forma, toda a gente. Quando estava zangado, ninguém que escapava.

Só quando não tinha mais sol nas ruas é que apareceram no nosso musseque. Tristes, rotos e sujos e sem brinquedos. As mães já estavam zangadas, indo e vindo nas portas, os outros miúdos já tinham passado muito tempo. Por isso Xoxombo não escapou o guico de sá Domingas, mas ele não tinha mais lágrimas de chorar. Deixou ainda bater e depois, no quarto, Tunica demorou tempo a lhe consolar, para dormir. Em casa do mestre sapateiro só passou barulho, dona Branca meteu no meio e apaziguou. Mas durante dois dias ninguém mais viu o Xoxombo ou o Zeca na brincadeira.

Esta conversa também nunca mais falaram para ninguém. Deitaram fora as camionetas de papelão que eles tinham feito e, no caderno dele, uma noite, o Xoxombo escreveu:

« Eu e o Zeca fomos nos brinquedos. Nos meninos brancos deram camioneta de corda e a mim não porque sou muito preto. Mas no Zeca também não deram e ele é branco. O filho de só Laureano da Câmara recebeu. Não percebo.»

Tem muitas coisas eu ainda não percebi nesta história do Biquinho e da família dele. E nem mesmo com a ajuda de Carmindinha e da imaginação do Zeca Bunéu adiantei. Zeca não serve para esta história sem malandro e Carmindinha era mais velha, não conheceu bem o nosso companheiro. Sozinho, não tenho mais coragem de escrever só a confusão que fez o Biquinho e a família dele saírem no nosso musseque. O melhor é mesmo falar primeiro as pessoas; e depois contar os casos.

Biquinho

Biquinho era nosso mais velho e quando começou andar na escola já estava crescido. Zeca Bunéu dizia que, na segunda, o menino era um mestre, ninguém que lhe apanhava nas contas e na tabuada. Mas não adiantou na terceira. A sô pessora ficou com pena dele, mas nga Xica não podia lhe trazer mais lá na escola.

Magro e alto, uma cabeça grande com carapinha muito preta, Biquinho, na hora do perigo ou das partidas, ninguém como ele. Não fugia nem de policia, como nós. Sempre calado, a gente só lhe via irritado quando púnhamos aquelas conversas do musseque por causa do sô Augusto. Dessas conversas dos nossos pais e vizinhos tirávamos assunto para xingar o Biquinho. Mas enquanto todos lamentavam de infeliz nga Xica e, às vezes mesmo, insultavam sô Augusto de bêbado e outras coisas, Biquinho desculpava, arranjava sempre uma maneira para defender o pai, falando com orgulho:

— Ená! Se eu soubesse o que tem no livro dele?! Juro, homem como ele não tem aqui no musseque, Zeca. Se você quer, um dia ele faz electricidade no teu pente!

— Makutu! Não credito!

— Juro sangue de Cristo!

A gente duvidava, que não podia ser, e Biquinho falava o pai dele passava os dias a ler

naquele livro grande que todos conheciam.

— Os vossos pais são mas é matumbos! — dizia o Biquinho quando a gente fazia pouco o livro do pai. — Aquele livro lhe deram no patrão dele!

E falava, vaidoso, quando sô Augusto fez quinze anos de serviço lá na oficina, o patrão lhe ofereceu aquele livro. Mas não era ideia da cabeça do patrão, não senhor. Sô Augusto é que pediu mesmo o livro da electricidade.

Então sempre que passava confusão na cubata do Biquinho, nosso musseque já sabia como acabava: sô Augusto saía debaixo da vassoura de nga Xica, segurando o livro, cambaleando do abafado ou do palhete da quitanda do Rascão e vinha para a rua ameaçar. Nessa hora, os miúdos corriam para ele. Quando nos via, o pai do Biquinho estendia o braço por cima do areal, apontava as casas novas e gritava:

— Vou destruir tudo, tudo! É o meu feitiço!...

Os olhos brilhavam e os braços tremiam enquanto falava.

— É só carregar no botão. Não fica nada!

Biquinho chegava para ele com os olhos a querer chorar, e só quando lhe via assim sô Augusto parava as ameaças. Agarrava a cabeça do filho, sentava com o livro no joelho e lamentava:

— Ai mon'ami, mon'ami, a-ku-vualele uaxikelela, a-ku-vualele uaxixima...

Depois, quando a gente sentava à volta dele, sempre tirava um bocado de lápis e desenhava máquinas e circuitos e dínamos, falando era para destruir a cidade, a oficina do Bungo, aquelas casas novas que estavam a crescer pelo areal adiante, por cima das cubatas derrubadas.

No musseque todos já sabiam aquelas ameaças do sô Augusto. Muita gente estava dizer qualquer dia vinham-lhe buscar para levar no Hospital da Caridade, onde que estão os malucos ou, pior mesmo, na polícia. Só os meninos sentavam sem medo e ali ficavam até cair a tarde, ouvindo falar a electricidade, dínamos, vinganças terríveis, coisas que a gente não sabia mas assustavam. E quando ele saía embora com o livro dele, caminho de casa, ficávamos ainda calados, Xoxombo pensando e Zeca Bunéu depois gabava:

— Pópilas, Bico! Teu pai é mesmo esperto. Pena ele estar a beber todo o dia...

— Vocês não sabem, Zeca!...

— Ih! Não sabem é o quê? Teu pai é chalado! — dizia o Zito.

Mas o Biquinho nunca que deixava insultar no pai. Metia logo chapada ou bassula no Zito e pelejavam. Ninguém que lhe disparatasse no pai! Nem que fosse mais velho, como o Zito, não fazia mal, o Biquinho lutava. E quando acabava a luta, perdendo ou ganhando, tanto fazia, ele saía a sorrir e falava para nós:

— Esperem! Um dia vou ser como ele, vocês vão ver! Electricista! Ninguém de vocês que vai perceber como eu, só podem ler nos vossos livros...

Biquinho se afastava para casa. Às vezes, nga Xica já estava chamar na porta. Então, cada qual vinha também pelo capim abaixo e a nossa conversa era quase sempre as palavras de sô Augusto, pai do Biquinho, nosso silencioso companheiro.

Falar a mãe do Biquinho é bom. Ela era nossa amiga, não estava com as manias de dona Eva, mãe do Nanito, ou mesmo dona Guilhermina ou dona Branca. Sempre tínhamos nossos micondos ou doces de jinguba que ficavam um bocado queimados. Dona Guilhermina, esses não aceitava receber, só queria pagar os bons. A mãe do Antoninho dava o açúcar, a jinguba, a farinha. E o trabalho de nga Xica, fazer aqueles doces que a gente tinha vontade de roubar na hora de arrefecer na tábua de lavar, a mãe do Biquinho recebia em coisas de comer na quitanda do sô Antunes.

Dona Guilhermina tinha este negócio dos doces e arranjava muito dinheiro. Ela mesmo quem se gabava. No princípio estava só com um miúdo, mas quando passou este caso, a mãe do Antoninho mandava já quatro criados vender na calçada da Missão, no campo dos Coqueiros, na Baixa ainda, os doces que nga Xica fazia.

A nossa amiga estava muito magrinha do trabalho de todos os dias. Parecia mesmo uma miúda, Carmindinha ao pé dela era mais velha. Mas quando a gente chegava perto e via os olhos da mãe do Biquinho, então sabíamos que a senhora sofria. Parecia estavam sempre lavados, sem brilho e sem cor. Don'Ana dizia era o calor do fogareiro e do ferro. Sá Domingas falava a infeliz chorava o seu homem; mas todas as vizinhas lamentavam a amiga, dia inteiro no ferro, no fogão, na selha e sô Augusto gastando o dinheiro na quitanda do Rascão, com os amigos no vinho. Um dia, capitão Abano perguntou-lhe:

— Ouve ainda, nga Xica! Porquê não arranja os miúdos para vender os doces?... Assim estava lucrar mais!

E embora na hora da zanga nga Xica batesse de vassoura em sô Augusto, não gostava falar mal do homem nas outras pessoas. Desculpou só:

— Tem razão, mano! Mas sabe, Augusto não pode arranjar os tabuleiros...

— Sukuama! Com um caixote de sabão, vai ali na oficina do Zuza e pronto!

Nga Xica continuou:

— Verdade mesmo! Mas sabe, é a licença da Câmara. Isso é que conta!

Todo o mundo sabia a mãe do Biquinho guardava o dinheiro para mandar fazer o tabuleiro e tirar mesmo a licença de vender os doces, mas sô Augusto sempre dava encontro e gastava na quitanda, apanhando bebedeira. Às vezes, à noite, quando o homem dela voltava assim na cubata, o dia inteiro passado lá na loja, a gente ouvia o barulho de nga Xica e de sô Augusto pelejando, com o choro do Biquinho pelo meio. A mulher dava-lhe surra de vassoura, ele só falava para desculpar mas nunca levantou a mão para a companheira. E mesmo com a cubata deles lá longe, para lá do imbondeiro, o musseque ouvia os gritos e lamentos da infeliz, chorando o seu dinheiro. As mulheres e as meninas mais velhas ficavam satisfeitas com estas confusões mas os homens acabavam ralhando em suas casas. Maliciosas, trocavam entre si, nas portas, palavras e risos:

— Ala poça! É só beber o dinheiro da coitada!/? Bem feito!

— Se fosse meu homem... lhe mandava na esquadra!

— Não há direito, mana! — dizia don'Ana para a mãe de Zito. — A coitada todo o dia na

selha e ele a beber o trabalho da infeliz.

Só sá Domingas, de vez em quando, lembrando outros tempos do princípio do musseque, dizia:

— Aiuê! Quem lhe conheceu... O patrão até vinha lhe trazer no carro, mana! De carro, cá em cima! O rapaz estava trabalhar no Bungo...

— Parece puseram-lhe feitiço, mana Domingas! Um homem como ele, virar assim?!...

Don'Ana duvidava com a cabeça, capitão Bento Abano acrescentava:

— Já fomos muito amigos! Verdade! Homem inteligente como ele... não percebo!

E a conversa saía outra vez para nga Xica, agora magrinha e feia, bessangana bonita como era nos seus tempos de rebitas e massembas. E a noite se fechava com elogios à beleza antiga e aos trabalhos de agora, sempre no ferro, na selha, no fogão, o dinheiro nem dava para continuar Biquinho na escola.

Sô Augusto

Quem não lhe tivesse conhecido antigamente não podia acreditar logo que Augusto João Neto tinha sido encarregado geral da electricidade, na grande oficina lá em baixo, no Bungo, onde já existia muito tempo.

E era mesmo a verdade, sabida e confirmada nos mais-velhos ali no musseque, o capitão e sua mulher, o pai do Zito e outros. Mas a diferença entre Augusto João Neto de antigamente e sô Augusto de agora era tão grande que a gente não acreditava. Mas quando ele falava, desenhava as máquinas, mostrava as coisas do livro dele, fazia electricidade no pente e outros feitiços, então deixávamos de discutir o caso com o Biquinho.

Desde que nos lembramos de estar ali no nosso musseque, lembramos sô Augusto. Não sempre bêbado, é verdade; nem falando sozinho, com o livro aberto na palma da mão e apontando, arreganhador, as casas novas que apareciam no areal. Nalguns dias de manhã, mais calmo, saía na Baixa e nga Xica falava ia procurar serviço.

Numa noite sá Domingas falou muito este seu vizinho na don'Ana que estava sempre a dizer mal dele. E nós ouvimos, olhos abertos, falar o filho do comerciante da Funda, que o pai mandou em Luanda estudar no Seminário. Bento Abano, no seu canto, largando o jornal, acrescentou:

— Era uma inteligência! Ninguém sabe porquê, até hoje! Era rapaz já de dezoito anos, saiu no Seminário para ir aprender ofício na oficina!

— Muitas conversas que falam, mana, muitas! Olha, minha amiga Santa, dos Coqueiros, conheceu?, diz foi uma história de amores com uma cabrita que ia sempre na missa com a mestra dela, senhora do Palácio!...

A gente se chegava mais, esticava as orelhas, ouvindo falar amores, mas capitão Bento só gostava contar o emprego de sô Augusto e interrompia:

— Operário como ele não tinham. Depois lhe fizeram encarregado. Electricista como Augusto João Neto, em Luanda não havia, nesses tempos...

E nas caras caladas de todos, falava, falava do valor daquele filho do povo, como gostava de dizer, dos elogios dos patrões, da consideração e respeito de toda a população.

— Não minto, Deus sabe! Quando veio o Presidente Carmona, em 38, ele é quem pôs a electricidade na Feira!...

E isso era ainda tão próximo que até eu lembrava. Essa prova, que o capitão guardava para o fim, convencia todos os vizinhos, mesmo o pai do Zeca que dizia negro não passa de aprendiz.

Numa noite dessas conversas o Xoxombo se meteu:

— E aquele livro dele é o quê então?

Sá Domingas virou para calar o filho mas pediu no homem dela:

— Diz ainda, Bento! Estes meninos...

Com sua voz calma, habituada a comandar no caïque, Bento Abano foi falando, pela noite dentro, da aplicação do operário, nas suas noites estudando todos os livros que arranjava com seu dinheiro, até ao dia em que, fazendo quinze anos de serviço, o patrão lhe ofereceu aquele livro grosso, mistério de todo o musseque e maravilha dos miúdos.

Mas a história de sô Augusto não era assim tão sabida, estava também cheia de sombras, de casos que ninguém explicava. O operário falava pouco, só gostava conversar os assuntos de todo o mundo e de todos os dias. A saída no Seminário, a saída no emprego e mesmo aquele casamento com nga Xica, num tempo em que Augusto João Neto era considerado entre todos, eram mistérios.

— Ninguém que sabe bem. O que é verdade, é que ele foi despedido! O engenheiro, o filho do velho, veio tomar conta da oficina. Daí é que começou a beber, a procurar serviço, a faltar, a ser despedido. Sempre falando as invenções dele...

A voz do capitão, sossegada e com aquela maneira das gentes do mar, sussurrava nos ouvidos, nessa noite quieta e quente. E a todos nós, meninos que gostávamos as histórias e as máquinas e feitiços de sô Augusto, as palavras do velho capitão acordavam na nossa cabeça a figura alta e magra, um pouco cambaleante, o livro de electricidade numa mão, a outra estendida ameaçadora pelo areal abaixo.

E para o Xoxombo, aluno na Missão Evangélica, o pai do Biquinho virava aqueles velhos de barbas que estavam na Bíblia e que, no princípio do mundo, andavam falar a vinda do Messias.

Uma paz que vinha de tempos antigos, que nem eu nem os outros miúdos do musseque lembrávamos, mas as mães e os homens, nas portas, à noite, conversavam agora, manteve amigas e vizinhas aquelas famílias, mesmo com as conversas e confusões e as zangas e as pazes que, às vezes, pareciam estragar a vida, mas que eram afinal essa paz de longa vizinhança e amizade...

Assim falavam o mestre de barco de cabotagem, don'Ana, Sebastião Domingos Mateus, pai do Zito, até mesmo o pai do Zeca, antigo já ali no musseque. E essa paz que não sabíamos e que vinha, no cacimbo, com as manhãs orvalhadas e no calor com o sumo dos cajus em Dezembro, que voava em bandos de gungos e januários e nos rodeava no capim das primeiras chuvas, começou a ser falada com saudade e com medo na hora que, pela Ingombota acima, telhados vermelhos de casas começaram espreitar o nosso musseque com seus olhos invejosos.

Muitos papéis da Câmara tinham sido entregues nas pessoas lá para os lados do Braga e a gente soube, meses mais tarde, que o tractor veio com os serventes e deitou abaixo as casas, alisando o terreno. E as pessoas que não tinham acreditado no papel tiravam suas coisas nas cubatas, nas corridas, na hora dos serventes despregarem as chapas de zinco e, ainda quentes dos moradores, as paredes resistiam na face do tractor, para depois, duma vez só, a máquina entrar por cima de tudo, no meio da poeirada vermelha do barro desfeito. Homens de sombrinha e óculo para espreitar punham sinais com os braços e monangambas andavam com umas tábuas riscadas. Camionetas começavam a carregar burgau e areia do Bungo. E a paz do nosso musseque, mesmo com o capim verdinho e os cajus ao sol de Janeiro, cheirava às vezes ao fumo do tractor e cobria-se de fina nuvem de poeira que o vento do Mussulo empurrava, à tarde, para cima de nós.

Nosso azar também chegou.

Foi numa manhã. De todas as famílias de nosso musseque, só o pai do Biquinho recebeu papel, estavam morar longe, para lá do imbondeiro, perto já do Braga. Sô Augusto disparatou o branco que lhe entregou o aviso, ameaçou destruir a Câmara, foi buscar o livro, mas nga Xica apareceu, pediu desculpa e meteu o homem na cubata, antes que passasse mais confusão. E quando passavam os que estavam fugir lá mais para cima, Burity, Terra Nova, com as imbambas e os monas pelo areal fora, sô Augusto vinha com o livro aberto, ameaçava:

— Não saio de minha casa! Pago a renda, ninguém me tira nem com a porrada!

— Ouve ainda, mano Augusto, você sabe com a Câmara é assim...

Sô Augusto crescia os olhos parecia onça e arreganhava:

— E o que eu inventei? Só carrego no botão...

Nga Xica ainda andou procurar casa noutro sítio mas, cada dia que saía, ninguém que ficava para fazer o trabalho e a comida depois faltava. A gente via o tractor correr pelo capim, com os dentes amarelos a destruir tudo e avisava nga Xica: um dia ia de chegar ali e, depois, sucedia como a senhora Fefa que escapou morrer dentro da cubata.

— Branco não tem coração! Chegam aí, nem que você se põe lá dentro, mana, derrubam!

Nga Xica não aceitava. Ela mesma queria se convencer, pensava ia pedir no homem do tractor, lhe deixava ficar. Estava morar muito longe das casas novas, não iam precisar a

cutubata dela para nada. Sá Domingas vinha, aconselhava; capitão foi ainda falar no sô Augusto para fazer um pedido no sô Laureano da Câmara, mas era difícil não lhe encontrar bêbado e ameaçador.

E o tempo correu, os cajus maduros caíram no chão e o capim começou a ficar seco. Biquinho saiu na escola, foi na oficina. Zito, com uma confusão do dinheiro do doceiro, lhe levaram na esquadra. Com as férias e muito sol, sem esses dois companheiros, nesse dia em que o tractor apareceu outra vez, amarelo e novo, correndo pelo areal, fumando o fumo preto e ameaçando com a faca bem afiada, eu, o Zeca Buné e o Xoxombo estávamos brincar às quigozas. Era um jogo que cansava. De tarde, sem vontade, ficámos debaixo da gajajeira falando nossas conversas.

O dia estava bonito, os bigodes do Zito cantavam na gaiola de alçapão do menino. De noite tinha caído uma chuva muito boa que molhou bem a terra vermelha, refrescou o ar e lavou os ramos dos paus que cresciam pelo capim. As flores brancas, as buganvílias, as mandioqueiras cheiravam até dentro das cubatas.

Quatro horas já passava. O sol não magoava mais e essa tarde ia ser uma calma tarde de férias mas o tractor veio logo de manhã. Com sua voz rouca, vomitando fumo estragava o vento até debaixo do pau onde estávamos. Nga Xica sentiu o barulho, veio na porta mas depois, vendo-lhe lá muito longe, voltou para dentro fazer o matete do Biquinho. E só quando o filho saiu embora foi acordar sô Augusto que estava dormir na esteira.

— O tractor veio...

— E depois? Tenho nada com isso?

— Ai homê, não fala assim só. Você não percebe vem para nos correr?

Sô Augusto bocejou e virou no outro lado. Nga Xica, com aquele pressentimento no coração, saiu e foi aconselhar com suas vizinhas. Sá Domingas achou o melhor era ir mesmo falar com o homem do tractor para saber a verdade.

— P'ra quê você tem um homem, mana? P'ra quê então? Ala chiça! Ele é que vai falar no branco!

E quando nga Xica saiu mais confortada, caminho de casa, Xoxombo, que espreitou a conversa, veio nos avisar; mas nessa manhã nada que sucedeu. O tractor estava ainda trabalhar longe, lá em cima, nos cajueiros grandes e só o barulho e o fumo dele é que chegavam dentro da cubata.

Onze horas já sô Augusto saiu sem falar na mulher e nga Xica, o coração apertado, ficou na porta ora olhando o homem afastar pelo capim ora espreitando a máquina amarela a rugir lá em cima contra os troncos dos cajueiros velhos. Mas só mesmo depois das quatro horas é que sucedeu. O tractor virou para baixo, caminho do Makulusu, e veio com depressa, correndo por cima da areia e do capim, engolindo os quinjongos, espantando os catetes. A faca, na frente, afiada, brilhava no sol. Nga Xica estava na porta, pequeno descanso depois da selha, e o barulho do motor adiantou nas suas orelhas. A mãe de Biquinho levantou e o vento encostou no seu corpo de miúda magrinha o barulho da máquina.

— Aiuê Ngana Zambi'ê! Chegou a hora!...

Nem que fechou a porta, apanhou o papel que o branco tinha trazido muito tempo e começou a correr, chorando e gritando:

— Nakuetu'ê! Vizinhos, acudam! Minha desgraça!

Xoxombo e Zeca foram os primeiros a ouvir. O Antoninho desceu da gajajeira e nos avisou:

— Mãe do Biquinho vem aí com as corridas!

Quando nga Xica chegou na cubata do capitão já don'Ana, a mãe do Zito, dona Branca e os meninos estavam a lhe esperar.

— Aiuê, lamba diam! O tractor está a vir mesmo.

— Deixa ainda, Xica! Calma!

— Não posso, não posso, mana! Como vou fazer então? Ninguém p'ra me ajudar.

A mãe do Biquinho abanava a cabeça para todos os lados e dos olhos usados as lágrimas corriam. Sá Domingas entrou em casa dela, calçou suas sandálias, e com Carmindinha e Tunica disse nas vizinhas:

— Quem quiser vem nos ajudar. Se Bento estava, ele ia falar no branco, talvez o homem aceita esperar...

— É melhor mesmo!

Com os miúdos atrás gabando o tractor e nga Xica no meio já com as lágrimas caladas, o grupo partiu pelo carreiro no meio do capim, debaixo dos olhares de dona Branca, na porta com seu marido, mestre sapateiro, dizendo:

— Deixa lá! Não temos nada com isso!

— Ó homem, mas a desgraçada vai ser posta na rua. Podias ir lá falar...

— Já foram avisados há muito tempo!

Quando chegaram, o tractorista já tinha descido do tractor. A máquina, calada agora, olhava de frente a cubata, a faca no chão, e um monangamba despejava gasóleo no depósito. Os meninos adiantaram correr e nga Xica avançou para a cubata. O tractorista andava dentro da casa, ouvia-se a voz dele a chamar:

— Não há ninguém em casa? Raça de negros!...

Sá Domingas adiantou com a vizinha e chocaram com um homem baixo e gordo, na saída da porta. Nga Xica insultou:

— Xê, ngueta! Então o senhor entra assim na casa do outro, sem pedir licença nem nada?!

— Não há direito, abusar assim as pessoas! — don'Ana levantou o punho na direcção dele.

Agarrado assim, o homem olhou o grupo de mulheres paradas, outras com os monas pela mão e, depois, mudando de conversa, falou bem:

— Não tenho culpa. Bati, não estava ninguém...

— E entrou logo assim, não é? Na casa leia?

— Está bem, já acabou. Quem é o dono?

Nga Xica adiantou.

— O teu homem?

— Não está.

— Não receberam um papel a avisar para ir embora até ao fim do mês?

— Recebemos. Mas a gente não encontrámos cubata para mudar.

O tractorista sorriu.

— Chiça! Em três meses não encontraram cubata? Queriam um palácio?

— Verdade, senhor! — meteu don'Ana. — A gente lhe ajudámos a procurar.

— Cala a boca! É tudo uma cambada de aldrabões.

Sá Domingas, don'Ana e a mãe de Zito ainda insistiram, o homem não aceitou. Refilou que tinha ordens, a Câmara tinha avisado e agora mesmo ia deitar a cubata abaixo. Um murmúrio de protesto se levantou do grupo da gente reunida, ganhou força, aumentou e algumas vozes insultaram:

— Ngueta da tuji!

— Cangundo ordinário!

Saindo no meio das amigas, nga Xica correu para casa e pôs o seu corpo magro a tapar a porta. Batido pelo vento, o vestido parecia uma bandeira.

— Você, seu cangundo, estás a fazer pouco porque são as mulheres, não é? Senão te rebentávamos as fuças!

— Pena o homem dela não estar! Escolheu mesmo a hora!...

O tractorista surpreso olhava as mulheres zangadas, a mãe do Biquinho na porta com a vassoura e os serventes, escondidos atrás do tractor, riam os casos em quimbundo.

Mandou:

— Dou meia hora, se quiserem tirar as imbambas. Depois disso, faço o que me mandaram. A cubata já devia estar vazia!

— Então vem cá, vem cá, cangundo! Te rebento-te as fuças!

Nga Xica nem parecia a senhora que a gente conhecia. Todas as veias do pescoço e dos braços se viam debaixo da pele e a vassoura fazia voltas de ameaça. As mulheres murmuravam, umas insultando, outras pedindo o favor de deixar ficar uns dias até arranjar outra casa. O tractorista, todo suado, olhava ora umas ora outras, mas não queria aceitar. Só quando a mãe do Biquinho, sem pensar mais nada, a gritar parecia era maluca, lhe pôs vassourada é que ele fez qualquer coisa. Agarrou-lhe na cintura e começou lutar para tirar a vassoura. Don'Ana e as outras amigas correram, os miúdos começaram a uatobar, os serventes rindo a bater as palmas e o tractorista, num minuto, estava cercado por um grupo ameaçador de mãos fechadas e bocas gritando. Berrou por cima do barulho todo, empurrou as mulheres uma a uma e depois falou, tentando convencer:

— Não tenho a culpa do que se passa! Porra! Fui mandado! Tenho que deitar abaixo a cubata hoje, amanhã vem o Presidente para ver o terreno. Merda!... Tirem as imbambas da cubata senão eu deito abaixo assim mesmo!

Nga Xica se atirou no chão a chorar de raiva, batendo mãos e pés na areia, insultando só Augusto.

— P'ra quê uma mulher tem homem? P'ra quê? Só para dormir na cama e fazer filhos? Bêbado, vadio!

As vizinhas lhe ajudaram a levantar e sacudiram a poeira da infeliz, lhe empurravam para a cubata. Os soluços e as lamentações chegavam cá fora e nem os serventes mesmo estavam rir mais. A gente viu o tractorista falar zangado as asneiras e andar para cima da máquina nos dando berrida, gritando parecia a gente ia-lhe comer no tractor. Pôs o motor a trabalhar, enchendo o ar com o cheiro podre do fumo preto, e as vizinhas e as meninas adiantaram trazer para fora as mobílias da família do Biquinho. A gente corremos também para lhes ajudar e todo o mundo, parecia era formigas, começou a trabalhar.

Fazia pena ver assim tudo atirado no chão de areia, aquelas coisas a gente conhecia, cada qual no seu sítio dentro da casa, bem arrumadas. Agora ali, no sol da tarde, tudo parecia era

porcaria, lixo. Na sombra da casa, na arrumação de nga Xica, esses objectos falavam na gente. O moringue dizia água fresquinha, a caneca falava quicuerra, as quindas farinha fina, farinha musseque... Posto tudo assim no chão, à toa, com depreza, para salvar, parecia mas é uma dixita.

As esteiras onde que estava nga Xica e só Augusto, a cama de ferro do Biquinho, velha e enferrujada, onde a gente tantas vezes pelejava, parecia era sucata. No lençol branco, os percevejos começavam passear assustados no sol e no barulho. As cadeiras sem o verniz muito tempo, a mesa com suas nódoas da comida saíam, e nga Xica e as vizinhas carregaram a sanga e a pedra, o fogareiro, os luandos, as painelas, os balaios...

Ficámos muito tristes a ver as coisas assim, a mala de madeira do Biquinho onde depois don'Ana veio meter a saca da escola, a pedra e o livro da segunda. O tractorista com mais respeito agora parecia, o motor estava calado e os serventes adiantaram ajudar a retirar tudo da cubata. Nga Xica veio com aquele velho quadro do Sagrado Coração de Jesus e outro, aquele que o Biquinho fez com o retrato do Presidente Carmona, e atirou-lhes também no monte.

Eram mais de cinco horas, o sol já não queimava nada e algumas lavadeiras e outras pessoas que adiantaram sair nos serviços começavam já passar, parando para perguntar, saindo depois a lamentar a sorte da vida.

Quando tudo estava já cá fora estendido no areal, os serventes adiantaram então tirar as portas e janelas. Nga Xica desatou a chorar. A cubata olhava as pessoas parecia tinha pena também. Ali tinha nascido Biquinho, ali tinha vivido tanto tempo, não acreditava ia sair naquela hora. As paredes vazias mostravam o sítio dos quadros, o sujo das moscas, os pregos espetados, as manchas de água da chuva. E depois, quando os serventes tiraram as chapas de zinco, ficaram de repente feias, todas nuas e velhas no sol sem telhado.

Ficámos todos calados. Podia se ouvir o vento nos paus, pássaros voando baixo, vozes de outra gente longe, o respirar suado dos monangambas a arrancar os zínco e o barulho das chapas a cair na areia. As amigas de nga Xica e as meninas mais velhas tinham sentado nas coisas espalhadas no chão, pensativas e tristes, e a mãe do Biquinho chorava um choro silencioso, só lágrimas.

— Pronto! Agora é que vai! Fujam, que podem apanhar com algum bocado!

O tractorista estragou assim aquele silêncio e a voz grossa dele ficou parecia corvo a ameaçar desgraça. O tractor gritou alto, cuspidando fumo e rapidamente, com a faca bem afiada onde o sol batia, a máquina correu para a cubata e encostou-lhe, gemendo e bufando. Sentiam-se as paredes a resistir, o barro vermelho e as canas de mãos dadas a aguentar, gemendo baixinho, mas, depois, tudo era só um grande barulho e bocados de barro e canas e poeira vermelha subindo no ar, com o vento do mar a enxotar para longe e a máquina amarela a correr maluca com o tractorista a tossir. A casa onde que tinha nascido Biquinho, o nosso silencioso companheiro, era só restos de paredes meio caídas que, com pequenos golpes da faca do tractor, caíam sem força já para ficar ainda de pé a falar uma vitória que não podiam ter.

As mães e as meninas, que tinham fugido, vieram a correr outra vez, para sacudir o pó das imbambas e afastar para o tractor acabar o trabalho. Os meninos, admirados, miravam com os olhos bem abertos a máquina feiticeira, alisando o chão, fazendo desaparecer tudo na

frente dela, nada que podia resistir, era dona.

Nga Xica, sá Domingas, a mãe do Zito e as outras vizinhas começaram arrumar tudo para levar no Bairro Operário. A mãe do Biquinho ia lá para cima onde que estava viver a irmã, na cubata dela ainda tinha lugar e nga Xica ia pedir, naquela hora de pouca sorte, para deixar viver os três num quarto. O melhor era mesmo para o Biquinho, o trabalho ia ficar mais perto, era só descer as barrocas e já estava na oficina da Boavista.

— E agora, mana, para levar as mobílias, como vai fazer?

— Não sei nada! Espero Augusto. Poça! Esse homem tem que resolver!

— Sukuama! Se você fica esperar aquele bêbado, vai dormir com as coisas mesmo aqui.

O melhor é a gente adiantar pedir no branco do tractor...

— Ih!? Não aceita!

— Com jeito a gente pede. A carrinha dele está lá, debaixo do cajueiro. Lhe vejo daqui.

— Pede você, mana! Eu não posso mais. Minha raiva é muito grande. Se lhe apanho naquele bêbado...

Sá Domingas puxou seu pano no ombro e andou para o pau onde o tractorista estava já com o tractor parado, limpando as mãos.

— O que é, mais reclamações?!

— Não é! O senhor ouve ainda. Esta minha amiga, marido dela é doente. O senhor sabe as coisas estão pesadas para a pobre levar, é sozinha...

— E depois?

— Se o senhor fazia o favor podia-lhe levar nas coisas pesadas na carrinha, era um grande favor...

O tractorista olhou espantado sá Domingas.

— Homessa! Você é maluca ou quê? A carrinha é da Câmara!

Ficou um tempo a pensar, olhando a mãe do Xoxombo, as outras mulheres, as imbambas espalhadas pelo areal. Os olhos de toda a gente estavam postos na boca dele. Percebeu a espera e, sem falar uma palavra, afastou-se muito devagar para o cajueiro e veio depois com a carrinha.

— Eh! João e Toko! Carreguem as imbambas na carrinha, depressa!

As mulheres agradeceram com muitas palavras e nga Xica veio ainda desculpar a vassoura, mas sabe o marido é doente, o filho está embora a trabalhar na oficina e como é que uma pobre ia fazer então?

— Tá bem, tá bem, já conheço essa conversa...

Com a carrinha carregada, toda a gente despediu de nga Xica desejando felicidades, prometendo avisar Biquinho e só Augusto e também dona Guilhermina por causa dos doces. A mãe do nosso amigo estava para subir na carroçaria mas o homem do tractor aí mandou-lhe mesmo na frente. A carrinha arrancou, no meio dos gritos e adeus e a gente aproveitávamos para quigozar um bocado.

— Ai, mana! — dizia sá Domingas para don'Ana, areal abaixo, caminho das cubatas. — Alguns brancos ainda são bons. Se não fosse ele, a pobre ia dormir ali!

Don'Ana não aceitava, falava se fossem bons não mandavam mesmo partir as cubatas sem dar outras, mas as amigas desviavam e atacavam só Augusto:

— Culpa é do homem dela! Lhe avisaram com tempo.

— A coitada não tem a culpa, é verdade.

E o sol caía no fim da tarde, muita gente regressando em suas casas, cruzando os caminhos de todos os dias, admirados de não encontrarem mais aquela cubata ali, perguntando saber o que passava. Com muitos gestos, imitando o tractor, Zeca Bunéu contava a confusão. O Xoxombo ajudava e as pessoas seguiam pelos carreiros acima, falando ou pensando sozinhas nesta vida. Ainda naquela hora da manhã, quando iam para baixo, bem que viram a mulher na porta, raspando a língua, e agora? Nem o sítio da casa estava lá. Só uma mancha mais vermelha que o resto do caminho, canas partidas e torrões de barro seco.

Ali ficámos sentados, conversando o assunto, brincando no tractor que um servente estava tomar conta. Sá Domingas nos tinha pedido para avisar no Biquinho quando ele voltasse no serviço ou falar no sô Augusto. Era noite quase quando o nosso silencioso companheiro apareceu. Não foi preciso a gente lhe contar nada: ele nos afastou, andou em cima dos torrões e do sítio do quarto dele, ficou ali parado muito tempo. Depois, bem de frente, cuspiu no tractor, insultou-lhe com todas as asneiras que a gente sabia e começou chorar baixinho sem falar para ninguém. Só o Xoxombo é que adiantou, mais tarde:

— Vai ainda, Biquinho! Tua mãe foi na casa da mamã Lolota, no Bairro Operário.

Mas o Biquinho não aceitou. Se sentou no chão, deixou de chorar e começou falar na gente, a cubata, o tractor, o aviso.

— Bem que disse no meu pai para adiantar procurar casa...

Mais satisfeitos com esta conversa, sentámos a noite sair e só as palavras se ouviam porque a lua ainda não tinha nascido e Biquinho contou para nós o patrão lhe dera aumento, estava gostar muito ser electricista e ia pedir no pai o livro dele para estudar mais.

— Mas como então, Biquinho?! Se você sabe ler pouco ainda.

— Pois é, Zeca! Mas assim aprendo a ler e a electricidade!

Mais tarde, pelo caminho do imbondeiro que sai na quitanda do Rascão, a gente adiantou ouvir uma voz conhecida falando as máquinas de destruir casas e cantigas de ameaças, soubemos porquê o Biquinho não tinha aceitado ir embora. O nosso companheiro estava à espera do pai e pediu para irmos nas nossas casas.

Xoxombo despediu, prometendo ir com o Zeca Bunéu brincar no domingo, mas Biquinho não aceitou:

— Deixa, Xoxombo! Agora eu vou morar muito longe... e no domingo quero estudar.

De mão dada com Xoxombo, e Zeca Bunéu a assobiar para assustar o medo, viemos para nossas casas, pelo alto capim fora. Quando passámos no imbondeiro, a lua já estava nascer atrás do Tanque d'Água. Olhámos no sítio da cubata do Biquinho. De lá, o tractor amarelo estava nos mirar, debaixo da sua lona. O servente que tomava conta já tinha acendido uma fogueira para cozinhar o jantar. E na luz branca da lua que nascia e do fogo da fogueira, a gente viu o Biquinho ainda sentado no chão e sô Augusto de pé, em cima dos bocados de barro duro espetado de canas, o livro numa mão e a outra apontando ameaçadora pelo areal abaixo.

— Pópilas, Zeca! Mira só! — disse o Xoxombo. — Parece mesmo aqueles homens que andam falar a chegada do castigo do Céu, que estão lá na Bíblia!

Senti o Zeca Bunéu encostar-se mais a mim e, a assobiar, os três viemos para casa muito calados.

A verdade acerca do Zito

Naquela manhã de cacimbo do mês de Junho dum ano que já não lembro, em que cheguei naquele musseque pela mão de meu pai, a primeira pessoa que vi foi um menino alto e forte, encostado na parede da casa da minha madrasta. Estava olhar para mim, desconfiado e curioso, coçando o pé descalço na esquina. Escondia qualquer coisa na palma da mão mas cumprimentou, olhando na minha cara. Os olhos eram pequenos e não miravam a gente direito.

— Olá, Santo António da Toneta! — respondeu-lhe meu pai, com um sorriso.

O rapaz deitou fora o bocado de cigarro e, sem medo e sem vergonha, como se fosse mesmo mais-velho, insultou alto, me deixando de boca aberta:

— Santo António é a puta que o pariu!

O meu pai só disse-me que aquele menino era o Zito.

1.

Quando Carmindinha entrou com as corridas, sacudindo a água em cima dos meninos na esteira, todos viram as cordas grossas e brancas que caíam dos beirais de zinco, balouçadas pelo vento. Na porta aberta, o ar fresco, o cheiro bom a terra molhada invadiu a cubata no meio das risadas de Carmindinha e os ralhos de Sá Domingas.

— Ih, menina! Juízo! Vir assim então com a chuva...

Desde as dez horas aquela chuva estava cair. A cantiga das mãos da água de muitos dedos grossos batucava nos zínco e Zeca Bunéu e Xoxombo, nus, no quintal, abriam a boca para as nuvens encherem. Zeca tinha vindo na casa do capitão logo que começou pingar, dona Branca não ia aceitar aquela brincadeira de tomar banho na chuva e só mesmo no quintal do Xoxombo podiam fazer essa coisa costumada: encher a boca de água, fingir que bebiam e depois, parados debaixo dos pingos quentes e grossos, gritarem para os outros meninos:

— Ená! Vejã só! Feitiço! Bebemos agora, já estamos a mijar!

E as cordas de água corriam pelo peito, juntavam-se em baixo da barriga para sair depois, unidas num grande repuxo que só esses miúdos malandros, habituados à brincadeira, conseguem com o mexer dos ombros, do peito e da barriga.

Dos três meninos na esteira só Zito não brincava. Calado e quieto desde aquela hora da manhã, mirando os dedos espertos da Tunica ganharem no Biquinho, no jogo das pedrinhas, nem mesmo quando começou a chover aceitou ir com Zeca e Xoxombo. Murmurou olhando Tunica:

— Já sou mais velho, não vou mais no quintal!...

Andava mesmo refilão e a sua mania antiga das palavras podres agora ainda era maior.

Debaixo da chuva, Xoxombo falou no Zeca:

— Pópilas, Zeca! O Zito hoje parece é viu cazumbi!...

Zeca Bunéu riu mas a água quente caía pesada e não respondeu.

Não, o Zito já não era aquele menino que lhes conheciam, mais velho sim, mas para lhes ensinar na físga, na hora de tirar o visgo na mulemba, na batota do jogo da bilha. Agora andava calado, gostava só ficar perto da Carmindinha a olhar, a rondar parecia galo, e quando falava era só para lhes disparatar. Ou então, seis horas, quando a Antonieta, neta da vavó Xica, chegava do serviço, saía para trepar na mulem-ba do Xoxombo sem ninguém dar conta.

— Xoxombo, lembra aquele primo do Zito?

— Lembro. O Chefe, da Imprensa da Cidade Alta?!

— É! Esse é que veio mesmo lhe estragar.

— Porquê então?

Esse primo tinha chegado num domingo para ajudar Sebastião Mateus arranjar o zinco da cubata, estava deíxar passar água da chuva. Toda a manhã trabalharam; de tarde ficou na conversa e o Zito, depois, contou o primo tinha-lhe falado umas conversas mas ele não ia dizer porque eles ainda eram monandengues. Nesse dia mostrou também o cigarro que o Chefe tinha-lhe deixado para fumar. Com o tempo, nesses dias que ficavam quietos, esperando o fim das águas, Zito adiantou a história do primo: tinha dormido com uma rapariga do Sete; e mais: prometeu um dia ia levar lá o Zito, porque já não estava mais um miúdo.

— Sukua'! Te levar p'ra quê então, Zito?

Zito fez manias de mais-velho e depois, fingindo que era conversa de todos os dias, disse:

— P'ra dormir com ela!

Biquinho desatou a rir.

— Não pode, Zito. Você ainda é um miúdo, não pode fazer filho!

— Ai! Só quando pode se fazer filho é que dorme com as mulheres? Poça, Biquinho, você é burro mesmo!

— É verdade, Zito! Os homens dormem nas mulheres p'ra fazer os filhos...

Mas o menino calou o Zeca Bunéu, miúdo de nove anos não tinha nada que meter assim na conversa dos mais-velhos...

— O meu primo disse mesmo já sou homem!

Para Zeca, miúdo de mais, a história não fez muita impressão; mas desde essa hora Zito

modou. Ficava calado ou então, seis horas, afastava e ninguém mais que lhe via. O Xoxombo corria na mulemba mas o menino não estava lá. Um dia o Biquinho contou que tinha-lhe perseguido e que o Zito ia lá em cima, no tambarineiro, espreitar as mulheres que estavam mijar.

— Juro mesmo! Morra aqui...

— Mas espreitar p'ra quê? Como ele vai ver com os panos?

Que o Zito depois abaixava para ficar mirar o buraco molhado no chão e, um dia mesmo, já escuro, tinha-lhe visto a cheirar.

Esta conversa de Biquinho era sempre lembrada nestes tempos de agora que o menino só queria rondar Carmindinha. Olhava com olhos gulosos, ela passava com o vestido molhado das latas de água, as mamas pequenininhas a furar. Ou então, seis horas já, o Zito desaparecia, desculpendo que ia na mãe para lhe ajudar.

Mas ninguém, nem mesmo Biquinho, seu mais velho, podia sentir o que passava no coração de Zito. O menino sofria desde aquela hora que o primo falou as conversas da rapariga do Sete. Ficou uns dias não pensava mais nada, na sua cabeça as falas apareciam desenhadas, parecia eram figuras do livro de leitura. E Carmindinha, com o vestido molhado e curto por cima dos joelhos, passando na frente dele, lembrava sempre aquelas palavras do Chefe lhe convidando a ser um homem, como ele falava.

Já tinha contado mesmo no Biquinho: ia acabar as brincadeiras com esses miúdos do Xoxombo e do Zeca, só queriam quigozas e figas, depois um dia ia lá em cima no Bairro Operário procurar o Chefe para lhe levar na tal rapariga do Sete.

— E o dinheiro, Zito?

— Pois é, Biquinho! Mas vou-lhe arranjar. Nem que vou roubar, não interessa.

E assim semanas e semanas não andava pensar outra coisa, não podia esquivar. Sempre que vestia, tomava banho, sempre que via Carmindinha, quando deitava para dormir, lá estavam no escuro, a falar, as palavras do primo Chefe.

O azar foi mesmo naquela noite de muito calor. Cadavez que pensa — e todos os dias agora, quando mira Carmindinha, ou sete horas, detrás das aduelas do quintal de vavó Xica, espreitando Toneta — dói-lhe no coração, quer chorar e não pode, quer fugir embora para longe, longe, para não ouvir mais as palavras do primo, não ouvir mais os barulhos daquela noite quente, depois da chuva, quando as palavras do Chefe mostraram que o barulho que estava sair no outro lado da cubata não era as baratas, não era os ratos, como mamã Sessá tinha-lhe falado, já muito tempo, num dia que adiantou perguntar.

Sempre que pensa essa noite, Zito tem vontade de fugir, correr para muito longe; ou ficar e derrubar Carmindinha ou Toneta, que ele nunca viu mas que adivinha todas as tardes, escondido parecia era ladrão de galinhas. E nessas horas, jura que vai mesmo arranjar o dinheiro, nem que roubava, vai no primo Chefe do Bairro Operário, para ser um homem.

Nesses dias de chuva, quando a batucada das águas no zinco punha tudo igual dentro da cabeça e tinha que ficar quieto, as palavras do primo, os barulhos da cubata, as mulheres paradas de pernas abertas debaixo do tambarineiro, tudo corria como essa chuva na cabeça do Zito, e o menino só olhava Carmindinha, espiando se levantava o braço, mirando se abaixava, espreitando quando trepava na cadeira para arrumar as coisas. Como nesse dia mesmo...

— Zito, me dá-me ainda aquele pano!

Na porta do quarto, sá Domingas apontava o pano dobrado em cima da mesa. Lá dentro, no chão, a roupa molhada de Carmindinha falou as palavras do primo, o sangue do Zito começou correr, suas mãos tremiam na hora de entregar o pano para sá Domingas. Lá fora, os gritos alegres de Zeca e do Xoxombo davam-lhe vontade de ir mesmo dar-lhes uma surra.

— Ená, menino! Parece 'tá doente! Que cara!

Sentado na esteira, enquanto as mãos espertas de Tunica derrotavam o Biquinho distraído, Zito espreitou a porta mal fechada, a roupa molhada no chão e os bocados do corpo da menina, sá Domingas estava-lhe a limpar: o mataco estreito e rijo de miúda ainda, os bicos pequeninhos no peito, a pele bem clara, brilhando, e por cima do barulho da chuva no zinco podia sentir mesmo o vestido seco a descer em cima do corpo.

Lá fora a chuva continuava a cair, grossa, branca, quente, sem vento para lhe enxotar. Nuvens negras nas corridas pelo céu destapavam bocados de azul que já queriam espreitar, novos trovões e relâmpagos tremiam as árvores e as cubatas espalhadas pelo areal, lavadas e roídas das grossas cordas de água descendo das folhas e dos zínco, juntando-se no chão, escorrendo e formando grandes rios avermelhados, levando areia e lixo dos musseques caminho da Baixa.

Nga Sessá, mãe do Zito, insultava a água que começou entrar na cubata. Se ouvia a voz rouca e ainda bêbada da Albertina, cantava uma cantiga de asneiras e estava pôr as imbambas em cima da mesa, para deixar o rio de água suja passar da sala para o quintal. Descalça e quase nua, Albertina passeava o corpo pesado, deixando a água da chuva correr, só lhe ajudando com os pés para sair. As paredes molhadas começaram ficar escuras, a deixar cair bocados de barro e muita gente já tinha vindo na porta, com a catana ou arco de barril, para desviar a água que ameaçava entrar. Então na frente da porta de vavó Xica a água entrava sem respeito, enchendo os quartos, molhando as esteiras, fazendo aquele barro vermelho nenhuma vassoura ia-lhe enxotar bem depois de seco. Brincando lá mais em baixo, onde os pequenos rios juntam numa grande cacimba, e daí vão em enxurrada, Rua da Pedreira abaixo, Zeca e Xoxombo ouviam os gritos da mais-velha:

— Aiuê, minha casa! Acudam! Socorroé!

Velha já mais de setenta anos, como afirmava capitão Bento, vavó, na porta, levantava os braços magros, batia as palmas, gritava com a pouca força que guardava no corpo antigo.

Zeca Bunéu e Xoxombo chegaram nas corridas e viram logo porquê vavó estava gritar assim. Xoxombo correu no quintal dele, agarrou o arco do barril dobrado e gritou no amigo, dando ordem:

— Zeca! Você adianta fazer um muro de barro, na porta! Com depressa!...

Calada, mas sempre batendo as mãos, vavó olhava os meninos nus, a chuva a bater nas costas, as mãos pequenas a levantar o muro de barro tirado do fundo das águas. Para Zeca e Xoxombo, era uma alegria não vir mais ninguém para ajudar, brincarem sozinhos sem os mais-velhos para lhes xingarem, salvando vavó Xica e as coisas da cubata de irem na chuva. O pequeno muro de barro estava aguentar, parava aquela água raivosa de espuma vermelha, saía na picada que o Xoxombo, com golpes rápidos, abria, junto à parede, guiando tudo no caminho da padaria, mais para baixo, para o rio grande descendo na Ingombota.

Na hora que sá Domingas apareceu ainda debaixo da chuva com o Zito todo molhado, já

a água não entrava mais na cubata da mais-velha. Corria, zangada com os meninos, pela picada do Xoxombo. Vaidosos, olhavam as mulheres e o Zito e se gabavam:

— Pópilas, Zeca! Você vê só a minha técnica!

— Sukua'! Se eu não tinha feito o muro, a cubata ia embora na chuva!...

— Ená! Mas eu é que mando na água. Mira só!

Sá Domingas ajudava a levantar as coisas do chão, tudo molhado e sujo. A farinha, nas quindas, parecia era pirão de azeite-palma muito encarnado, a esteira não queria sair, presa com a lama, e vavó lamentava:

— Aiuê, minha vida! Coitada de mim! P'ra quê eu tenho uma neta então?

— Deixa ainda, vavó, eu ajudo. Mas então a Toneta não foi no serviço?

— Elá! No serviço? — muxoxou. — Sukuama! Nem que levantou ainda, fechada na cama!

— Ih? Então o homem dela?

Vavó Xica abanou a cabeça, estalando a língua:

— Foi no Caxito, minha filha. Pronto, aproveitou logo faltar no serviço.

Sá Domingas conseguiu levantar a esteira e depois de enrolar, chamou:

— Zito! Pega ainda a esteira, leva no quintal para a chuva lhe lavar.

O menino, coitado, estava mesmo todo molhado. A camisa branca parecia tinha remendos, colada no corpo, os calções pingavam nas pernas grossas mas nem assim tinha aceitado brincar na chuva, chamado no Zeca e Xoxombo. As orelhas dele só queriam ouvir as conversas de vavó Xica falando a neta Antonieta. E quando soube ela ainda estava na cama, Zito sentiu outra vez o sangue nas corridas, aquela vontade de ir embora e de ficar, pensando nessa hora mesmo a Toneta ia-lhe chamar. A esteira foi lavada com depressa, o coração a bater, os olhos na janela aberta no quintal, aquela janela que ele costumava espreitar pensando ia ver Toneta se despir. Encostou a esteira lavada no tronco da mandioqueira e veio outra vez na cubata: Toneta estava de pé, no meio da casa, olhando vavó e sua vizinha sá Domingas, enxotando a água do chão com a vassoura de mateba.

Vestia só combinação em cima da pele negra e brilhante, inveja de todas as mulheres, desejo dos homens no musseque. As pernas abertas se desenhavam no mexer quase quieto do pano e Zito, parado na porta, mirava aquele mataco rijo ele costumava espreitar quando, de manhã, Toneta descia para o serviço, bungulando.

— Sukuama! Ganho o meu dinheiro, não posso dormir? Quem compra a comida? — falava a Toneta. — Euh? Quem está pagar a cubata?...

Vavó Xica não queria lhe responder e sá Domingas sacudia a vassoura de mateba, com mais raiva. Toneta andou devagarinho em cima da lama vermelha, os pés faziam um barulho que acordou o Zito e o menino subiu esse barulho pelas pernas fortes, até onde adivinhava. E as palavras do primo Chefe gritavam na cabeça, parecia eram desenhos. Mas não era a rapariga do Sete, ele nem lhe conhecia, era Toneta, neta de vavó Xica, mulher-perdida na boca de nosso musseque, amigada com sô Amaral, esse amanuense da Pecuária, magrinho, recurvado, sempre a tossir.

Aiuê! Quantas vezes, nessas horas compridas das noites de calor, não sentiu a raiva dele a crescer dentro do peito e a vontade de fugir embora, derrubar a porta e dar uma surra nesse branco Amaral, deitado com a sua tosse na cama da Toneta, de mataco grande e rijo que ele

ficava espiar, tempo parado, debaixo da mulemba de manhã ou queria ver, nu, à tardinha, quando lhe espreitava? A chuva dos beirais batucava no zinco, continuava cair em cima dele mas nada que sentia, não ouvia sá Domingas, arrumando a vassoura, chamando-lhe, zangada:

— Xê, Zito! Vai embora, menino. Vai na sua mãe, pode ser ela precisa de você!...

Zito não podia lhe ouvir, só mirava o corpo da Toneta, desenhado na luz que estava entrar na porta da frente, vinha com o barulho da chuva e da brincadeira do Zeca e do Xoxombo, às fimbhas na cacimba de água barrenta. Via as mamas bonitas e pesadas, batucando para baixo e para cima, quando Toneta virava, raivosa, nas duas mulheres, insultando e ameaçando. Sá Domingas foi depressa pegar o menino para sair embora na cubata, não ouvir mais as palavras podres, mas Toneta adiantou:

— Deixa só o miúdo! Ninguém que vai-lhe comer!

A mão dela, quente, mão cheia do sono da cama, lhe apalpou nas costas todas molhadas, com jeito puxou-lhe para dentro da cubata. Sá Domingas saiu, batendo a porta.

— Sem-vergonha! A pensar coisas podres com o menino!

Vavó Xica saiu embora, resmungando, no quintal.

A chuva tinha passado, nuvens negras no céu só poucas, o azul espreitava bonito por todo o lado e um sol amarelo fazia força para romper. Na frente de Toneta, Zito tremia.

— Ai, coitado! Vejam só como ficou o pobre, assim molhado!

Nessa hora, que ele tinha esperado tanto tempo, Zito queria falar, queria dizer aquelas conversas o primo Chefe tinha-lhe ensinado para ser homem, estava-lhe doer a Toneta falar assim parecia ele era Zeca ou Xoxombo, mas a garganta não podia, não aceitava.

— Vem então! Vou-te limpar. Xê, vem! Não me olha assim!...

Toneta viu os olhos do menino mirando o peito. Na combinação caída as mamas vivas queriam sair.

— Ih?! Nunca viste uma mulher? — Toneta riu. — Vem então!

Os pés não obedeceram, mas as mãos quentes lhe empurravam e quando a rapariga entrou no quarto, Zito sentiu uma vontade grande de lhe agarrar, mas não tinha coragem. Quietamente, parecia era estátua, deixou as mãos quentes da Toneta tirar a camisa, o coração batia com força.

— Aiuê, coitadinho! Olhem só! Todo molhado, pode ficar mesmo doente!

Mas Zito não estava ouvir as palavras de Toneta. Sentia só o macio da voz, seus dentes brancos, o riso dela no escuro da casa. A cama grande, os lençóis mostravam o fundo do meio onde que cheirava ainda o quente do corpo da Toneta, desenhando o mataco quieto e grande, as ancas largas e as compridas pernas rijas. Mas também sô Amaral estava ali: caneca na mesinha, dois frascos, remédio da sua tosse, tinha a calça pendurada na cama.

Uma raiva grande desse velho se mistura no sangue, uma dor forte que fez-lhe encostar na Toneta, abaixada, a limpar-lhe as pernas. Os dedos fortes do menino se enterraram na pele macia, nos ombros redondos de Toneta.

— Elá, menino! Cuidado, não estraga...

Levantando os olhos, uns olhos grandes e quietos, Toneta riu os seus dentes brancos do carvão e as mãos esfregaram no peito do menino, suas costas, braços, acariciando e rindo, falando no ouvido dele:

— Menino forte, menino bom! Qual é o teu nome?

— Zito. José Domingos, quer dizer...

Rindo sempre, levantou devagar mostrando bem nos olhos do menino suas quietas mamas negras e fundas, luzindo no meio do cor-de-rosa sem cor da combinação, perdendo-se no negro fundo da barriga em cima das coxas.

— Despe ainda teu calção, para te limpar!

Zito olhou nos olhos da Toneta, admirado. A voz dela era macia e boa e quente e tinha gostado quando estava falar menino forte, menino bom. Mas agora assim de repente, mesmo sorrindo o mesmo sorriso, nua diante dele, tinha falado parecia era voz de mamã Sessá, quando estava voltar sujo na brincadeira. Vendo os olhos quietos do menino envergonhados, Toneta virou séria e, segurando-lhe nos braços, chegou a cara diante dele:

— Já sei! Você já é homem, não é, Zito? Não tira só assim os calções!...

Zito deu um puxão e Toneta se amachucou no peito dele. Sentiu bem as mamas macias no seu corpo e o sangue correu zunindo nas orelhas.

— Ih! Que é isso? Não zanga comigo, Zito! Se eu quero sou boa, se eu quero sou má!...

As palavras dela, o riso dela e as palavras do primo Chefe não fugiam, desenhavam mesmo figuras na cabeça. Zito encostou então os dedos na cara da Toneta, fez uma força muito grande para falar todas as palavras o primo lhe tinha ensinado, mas a confusão era muita na cabeça. Sentia seu sangue quente, via as mamas assim a baloiçar devagarinho dentro dos seus olhos, a cama lá atrás, a caneca e os frascos de sô Amaral. Deixou as lágrimas que tinha muito tempo dentro dele correr pelo peito, pelas mãos até na cara da Toneta, e só conseguiu dizer:

— Eu gosto de ti...

E nem os gritos do Zeca e do Xoxombo, os chamamentos de mamã Sessá na porta da cubata ouvindo de sá Domingos o descaramento daquela sem-vergonha da neta da vavó Xica fizeram parar o Zito. A correr pelos rios de água vermelha, sem camisa, pintando o corpo negro de pequenas manchas encarnadas, desapareceu lá para cima, para os lados do tamarineiro, e só duas horas quase, mamã Sessá e Sebastião Domingos lhe agarraram para a maior surra de ramo de mulemba que o menino tinha apanhado até naquela hora.

Mas todos que espreitavam a pancada, para lhe consolar depois, ficaram admirados na hora que o Zito apareceu e, com seu ar de mais velho mesmo, sorriu para eles ainda com as lágrimas e só disse:

— Pópilas! Andava a precisar esta porrada!

— Ená, Zito! Não posso lhe esquecer!

Foi num Carnaval. Todos os meninos do musseque fabricaram suas máscaras de papelão e arrumavam a fuba uns nos outros. Satisfeitos, fugindo, gritando ou pelejando, quando um sacrista punha mesmo nos olhos, que não valia. Toneta estava na porta da cubata, nesse tempo ainda não estava amigada no sô Amaral, e os meninos pararam suas brincadeiras para lhe olharem, vestida de Carmen Miranda, como ela gostava sair nas farras.

— Pópilas, Zito! Você lembra a cara do Zeca Bunéu, quando lhe viu? Até parecia maluco, a rir!

— Nunca mais esqueci, palavra!

A Toneta tinha chamado os meninos que andavam brincar. O Zeca Bunéu e o Xoxombo foram logo mas o Biquinho correu na zuna, procurar o Zito, a Carmindinha e Tunica falando a neta de vavó Xica estava chamar para mostrar um feitiço. Sá Domingas ainda resmungou qualquer coisa dessa sem-vergonha, mas os meninos correram para olhar o feitiço da rapariga. Era um Santo António de madeira, vestido com um pano castanho amarrado com barbante na cintura. Tinha os olhos roxos, pintados com lápis de tinta e cuspo. Toneta pegou o boneco, muito séria, todos sentaram na esteira, quando ela falou:

— Toda a gente fecha os olhos e pensa uma coisa, para pedir no Santo António. Mas não fala alto!

Obedecendo, cada qual pediu, dentro da cabeça, seu desejo para Santo António.

— Pronto! Podem olhar já...

Ajoelhada na frente de todos, Toneta segurava o Santo António pela corda pequena na cintura e punha uma cara muito séria mas, sem querer, Zito olhou-lhe nos olhos e viu a malandrice lá no fundo deles. O boneco tinha um fio pendurado debaixo dos pés e Toneta olhando as caras curiosas e sérias, os olhos parados no Santo António, escolheu:

— Você! Já pensou sua prenda?... Então puxa neste fio, vai sair!...

Era o Zito. Os outros meninos olharam o amigo cheio de sorte, era mesmo o primeiro a levar a prenda e começaram falar uns nos outros.

— Xê!... — calou a Toneta. — Com barulho não vai sair!

Um bocado atrapalhado, Zito estendeu a mão para o fio, agarrou-lhe e parou. Olhou os outros meninos, viu a malandrice no fundo dos olhos grandes da Toneta e começou a rir:

— Pópilas! Pedi mesmo uma bicicleta! — e puxou com depressa.

O que sucedeu custa contar. Se as gargalhadas do malandro do Zeca Bunéu se juntaram logo nas de Toneta, o ar sério e zangado de Carmindinha era irmão da cara banzada do Zito, aldrabado. E só as lágrimas e o choro de Tunica é que faziam pena. Solto, o Santo António caiu na esteira, mostrando ainda o grosso pau com cabeça encarnada que tinha saído debaixo do pano castanho, quando Zito puxou o fio.

— Sukuama! Essa Toneta tinha cada partida!...

— Não posso esquecer esse dia, Xoxombo!

Dessa conversa do Santo António é que saiu tudo. Zito precisava alguém para falar e, mesmo miúdo como era Xoxombo, foi-lhe contando a confusão daquela manhã e o medo, agora de tarde, o coração pequenininho no peito, vergonha de ir espreitar Toneta. Se ela lhe chamasse no quarto, como ia fazer então?

Xoxombo era miúdo ainda mas tinha irmãos e lhe aconselhou:

— Não sei, Zito. Mas se fosse você, arranjava mesmo uma prenda e ia lhe levar nessa hora...

Era um meio de tarde abafado. Nos dias de grande chuva a areia molhada respira a água toda com o sol amarelo que aparece, depois, no céu azul sem nuvens. E mesmo com o fresco da água da chuva, toda a gente começava sentir um calor sem vento, de fazer noite quente, noite de singuilar até tarde e dormir a janela aberta. No ar limpo voavam as andorinhas e os ferrões, os pardais cantavam nos zínco. Capins verdes lavados, muxixes e imbondeiros riam para o sol, as raízes cheias de água. Caminhando para baixo, esquivando para sá Domingas não dar conta, descendo nas corridas a Rua da Pedreira, é que Xoxombo viu mesmo o Zito era aquele menino mais-velho que todos falavam. As horas estavam a passar, cinco e meia quase, e o menino ia depressa com Xoxombo cheio de medo ao lado dele, olhando para todos os lados da Ingombota, podia ser as amigas da mãe iam-lhe contar. Pópilas, para quê falar as coisas no Zito? Quer fazer tudo logo-logo. E como é que ele arranjou assim aquela nota de vinte angolares?

Com esses pensamentos a saltar na cabeça e o coração cheio de medo, Xoxombo nem deu conta estavam chegar na Baixa. As ruas, as casas, eram bonitas, não eram cubatas de zinco, não, e as estradas, cheias de carros e pessoas, estavam tapadas pelo alcatrão, a areia dos musseques não tinha ali. Zito andava nessas ruas sem medo, não esquivava os carros, parecia era mesmo o dono desses sítios, nada que lhe admirava. Mas o medo no coração de Xoxombo era grande e não podia esquecer sá Domingas, nessa hora, cadavez na porta da cubata, chamando como toda a gente já conhecia no musseque:

— Xoxombo, Xoxomboééé!

O menino não aparecia, sá Domingas ia para dentro arranjar o pau de funji para a hora de ele voltar, se calhar já tinha adiantado na mamã Sessá, já falavam com suas vizinhas a fuga dos meninos. E os vinte angolares, como é Zito arranjou então? Essas conversas sempre na cabeça não deixavam-lhe olhar bem a alegria do amigo, desembulhando e embrulhando os pequenos brinco de lata, de flores amarelas. Só os pés é que andavam depressa agora, a subir a Ingombota, no meio da gente já estava voltar no serviço. Cadavez nessa hora, andavam-lhe procurar por todo o musseque, toda a tarde sem lhe verem. Zito assobiava feliz, punha o embrulho no bolso, tirava o pacotinho, desembulhava, mirava as florzinhas amarelas, falava no Xoxombo:

— Pópilas, Xoxombo! P'ra quê você é assim miúdo ainda?...

Xoxombo não respondia. Ele gostava ser mesmo é monandengue, miudinho, para entrar na casa sem lhe verem, deitar na esteira e quando mamã começava gritar, sete horas ou oito horas, aparecer, sair no quarto, fingindo, falar toda a tarde estava lá dentro a dormir, cansado da brincadeira da manhã de chuva. Mas como ia entrar assim, sem lhe verem?

Mas nosso musseque estava quieto e calado. Só o barulho das galinhas, com seus pintos, os pássaros voando ou pousando nos zínco e nos paus, vezes tapadas das pessoas dentro das cubatas, enquanto o sol, vermelho como a areia, borrava o céu cheio de azul da manhã, descendo para o mar, é que lhes recebeu.

— Xoxombo, obrigado. Você é um amigo. Agora vou embora!...

— Já? E se me perguntarem?

— Tu é que sabes! Mas não fala esta conversa, a prenda. Toma! No sábado, se a gente

pode fugir, te levo-te na matiné do Nacional...

Xoxombo ficou com a moeda na mão a ver o Zito avançar com seu passo de onça para o tambarineiro lá em cima. Ia se esconder até na hora que costumava, já com as sombras, ir espreitar a Toneta, esquivado atrás do quintal de vavó Xica. Guardando a moeda no calção, Xoxombo saltou as aduelas, atravessou devagar, subiu na mulemba e depois, sem vergonha e sem medo já, começou assobiar. Sá Domingas não estava, tinha saído na casa de nga Xica e Carmindinha apareceu debaixo do pau, para perguntar:

— Xoxombo, viu a Tunica?...

O menino continuou assobiar como se fosse mais velho, sem ligar na irmã lá em baixo e, depois, descarado e satisfeito, respondeu-lhe:

— Escondi-lhe no mataco!

Carmindinha insultou-lhe e foi embora.

3.

Quando foi então, como começou? Como é esse menino estava na cabeça, não saía das mãos? Sukuama! Uma tarde inteira, calor já, assim de janela fechada, porta fechada, ouvindo os pássaros, sentindo o sol para entrar e o barulho vagaroso dos passos de vavó, na casa, no quintal, as falas sozinhas, o riso das pessoas na rua. E sempre a virar na cama, levantando, sentando, vestindo, despindo. E como passou os casos dos frascos de remédio? Porquê estavam só assim os cacos no canto do quarto, a mancha gorda no chão?...

— Eu gosto de ti...

No antigamente também era um menino forte, um menino bom, que ela estava esperar sempre, que ela deitava sempre e que foi embora. E como então? Quando então? Antes de sô Amaral, muito longe já, custa lembrar. Só a tosse do homem quase velho, aquele cheiro a remédio do corpo amarelo, os gritos parecia era mulher velha e a respiração de pacaça que lhe assustava, julgando ele ia morrer... Toneta vê o nojo da boca dele a rir os dentes estragados do tabaco:

— Tonetinha, então? Estou a pedir, não gosto pedir...

Tanto tempo já que não dormia com um homem!

Mas os vestidos que você queria, Toneta, os sapatos na loja do mestre, o dinheiro para a cubata, o dinheiro para comida, vavó Xica sempre a lamentar que sô Antunes estava pedir caro? E por tudo isso, vem Toneta, senta Toneta, fica de pé Toneta, abaixa Toneta. Podre! Tudo assim? E o resto, Toneta, o mais podre mesmo daquela conversa no emprego, o chefe, o chefe das telefonistas gozando:

— Hem, Toneta! Qualquer dia matas o velhote... E eu lá estou... No cemitério, claro.

E o Zito?

Aquele menino bom que apareceu com a chuva, menino forte que não deixa tirar os calções, ainda cheio de vergonha e atrevido para lhe espreitar todas as tardes, chorar com coragem:

— Eu gosto de ti...

Zito, como ele disse o nome dele. Ia ser bom lhe deitar, esconder a cabeça dele, deixar ele chorar tudo, lhe fazer festas nas costas, nos braços fortes, na barriga do menino. Como um filho grande, mais velho...

O corpo mexe, a cama faz barulho. Tapa as orelhas, não aceita ouvir esse barulho lhe estragar a lembrança na cabeça. Menino bom, menino forte, seus olhos muito quietos, gulosos da combinação quase nua, cor-de-rosa, desbotada...

Toneta se levanta descalça e abre a janela. O cheiro fresco da terra molhada entrou no sol das seis, mergulhava atrás do Balão; na mandioqueira do quintal as folhas riam, os pássaros cantavam o fim da tarde, nos paus. Espreitou, procurou atrás das aduelas, queria ver aqueles olhos de onça a rondar galinhas; mas nada, ninguém, nada que se ouvia. Só debaixo da mandioqueira vavó Xica cochilava na esteira, o velho cachimbo tinha-lhe caído dentro da quinda do macunde que a mais-velha começou escolher nessa tarde.

Porquê então o menino hoje não aparecia? Mas porquê tinha então aparecer, Toneta? Você, Zito, não percebe, não sabe a vida, o podre da vida, você cai no rio sujo e mesmo que pode nadar, vem o jacaré não deixa você chegar na terra. E não lhe mata logo, não. Mergulha contigo, te amarra no lodo para morreres devagar. Por isso quer embora o menino forte, o menino dos calções molhados.

— Zito, não é como ele disse nome dele? Aposto estava lá no dia do Santo António!...

Toneta chega na janela mas se cala, vavó pode acordar e se o menino vai vir...

O sol brincava ainda nas folhas da mandioqueira e, depois, ia pintar na cara enrugada de vavó Xica, enxotar as moscas da tarde, deixando-lhe sonhar, o macunde espalhado na esteira, na quinda...

Pensa só, Toneta! Você é mais velha, gostava o Zito, você lhe apalpa na repartição, cambulam, Toneta, os homens para você, Toneta, são o lixo e você é o lixo para os homens; você sabe, Toneta, não pode esquecer as palavras podres dos dentes de tabaco desse branco velho que só sabe tossir. Pensa ainda, Toneta! Como é seu coração está bater assim, se vê de fora da combinação, só porque pelo capim abaixo, devagarinho, desconfiado e medroso, vem um menino descalço esquivando os últimos bocados do sol das seis e meia? Você é mulher mais velha, Toneta, não é mais miúda de cabaço para tremer assim, Toneta!

A janela está aberta, vavó Xica dorme e sonha. Zito, está esperar o quê então? Toneta é um riso muito branco no desenho escuro do quarto, a janela mostra. E seus olhos estão a ver aquela mão a lhe chamar, seus pés descalços viram pés de onça para passar pertinho de vavó Xica, deixar-lhe sonhar na sombra da mandioqueira. E o riso da Toneta, na hora de abrir a porta, é aquele riso da manhã, o calor das mãos macias empurrando o sangue dentro de todo o corpo dele, a voz sussurrando:

— Menino bom, menino forte...

Vai enxotar o vermelho e azul do céu que ainda espreita na janela, e no andar dela, descalço, dança o mataco rijo debaixo da combinação. As mamas afastam as alças, quando

a Toneta volta, Zito fecha os olhos.

Não passa choro como o menino de manhã, nem ri como se limpasse a chuva. Se agarram só, e o sangue quente, as palavras do primo Chefe, as macias falas da Toneta se juntam, se misturam, despem sua camisa, os calções e depois os lençóis são o sol no buraco da janela mal fechada, vermelho e azul do céu em seus corpos transpirados e brilhantes, quieto e rijo menino bom, menino forte, malandro menino, malcriado menino do musseque e Toneta, a sem-vergonha, quitata de sô Amaral, raiva de todas as mulheres e doce de todos os homens do nosso musseque.

— Diz ainda, Toneta, você gostas de mim?

— Muito, Zito. Tu és um homem!

Zito ri, duvida:

— Verdade mesmo?

Toneta não responde. Passa o silêncio, o ar, o tempo.

— Sabe uma coisa, Zito? Tanto tempo já que não deitava com um homem!

— E sô Amaral, então?

— Sô Amaral?...

A pergunta é mesmo só um eco ou lembra sô Amaral, ele foi no Caxito, serviço dele?

— Sô Amaral não é homem...

— Porquê? Só porque está assim velho?...

— Não é isso, Zito. Você ainda não pode saber...

E as mãos de Toneta no cabelo suado, nos músculos descansando, parece é mamã Sessá quando era monandengue. Só que agora é ramo de mulemba, é pau de guico, Zito, você não é mais aquele menino da mamã Sessá...

— Toneta, você acha a gente tem culpa se fala as palavras podres?...

— Como então?

A voz é outra, vem de longe, do outro Zito, ela não lhe conhecia.

— Não sei, Zito. Mas se os mais-velhos dizem...

— Pois é...

A mão brinca na orelha dele, sente a cabeça do menino nas suas mamas e se deixa ficar estendida no corpo quieto.

— Toneta, você me gosta mesmo?

— Porquê?

Zito não sabe responder, quer explicar não pode, o melhor mesmo é dar a prenda. Mas a boca teimosa fala ainda:

— Toneta! Se você gosta de mim, é capaz de me bater?

— Nunca, Zito. Haka!... Não podia!

Porquê esta conversa deste menino?

— Vai 'mbora, Zito?

— Ih! Não! Nunca vou ir embora!

Toneta ri. Menino bom...

— Zito, mamã Sessá te bate muito?

— Não fala só estas coisas, Toneta! Favor!...

Toneta vê-lhe procurar o bolso da camisa, o menino está segurar pequeno embrulho,

quase amachucado.

— Toneta, lembra o Santo António? Então fecha ainda teus olhos!...

Um riso grande, muitos beijos e obedece: fecha os olhos, sente umas mãos atrapalhadas e o barulho do papel de seda desembrulhando. A voz do menino outra vez:

— Já pode abrir, Toneta!

Ela vê a palma da mão clara do menino em cima de suas mamas quietas, e nessa palma duas pequeninas flores amarelas, dois brincos. As florzinhas cor de sol fazem o coração bater depressa, a garganta ficar tapada, não pode falar. Não é mais uma miúda, Toneta, é uma mais-velha. Vai deixar mesmo correr essa água parece é da chuva da manhã, tanto tempo já que você não chora?...

— Menino bom, menino forte...

As mãos quentes e macias, o calor da noite, o cheiro de seus corpos suados, fazem esquecer aquela alegria das florzinhas amarelas de capim, os brincos para Toneta. Deixa o sono adormecer seu sangue quieto, devagar, o coração batuca debaixo da mão de Toneta, o peito...

Zito, menino malandro de musseque, adormece nos braços de sua mãe Sessá e Toneta deixa correr a água limpa que guardava muito tempo na cacimba funda de sua vida e fica mirando as florzinhas de capim, amarelas, sobre o peito:

— Meu filho, menino bom, menino forte...

4.

Oito e meia já, todas as estrelas do céu sobre vavó Xica, a mais-velha dorme ainda debaixo da mandioqueira. Toneta parou seu choro e todo o tempo ficou ali quieta a ver o peito do menino adormecido, respirando como passarinho. Corre uma calma quente no nosso musseque, sem vento nas ruas, sem lua no céu, só estrelas malucas caindo às vezes. As pequenas luzes de azeite-palma e petróleo brilham no escuro. É um silêncio mole chegando no calor da noite abafada, sem corridas de ventos para bater zínco.

É esse silêncio que grita de repente, fica cheio de vozes e choro de criança, tem passos a correr, falas de pessoas e no escuro parecem mais grossas, mais ameaçadoras. Mãos zangadas batem na porta, fazem eco dentro da cubata, Toneta acorda. Vavó assusta na esteira, levanta devagarinho e responde na voz dela velha e gasta:

— Aiuê, vai já! Espera então!

Mas quem está bater tem pressa, tem raiva. Se sente um choro pequeno encostado na parede e barulho de mulheres zangadas. Vavó Xica levanta, arrasta para chegar na porta mas Toneta, a combinação fugindo nas pernas rijas, corre e abre, insultando para o meio da noite,

lá fora.

— Ala poça! Isso é maneira de bater? Tunda!...

— Sai da frente, cadela! Minha raiva é grande! Te rebento nas fuças, sem-vergonha!

Na luz amarela que vavó acendeu, mamã Sessá sai da noite da rua, as mãos levantadas, insultando:

— Cadela! Ladrona! Onde está o meu dinheiro?...

Toneta não espera mais, lhe agarra nos panos e puxa para dentro, batendo com a raiva de ser assim insultada. A mãe de Zito, magrinha e rija, põe pontapés, lhe cospe na cara, agarra o cabelo e, num instante, as duas mulheres estão rebolar no chão da cubata, sacudindo a mesa, entornando as quindas, e vavó, com o candeeiro, foge na rua.

— Vadia! Feiticeira!...

— Feiticeira é a tua mãe que te pariu, sem-vergonha!

E se batem, arranham, xingam, Sebastião Mateus chega logo-logo nas corridas, chamado no Zeca, no meio da conversa com os amigos da quitanda. Sá Domingas corta o caminho, para queixar:

— Vergonha, mano! A feiticeira ainda está pelear na Sessá!...

Por todo o musseque correu logo que mamã Sessá queria matar a Toneta e, menos de um minuto, don'Ana, dona Branca, a Albertina estavam também na porta da cubata a olhar a luta das mulheres no meio das palavras podres e gritos. O pai do Zeca veio depois, sungando as calças, a espiar as pernas da Toneta, mexendo no ar, e mamã Sessá aos gritos, agarrada nos cabelos.

— Aiuê, meu Deus! Já se viu uma coisa assim. Xê, você também man'Mbaxi, desaperta então!...

O pai do Zito, pedreiro de jeito e palavras quietas, não gostava confusão de mulheres e estava só assistir ainda a peleja.

— Deixa só, mana Domingas! Sessá chega para ela!

Verdade que a mãe do Zito agora estava por cima da Toneta e lhe arranhava na cara:

— Aiuê! Morro! Socorro!...

— Toma! Toma! Toma! Feiticeira sem vergonha! Cadela!...

Mas ninguém queria se meter naquela confusão, era melhor deixar as mulheres despejar suas raivas. Vavó Xica tinha saído, segurando o candeeiro, e as caras amarelas de toda a gente na porta espreitando para ver quem que ganhava parecia eram figuras do cinema.

— Ai Jesus! Valha-me Deus! — falou assustada dona Branca. — A desgraçada mata a rapariga!

— Bem feito! Vadia! A desrespeitar assim os miúdos, com as coisas podres! Tá rir de quê, então?

Carmindinha guardou o riso, a cara zangada de sua mãe não dava para responder, pegou Tunica, se afastou para consolar Xoxombo que estava encostado na parede a chorar. O Zeca estava lá também, menino malandro como ele, nem que ficou para espreitar as pernas e as mamas da Toneta no meio da confusão da luta. Estava ali quieto a ouvir a história toda. O Xoxombo soluçava.

— É mesmo bem feito! Esse Zito anda com as manias... Não tens culpa, Xoxombo. Que é que podia fazer?

— Não é, Zeca!... É que o Zito me disse para não dizer e eu contei!...

Chorava com raiva, com grandes soluços e mordida as mãos. Não era a dor do guico no corpo todo, não senhor, essa dor a gente não sente nesses casos. Mas como ia olhar então a cara do Zito, amigo que tinha lhe prometido levar no cinema, como ia falar depois de ter contado tudo?

— Xoxombo, olha, anda... — e era boa a voz de Carmindinha, abaixada, lhe segurando nas mãos, limpando seu ranho. — Se não era te darem a surra, você não dizia, Xoxombo! O Zito sabe!...

O Zeca concordou sim senhor, todo o mundo sabe, Xoxombo, você não é cobarde, não gosta fazer queixinhas, mas pópilas! Tanta surra como te deram, nem o Zito que aguentava calado.

— E mesmo esse menino, tinha as manias dele...

Sentada na areia, Tunica chorava também, acompanhando a dor do irmão. Mas a luta dentro da cubata continuava, parecia nunca mais ia acabar. Sebastião Mateus tinha acabado de entrar para despartar e agarrava os braços da companheira que fazia força para fugir, cuspidando na Toneta, lhe insultando com todas as asneiras. No canto da casa, a rapariga puxava a combinação rasgada para se tapar nos olhos do pai do Zeca, enquanto vavó Xica sacudia a cabeça, chorava a sua vida, uma neta sem juízo, a falta de sô Amaral, vida podre.

— Onde está o dinheiro? Sem-vergonha! Quitata!...

Com esta asneira, Toneta correu, outra vez, assanhada, na mamã Sessá, mas dona Branca já estava lá dentro para segurar.

— Toneta, o melhor é dizer onde está...

— Ela é que procura, poça! Não é filho da barriga dela? Eu não guardo monandengues aqui!

E apontava, raivosa, no entre as pernas. A mãe de Zito não parava de lhe insultar, chamando de gatuna, explicando para Sebastião a história toda, ele não estava perceber bem. Pensava era só malandrice do Zito que deitou com a Toneta e, lá no fundo do coração, estava satisfeito. Sim senhor, menino de fazer raiva a todos os homens lá do musseque que queriam a cama da rapariga! Mas, no meio do choro e asneiras da Toneta, mamã Sessá contou o caso dos vinte angolares que o Zito tinha tirado, esses vinte angolares que andava juntar para adiantar comprar um pano. E essa podre, feiticeira, tinha-lhe roubado no menino para dormir com ele. Sebastião Domingos Mateus, homem muito sério, ficou olhar a rapariga no seu canto. Depois, com a calma dele, empurrou a companheira na porta, entregando para sá Domingas tomar conta. Regressou na cubata, adiantou na Toneta e pôs-lhe duas grandes chapadas da cara. Toda a gente ficou calada. O choro afastado do Xoxombo chegava no pequeno vento, na porta, sacudia luz do candeeiro.

— Onde está o dinheiro?

Toneta começou a chorar. Não era a dor das chapadas, era só as palavras de sô Sebastião que ela dizia era homem bom, o único que não estava olhar para ela com olhos gulosos, como os outros do musseque.

— Palavra, man'Bastião! Não vi o dinheiro...

E continuava chorar com grandes soluços sacudidos, sem força já para segurar a combinação rasgada, mostrando o corpo no pai do Zeca, enquanto as mãos só estavam

procurar as pequenas flores amarelas nas orelhas, os brincos o Zito tinha-lhe dado. Sebastião Mateus atravessou a sala, seu passo era grande e magro, e empurrou a porta do quarto. Toneta correu, agarrou-lhe, chorava, pedia:

— Aiuê, mano'ê! Perdoa só no miúdo. Palavra, a culpa é minha, verdade mesmo. Juro!

O Zito, de cabeça baixa e cara fechada, foi puxado parecia era brincado, tropeçou nas quindas e bateu as costas na mesa; as mãos grossas do pedreiro seu pai lhe apanharam na cabeça, no corpo, enquanto Toneta pelejava para defender aquele menino que ela gostava. Mas nada que conseguiu.

Com o Zito sempre debaixo da surra e a Toneta agarrada em sô Sebastião, mamã Sessá correu para defender seu homem da raiva da rapariga. Aí foi o pai do Zeca quem socorreu, aproveitando para apalpar a Toneta, lhe empurrando no quarto, falando baixinho:

— Elá, rapariga! Guarda as forças para outra coisa...

Toneta ficou no quarto, chorava sua raiva em altos gritos e insultos para toda a gente, sá Domingas gabou mamã Sessá, satisfeita:

— É assim mesmo, mana! Estas sem-vergonha a estragarem os meninos!...

Sem responder, zangado com tudo e todos, mestre pedreiro sô Sebastião pegou o Zito no braço e mesmo com o filho a torcer, parecia era cabra, foi-lhe puxando para fora, e só falou que ia-lhe ensinar a não ser nunca ladrão de dinheiro. A cambalear, arrastado na mão forte, Zito ainda arranjou força para fugir uma vez. Correu na parede onde o Xoxombo acabava já o choro dele, mais consolado com as palavras dos amigos, e cuspindo no menino lhe gritou a raiva toda:

— Bufo da merda!

Na noite quente que nascia cheia de estrelas, em suas cubatas, cada qual ouviu o barulho do ramo de mulembreira muitas vezes no corpo de Zito. O que ninguém sentiu foi um só grito desse menino de musseque. E quando chegou outra vez o silêncio por todo o areal, na porta de sua casa, sempre a soluçar, Xoxombo disse com o coração cheio de vergonha e alegria:

— Aquele Zito é um homem!

Carmindinha, Tunica e Zeca Bunéu não arranjaram nem uma palavra para lhe responder.

Foi assim mesmo e não tenho vergonha de contar porque nesse tempo o Zito tinha saído na esquadra e eu gostava dele ou tinha pena dele, não sei. Mas como eu já andava na costura, todas as tardes o menino nos esperava na calçada da Missão, nos pagava os doces e Joanica e Tereza riam gargalhadas com as malandrices dele, mas eu não.

Não ria mas tinha vontade de rir e então ria para mim, para dentro, porque tinha medo o Zito, não queria lhe dar confiança desde aquela hora da Toneta e não lhe mostrava os dentes, ou se calhar tinha é raiva da rapariga; mas hoje ainda não sei bem e melhor é não falar se não tenho a certeza.

Nessa tarde que o menino não veio, custou-me contar os casos na Joanica e na Tereza, eram minhas mais-velhas, falavam conversas que eu só sabia metade; mas, mesmo assim, falei.

As respostas não adiantaram: «Não sei, pensa bem», eu já tinha feito isso mesmo; e, «ainda estás uma miúda, cuidado», também eu sabia; e sabia também que não era mais uma miúda, senão o Zito não tinha-me falado para dar encontro com ele, porque ele já conhecia muitas mulheres, isso eu tinha a certeza, juro mesmo.

E os cuidados das minhas amigas me irritaram; e lhes perguntei porquê ia ter cuidado então se o menino só queria me falar e depois não havia mal. Joanica não quis me responder; vi os olhos dela ficarem tristes mas mais tarde adiantei saber que também tinha sido assim só para conversa e o namorado tinha-lhe estragado mesmo e até hoje ninguém que sabia mais dele.

Já não lembro bem o que senti quando me contaram, só as palavras de mamã Domingas, naquela noite em que pelejou no papá, por causa a costura, é que eu lembrei:

— Sukuama! Não acredito! Se calhar tem escola mas é para pouca-vergonha!...

Nunca liguei para avisos de Joanica e Tereza e pensei ia ir mesmo, o Zito não podia me fazer mal, nos conhecíamos de monandengues, não tinha razão para ficar a pensar mal do menino.

Era uma bonita noite de cacimbo quando eu fui no quintal e o Zito estava lá a me esperar. Como, não sei; mas mesmo debaixo da mulemba, como ele chegou, eu não dei conta, mas nem as galinhas nem a Espanhola gritaram e então lembrei que o menino quando andava parecia era onça e sorri. E sentámos debaixo da mulemba e fazia um bocado de frio, não era muito cacimbo nessa noite, não podia ser porque Julho já corria com depressa e aquele frio antigo estava passar, mas tinha lua, lua cheia e branca e talvez assim parecia mais frio. Lembro a lua porque o Zito teimou:

— É mesmo um velho com suas imbambas!

Eu gozei-lhe, disse que isso eram as mentiras do só padre da Missão no catecismo e depois refilei e expliquei o que o meu pai, velho marinheiro, me ensinou. Mas o Zito ficou zangado e disse que era mentira, que na lua não podia ter morros e matas senão caíam na terra.

— Então e o velho?...

Ficou calado, derrotado com as minhas palavras e eu pensei que era esperta e a luz da lua pintava tudo bonito, as barbas da mulemba brilhavam, cheias de pingos de cacimbo. E ninguém que queria falar.

— Você me chamou e não fala nada, então?

Só riu e a gargalhada dele parece acordou a Espanhola, a cabrinha mexeu e eu fiquei com medo; mas ele não falou mesmo assim, só encostou o corpo quente dele no meu e me abraçou devagarinho. As conversas da Joanica e da Tereza passaram na minha cabeça e afastei-lhe; mas o Zito ameaçou ir embora e eu disse para ele ir.

Mas não foi; ficou e calou e me abraçou mais e sorriu. E como eu ri também o meu riso de miúda, o menino começou falar então a esquadra, a porrada, os presos, o cabelo rapado. Às vezes eu interrompia, ele então queria parecer mesmo homem, mas sentia-lhe só mas é menino de nosso musseque.

— E porquê então, Zito?

As mãos dele passeavam no meu corpo e já tinha esquecido as palavras de Joanica e Tereza e o medo da Espanhola e só sentia o cacimbo a cair, a cair; parecia era luz da lua derretida e a voz era agora daquele menino do nosso musseque, falando os cigarros que queria, o dinheiro que não tinha, os quedes para ir na namorada — e pediu desculpa e disse não lhe gostava mais — e viu o dinheiro do doceiro da dona Guilhermina roubou, pejejou, amachucou-lhe, partiu o tabuleiro e foi na esquadra.

A noite corria com as nossas falas. Já não lembro o que era, ou lembro que era muitas coisas, e nada, palavras bonitas ou palavras feias que a gente falava mas não interessava porque a noite era bonita, o Zito era forte e estava-me abraçar com jeito, apertando devagarinho como jibóia pequena. Senti então que de manhã ia ser bom, com aquela noite assim, podia fazer como eu gostava, correr descalça no capim cacimbado, sentir as gotas frias, os quinjongos e os catetes a voar; a fugir, espiar os ninhos das aranhas brilhando no sol, ele já aparecia cedinho ou talvez, se o malandro do Zeca tinha feito, cair depois numa armadilha de capim amarrado e ficar com o corpo cheio de pequeninas manchas de água, a rir, a rir satisfeita até mamã Domingas me chamar para sair embora com a lata da água para cartar.

Mas, outra vez, a voz de homem do Zito falou aquelas coisas que eu assustei no dia que voltou da esquadra e toda a gente lhe ouviu contar; lá em casa, e eu não quis acreditar ainda, perguntei se era verdade mesmo e ele jurou que, na esquadra, os meninos faziam de mulheres e eu então chorei.

E a voz dele continuou falar os gritos dos mais miúdos, os mais-velhos tinham de pagar no Açucareiro, que era o dono dos miúdos, e eu continuava ali a chorar, a minha cabeça não percebia bem como é faziam assim os meninos mulheres e o Zito não quis adiantar explicar e tirou as mãos do meu corpo e eu senti frio, o frio do cacimbo bonito daquela noite, arrefecer mais o meu corpo quente e me encostei no Zito.

Estava outra vez calado. Passou o braço no meu pescoço e meteu a mão debaixo da

camisola, procurando as minhas mamas ainda pequeninhas e muito rijas com aquele vento e por isso senti bom assim, a mão quente do Zito, mas as palavras da Joanica e Tereza chegaram outra vez e eu falei:

— Zito!...

— Uhm?...

Ele disse que não, que eu não estava uma perdida e teve gargalhadas, risos de criança ainda, de menino como ele era e estava fazer pouco dessas manias dos mais-velhos, eu senti. E então ri também e as mãos dele tremeram e puseram cócegas nas minhas mamas pequeninas.

— Foi a Joanica que te disse...

A minha raiva espantou-lhe e eu também fiquei admirada. Mas queria saber se ele falava mesmo com a rapariga, se ia-lhe acompanhar, se lhe abraçava e lhe apalpava também, mas a voz dele falou «Carmindinha, então?...» e eu calei.

Não gostei o barulho do vento a sacudir as barbas da mulemba, já não brilhavam mais. Passou o vento na capoeira, frio e com depressa e levantou pequenas vozes das galinhas e pintinhos e eu tive medo outra vez. Disse no Zito:

— Não vão acordar! Capitão só voltou ontem...

Eu percebi a malandragem nos olhos, na voz e no apertar dos meus ombros e não gostei. E as mãos procuraram outra vez e encontraram, agora desciam e subiam e era o meu sangue e o respirar do Zito que subiam, cresciam e eu fiquei muito satisfeita e pensei que era bom gostar dum homem e que o que um homem faz é bom e que quem diz eu sou uma perdida não sabe nada. Se gosta, gosta mesmo e só é perdida se faz as coisas que não gosta com pessoa que não gosta e então ouvi o barulho e tirei as mãos do Zito.

Mas não era mamã Domingas nem papá Abano, eram só os socos do Xoxombo nas costas da Tunica, estava-lhe roubado o cobertor se enrolando, deixando o miúdo no frio e ele mesmo a dormir punha-lhe socos e as costas da menina parecia era tambor.

Na hora que voltei devagarinho no menino que me esperava, vi os olhos dele brilhar como de gato, mas pensei também que era bem cacimbo com aquela luta de miúdos e as gotas a correr nos zínco, a cair no chão com barulho de música ou a passar mesmo para dentro das casas. Que, de manhã, tudo ia estar molhado; e que ia brincar com a Tunica, brincando fumar o ar da respiração, o Xoxombo não sabia fazer e chorava.

Então a mão sempre quente me agarrou bem e, desta vez, era outro calor e a respiração. A força partia a minha cintura e as mãos me agarravam e corriam na minha pele que eu sentia mais macia cadavez que o sumáuima da mão dele passava, e quente que eu sentia, cadavez mais quente, cadavez mão dele fazia festas e lembro bem que disse: «não», mas o Zito não ligou e me puxou em baixo da mulemba e eu a dizer não e ele deixa deixa, as mãos, os olhos, todo o fogo queimava o meu corpo magrinho debaixo do vestido, por cima só a velha camisola de mamã e era cacimbo, no dia seguinte o Xoxombo e o Zeca e os outros iam fazer fogueiras, o fumo cinzento e branco ia misturar com as nuvens cinzentas e brancas correndo no céu sem sol, mangonheiro nesse tempo que os pírulas chamavam sempre durante as chuvas e que ali estava com a lua branca e grande e fria, cinzento e branco como os passarinhos que tinham-lhe querido.

Gritei: «não, Zito» e ele não ouviu; mas a Espanhola respondeu no seu canto e as galinhas abriram os olhos e cantaram, cantou o galo acordado pensando a luz branca e fria da lua era já

o sol do cacimbo que estávamos.

E o quente era muito, as minhas mamas pequenininhas não lhes sentia mais, todo o corpo era rijo e pequenino como elas, só as mãos daquela onça, falando bonito, corriam meu corpo pequeno e mal escondido; era cacimbo, bonita noite de cacimbo, o tempo que eu gostava mais, não tinha calor nem chuva nem moscas, mesmo que não tinha cajus, nem mangas nem abacates e maboques não fazia mal, porque tinha o cacimbo, o fresco, o capim cor de jinguba torrada, as fogueiras e aquelas nuvens cinzentas, baixas e brancas, que às vezes parecia as pessoas podiam-lhes agarrar.

Mesmo assim disse: «não, Zito» e a Espanhola berrou, o galo cantou enganado outra vez e eu vi, nos meus olhos fechados, de gosto bom pelo Zito, e o Zito viu com seus olhos malandros, vimos então a luz amarela do candeeiro passar debaixo da porta, encher a luz do luar do cacimbo e mamã Domingas e papá capitão que vinham e nada que podíamos fazer assim naquela hora e comecei a esquivar atrás da mulemba, o galo sempre a cantar, as galinhas assustadas e a cabra Espanhola no canto a saltar e as sombras negras pelo quintal branco da luz da lua grande lá em cima, tremiam com a luz amarela e eu assustei e gritei muito.

O candeeiro chegou na frente dos meus olhos e vi as caras amarelas de sofrimento e espanto de mamã e papá, o meu corpo ficou leve, leve, ia cair mesmo no chão. Então, enxotei os braços do Zito à volta de mim mas o menino já não estava ali.

Me bateram. Com muita força primeiro, sem muita força depois. E gritavam e os vizinhos vieram pela noite de cacimbo para ver a menina que chorava, nga Sessá, dona Branca, a Tunica e Xoxombo pararam a peleja no sono e choraram também a minha pancada, mas eu não dizia nada. Fiquei olhar a lua grande e branca, cadavez mais grande lá em cima. Papá jurava tinha-lhe visto sim senhor, era o Zito, esse malandro, e batia para eu contar; e eu só chorava e não queria falar a verdade, as palavras de mamã me avisando a Joanica e não queria eles soubessem eu estava mesmo a chorar para dentro porque os olhos de Zito estavam abertos quando as mãos faziam o meu corpo todo pequenininho e rijo como as minhas mamas e nessa hora senti que ele queria mesmo era me gozar e mais nada. Chorei só a minha raiva, para dentro de mim.

E quando eu era já uma sem-vergonha, uma cadela, uma perdida e todas as cabeças do musseque olhavam na minha cara inchada a chorar para dentro e para fora, a Tunica e o Xoxombo a chorarem também pela minha surra, e eu sempre dizia: «É mentira! É mentira! Vim só ver o barulho da Espanhola!», e velho capitão jurava para mamã Sessá, amarela do candeeiro e branca da luz da lua, jurava mesmo que era o Zito que queria-me escabaçar, naquela noite, e eu era uma perdida, como a Joanica e Tereza, e levava mais surra, quem tinha razão era mesmo ele, bem dizia, naquela história da costura, apareceu a Albertina.

A Albertina, ela mesmo.

Toda a gente calou, fiquei só eu a chorar. A lua ria para mim, a luz era mais agora, como água das gotas de cacimbo que caíam em cima do nosso musseque, o cacimbo que eu gostava mesmo, essa bonita noite de cacimbo, com a mulemba também calada, as barbas chorando seus pingos de luz da lua, caladas as galinhas e o galo, a Espanhola a olhar seus olhos vermelhos de cabra que não percebia, deitando no quintal uma sombra maior que o corpo dela. Nessa hora, assim, Albertina falou.

Gostava de chorar mas já não podia, só chorei para dentro, agarrada naquela mulher até hoje eu só queria ser sempre boa como a Albertina. Naquela bonita noite de cacimbo com gotas de luz da lua a brilhar em todos os zínco das cubatas, quando ela falou e eu parei de chorar, toda a gente foi atrás dela, mamã com o candeeiro amarelo pondo sombras de cazumbis pelas paredes e a luz depois a mostrar a todo nosso musseque o quarto da mulher perdida, pequeno quarto com luz branca da lua a entrar na janela aberta e o Zito lá estava, malandro, deitado debaixo do cobertor parecia toda a vida dele, desde pequenininho fazia aquilo, parecia era mesmo a cama onde tinham-lhe nascido, nunca tinha saído dali, comendo, bebendo e crescendo no meio dos lençóis quentes da Albertina que tinha deitado com ele nessa noite, como todo o musseque viu e sempre falou depois e isso calou na boca de mamã Domingas e meu pai capitão me abraçou-me e desculpou e eu senti raiva de mim, raiva do Zito, raiva da mentira mas só chorei para dentro essa raiva grande e para fora as gotas de luz da lua do cacimbo dos meus olhos, a luz branca da lua grande e branca numa bonita noite de cacimbo sobre todos os zínco do nosso musseque, que era a Albertina, puta de profissão.

*

Carmindinha me falou exactamente como escrevi, esta história do Zito; e, se conto o que passou, gostando essa menina como gosto, não é para fingir que me dói menos no coração ter acabado assim a mentira boa que naquela noite de cacimbo ele estava na cama de Albertina. É só que prometi falar a verdade acerca do Zito.

Don'Ana é que me contou porque eu não sabia. E os outros meninos eram, nesse tempo, ainda monandengues. Só lembram que a mulher berrava e mais nada. Mas sá Domingas não conta igual, não. As diferenças não são muitas. Mas mais-velho capitão mete na conversa para nos avisar: se queremos pôr tudo bem no nosso jornal, então o melhor é mesmo ouvir a parte dele. Sá Domingas é que não aceita e enxotou-lhe:

— Ih! Você adiantou ir com o Zito no tijolo, como é quer saber melhor que a gente?...

Capitão não lhe responde. Diz que palavra da mulher é só provocação, se a gente vai ligar, vai sair confusão, o melhor é mesmo ler seu jornal. E então don'Ana fala que chovia muito, batuque no céu e relâmpago de assustar; sá Domingas, com jeito, não quer contrariar a velha amiga e vizinha, vai dizendo que a noite era escura e cheia de luzes de azeite-palma no musseque das estrelas. Perguntámos para nga Sessá, mas a mãe do Zito não adianta:

— Ená! Tanto tempo já. Não lembro. O Zito sabia...

O Zito sabia, mas o Zito lhe mandaram em São Tomé. E como jurámos no nosso jornal só íamos falar a verdade, e é por isso sô Antunes proibiu o Antoninho de lhe ler, continuámos perguntar, queríamos saber. Até que um dia aproveitámos, don'Ana estava sozinha, com Tété nos joelhos e falou como ela gosta e eu e o Zeca ouvimos com atenção essas conversas da chegada da Albertina no nosso musseque, esse caso falado meses e meses e agora pouca gente lembra.

Hoje, do nosso antigo jornal escrito à mão, na letra miudinha e redonda do Zeca Bunéu e lido por todos que sabiam ler, vou lá tirar a história, numa crónica de Tonito Kadibengu, eu já não lembro se era nome do Zeca, se era meu ou ainda do Antoninho que, no fim, quando já estávamos só os dois no musseque, também nos ajudava.

Foi assim mesmo que contaram as pessoas mais velhas de nosso musseque. Falam a senhora sofria muito, gritava, se rebolava na cama. E que toda a gente veio lhe ver, nessa noite que chegou pelo braço do homem alto, de fato branco, que todos já conheciam de três dias por ali. Primeiro andou espiar a cubata, depois já com sô Anibal Manco, cobrador das rendas, mirando muito bem a casa, mas não falou com ninguém. O rapaz coxo, que as nossas mães não gostam, não perdoa no fim do mês, se não tem dinheiro para a renda entra mesmo na cubata e começa logo-logo escolher as coisas boas, só falou que o homem era de Malanje e que ia morar ali.

Penso que sá Domingas e don'Ana, com nga Sessá e cadavez dona Branca, puseram suas conversas nesses três dias: um branco, assim bem vestido, morar no musseque, fazia confusão. Mesmo que a cubata, como mostrou sô Anibal, raspando na parede com arco de barril, não tinha nem um salalé e o zinco estava novo, chuva não ia entrar lá; e, o melhor mesmo, tinha chão de cimento.

Don'Ana, viúva de pouco tempo, é que gostava falar, muitas vezes, a cubata era mesmo para uma amiga, dessas meninas que os nguetas da Baixa gostam estragar e depois lhe arranjam assim uma casa, pagam a renda e a comida e nas noites quentes vêm, com o passo de hiena deles, para encontrar mas é o amigo da pequena nos lençóis. E aí a confusão é de rir mesmo.

Então, ninguém que podia adivinhar, sucedeu: a mulher era mesmo uma branca, meio velha já e chegaram oito horas já passavam, as mulheres e as crianças sunguilavam ainda quando os gritos ajudaram mais o mistério.

— Ená! Mal que chegou, já está lhe arrear!

— Não é, mana! Ouve ainda bem? A pobre, se calhar, está doente.

Mas só sentiam os passos do homem indo no quintal, entrando e saindo, barulho de painelas, canecas, gritos de dor.

Conta capitão Abano que foi o homem mesmo que veio pedir socorro, mas a gente sabe como são as pessoas aqui no nosso musseque: se sai gritos e barulho e confusão, vão andando, chegando devagarinho, os monas agarrados nos panos das mães e então os homens, desculpendo, adiantam perguntar se não precisa nada, se é assunto de doença ou despartam se é confusão de chapada.

Neste caso em que a mulher gemia e virava na cama, não ficando quieta nem um minuto, suando as combinações que don'Ana lhe mudava, tirando outras secas duma mala grande no canto do quarto, enquanto sá Domingas no quintal acendia um pequeno fogareiro de ferro, penso o capitão enxotou embora os miúdos nas suas brincadeiras, nem mesmo Carmindinha que deixou-lhe, e ficou conversar com o homem do fato branco falando os azares desta vida, essas doenças do mato que agarram um infeliz para lhe comer logo-logo e outras coisas assim, metade a querer dizer, metade a querer saber.

É que, no nosso musseque, se ajuda, gosta saber porquê está a fazer e o que tem de fazer. E se não é pessoa como nós, aqui, nos conhecendo todos, então também precisa saber quem está ajudar. E falo assim, mesmo com sá Domingas sempre a dizer o homem dela não viu muito, saiu com o Zito nas corridas adiantar roubar o tijolo novo na obra do Liceu, e só mesmo o capitão que fala coisas que as mulheres nunca dizem, e ele jura o homem lhe contou naquela noite.

Por exemplo: essa história que a mulher saíra no Golungo, filha dum velho soldado, tinha-lhe deixado muitas lojas perdidas lá pelas sanzalas do mato, todas as gentes vinha vender a cera, o café, o mel e outras coisas, ninguém que comprava noutra loja panos, missangas, aguardente, o sal, tudo era só comércio nas lojas da branca Mukuangombe, nome que lhe chamavam. E que os seus bois eram mais que muitos, ninguém que sabia a quantidade, e os filhos também, miúdos brancos e miúdos mulatos espalhados pelo mato. Só homem de viver todos os dias não lhe conheciam. Assim e ainda outras histórias que costumam mais a acreditar.

Don'Ana ainda acrescentava, jurando a mulher tinha falado com as palavras febre põe na boca dos doentes, que ela chamava mesmo nos filhos todos que estavam em Malanje, que ela na doença e nos sonhos não falava outra coisa.

— Juro ainda, mana! Aquela infeliz sofre a falta desses filhos — confirmava, dois dias mais tarde, querendo desculpar a porta da branca agora sempre fechada. Outras duvidavam, diziam era mas é ingratidão desses cangundos, se não fosse a gente tinha morrido mesmo e agora olha: porta fechada na cara de todos.

É mesmo difícil saber bem a verdade. Foi uma noite comprida e quente, muito agitada e tudo sucedeu de repente, parecia de propósito para trazer a confusão. Nga Sessá e as amigas mudaram a doente e os leñóis muitas vezes, a infeliz parecia ia se derreter em suor e gemia, adormecia, acordava:

— Aiuê! Minha barriga, minhas costas! Morro!...

Só sossegou mais meia-noite já, começou respirar mais calma, a gemer com voz baixa, calando aquelas conversas do homem que lhe amigo para adiantar roubar os bois, dos ladrões de bois, dos ladrões do dinheiro dela, um advogado de Malanje e os filhos mulatos e tudo o resto que don'Ana, sá Domingas e o capitão gostam falar. Mas duvido: nessa hora da febre da biliosa, uma pessoa fala muitas coisas que nunca pensou nem aprendeu nem ouviu nem sabe, é só voz dos cazumbis.

Era essa a doença da mulher. Tinha chegado amarela, amarela parecia ovo, se torcendo e suando toda a cama e se não era ainda a água de brututo de sá Domingas e o tijolo quente que lhe amarraram nas costas, talvez de manhã ia já acordar morta. Mas, nesses cuidados, desatou mijar mais, mais claro, não era encarnado de sangue, e isso alegrou nos corações de toda a gente cansada. E aí adiantou dormir parecia era criança, a cara virando de amarelo para branco, seu peito gordo a mexer devagar, e toda gente saiu, despedindo no homem que agradecia muito e apertava a mão das pessoas, querendo rir, falando até amanhã vizinhos, noite feliz amigos...

E no caminho de suas cubatas onde que todos os miúdos já dormiam, as coisas da mala, a casa, a cara do homem, sempre muito atrapalhado, e não olhando direito nas pessoas, se não fossem eles ia deixar morrer mesmo a mulher dele, encheram a noite. Mas capitão Bento interrompeu:

— Homem dela? Como é vocês sabem? Nem eu que falei, sei...

— Ih! Estava-lhe a ver toda nua, quando lhe mudámos!

— E depois? Isso fala que é homem dela? Vocês mulheres...

— Ora, cala-te a boca! Você também não estava lá!

Falaram outra vez a história do tijolo e a conversa da chegada no nosso musseque de dona Garibaldina Ferreira Lemos ficou mesmo assim. Mas só mais tarde é que a gente soubemos o

nome porque todos, do Golungo até em Malanje e da Canhoca até no nosso musseque, chamavam-lhe é Albertina Mukuangombe, esse nome de Garibaldina nunca se viu numa pessoa. Ainda hoje ninguém que sabe quem era o homem daquela noite. Albertina nunca mais falou esse dia da chegada. Sabemos só, ela foi mesmo a primeira a contar, falando suas melhoras e afastando dos corações a ideia da ingratidão de cangunda. E isso foi uns dias depois, a porta e as janelas da cubata se abriram para mostrar a mulher já em pé, branca e mais magra, mas a rir para o vento fresquinho da manhã. Falou assim:

— Minhas amigas! Nunca vou poder agradecer! — e depois triste: — Ele foi-se embora logo de manhã, na noite que eu cheguei aqui. Eu já sabia que ele não ia voltar mais... É a vida!

Albertina pediu então para entrarem e lhe ajudarem a arrumar a casa, tudo estava uma confusão e ninguém teve mais coragem para adiantar perguntas.

Assim, essa amizade, que ainda hoje tem, nasceu nesses dias da doença. E se ainda, às vezes, capitão mete na conversa para explicar, com a sabedoria dele, quem era o homem, já Domingas, muxoxa arreganhando-lhe:

— Sukuama! Cala-te boca, homê! Você só foi com o miúdo roubar o tijolo na obra... Agora és sábio?

Pronto, assim ficou a história da chegada de dona Garibaldina, Albertina Mukuangombe como lhe conheciam no Golungo; ou melhor, Albertina só, como todos, mesmo os meninos, lhe conhecemos aqui no nosso musseque.

2.

Pópilas, metia raiva ver o Zito depois daquela noite de cacimbo na cama de Albertina!

Naqueles dias a gente gozava, xingava-lhe mesmo, mas ele não ligava. Passava, com seu ar de galo, e mesmo fazendo-lhe pouco porque não tinha sapatos, só quedes, nem dessa maneira falava. Era a fama que corria, saía mesmo no nosso musseque, começava chegar em todas as meninas pelo areal fora. Tereza e Joanica espalharam nas amigas da Associação Regional e, cadavez seis horas, tinha meninas que desviavam seu caminho, não queriam subir mais na Calçada da Missão, vinham pela Pedreira, atravessavam o nosso musseque, fingindo acompanhavam Carmindinha, mas toda a gente sabia: era mas é para ver o Zito. Esse menino era já de histórias antigas com mulheres e agora aparecia mesmo deitado na cama da branca Albertina. É verdade, se você paga, você pode deitar; mas não era esse o caso, dinheiro ele não tinha. As meninas falavam então conversas que a Albertina nunca disse, mas que gostavam inventar tudo, para adiantar passar no nosso musseque.

— Ih, verdade! Ela fala que homem como ele, ninguém!

E riam do atrevimento das próprias palavras, algumas mais envergonhadas punham mão na boca, fingiam não estavam perceber, resmungavam ameaças de queixas:

— Olhem só a sonsa! Poça! Se calhar você teu miúdo te encosta nas aduelas! 'Tás p'raí a fingir!

As atingidas muxoxavam, disparatavam, queriam pelear, mas continuavam, nosso musseque já estava perto. O Zito lá estava com as manias dele, fumando o cigarro, cadavez assobiando, fingindo não ouvir ou respondendo, se uma mais atrevida adiantava cumprimentar:

— Olá, amor dos outros!

A fama do menino crescia. As meninas mais velhas falavam, falavam e nga Sessão andava medrosa, só sô Sebastião não ligava nas palavras dela, ganhava vaidade desse seu filho, ria satisfeito.

— Olha só, Mbaxi! Continua a ir mesmo lá. Meu medo é um dia dá encontro num batalhão e depois?...

Sô Sebastião levantava os ombros, gozava:

— Com ele? Sukuama! Nem que tem todos os batalhões!

E nós mirávamos o nosso companheiro, saía essa raiva de inveja mas mesmo assim a gente não podia se zangar. A nossa amizade era antiga, nada nem ninguém que podia lhe estragar, o Zeca até levava chapadas do pai porque continuava falar no menino e o mestre não queria lhe ver brincar com esse negro rosqueiro do Zito, como ele chamava.

Então o cacimbo acabou depressa.

Veio Setembro, trouxe umas chuvas pequenas e essa história do Zito saltar as aduelas do quintal da Albertina, essa pouca-vergonha para toda a gente civilizada, como falava dona Eva, foi passando, a raiva ficou mole, começou derreter com a vizinhança, as coisas que sempre a gente precisa e não tem, mesmo dinheiro, o calor a puxar conversa de todos nas noites e a vida adiantou correr como sempre, o vento todos os dias atravessava as cubatas, levantando poeira no areal, xaxualhando nas folhas dos paus.

Mas sô Luís polícia era onça, espreitava. A raiva dele era grande desde essa confusão do chumbo no mataco do Zeca, quando adiantou ameaçar a Albertina, don'Ana ouviu, crescia com essas histórias do Zito. Na quitanda de sô Antunes jurava, prometia:

— Hão-de ver! Limpo a merda deste musseque. Palavra de Luís Fonseca! Faço desta lataria um sítio para pessoas civilizadas viverem!

Ficava encarnado, o peito de rola esticado debaixo da camisa de polícia, agitava as mãos, reforçava as palavras. Sô Antunes, a gordura a sair na camisola sebenta, enchia os copos, acrescentava:

— Uma branca, vejam lá! Isto é uma pouca-vergonha.

Falava devagar, escolhia palavras, parecia não acreditava o que estava dizer, olhando as mãos dos amigos agarradas nos copos, para encher quando esvaziavam. Sô Luís batia o peito pequeno, bebia, ameaçava:

— Eu acabo, Antunes, eu acabo! Vocês vão ver.

Essa raiva do pai do Nanito, a gente ouvia-lhe quando nos mandavam na loja, e a fama do miúdo Zito andavam de mão dada, assustavam ou alegravam nos corações de toda a gente mas ninguém que queria pensar o que ia suceder. O menino vinha para brincar, e mesmo

com as ameaças no Zeca nossas brincadeiras saiam como antigamente, o medo não nos assustava, Zito era nosso companheiro, junto connosco ele ficava outra vez criança como ainda era e as nossas gargalhadas punham alegria nas tardes do musseque. Nos quintais, as mães sentiam assim os monas satisfeitos em suas brincadeiras sem maldade e esqueciam as famas de raivas e vinganças que andavam correr.

Foi então que sucedeu.

Era uma tarde fechada de nuvens e moscas, com muito calor. O Zito tinha chegado para sentar debaixo da gajajeira e, nessa hora, ainda o Xoxombo estava contar o Antoninho andava-lhe a ameaçar no caminho da escola e no outro dia tinha-lhe gritado que a Carmindinha era uma perdida, ia virar Albertina.

— Sukuama! E você deixou assim só disparatar tua irmã?

— Pópilas! O sacrista adiantou fugir na quitanda do pai dele. Mas ainda lhe zuni uma pedrada.

Se o Xoxombo queria — disse o Zito — ele ia-lhe agarrar para fazer uma barrela, deixar as matubas dele de fora mas o Zeca não aceitou e eu concordei. Falámos o Antoninho era miúdo para ele, o Xoxombo sozinho chegava e sobrava.

Ainda era muito cedo para dar encontro nas meninas da costura mas o Zito já tinha vestido os quedes e o cabelo dele estava luzir numa brilhantina de mais. O Zeca Bunéu falou vamos fazer uma rede-e-rede, bateu a bola de meia forrada de borracheira. O Zito negou. Fizemos-lhe pouco, o Zeca disse ele tinha medo mas o Zito não queria era se sujar. Então o melhor mesmo eram as quigozas.

Quigozas é divertimento de menino do musseque, brincadeira de miúdo sem brinquedo. Joga-se de dia, quando a gente não quer mais bilha, se o sol é muito para rede-e-rede com atacação ou grande desafio mesmo. Quando já passou o tempo dos papagaios de papel e nem interessa mais brincar de chofer com os nossos carros de papelão. É assim: cada qual arranja um burgau grande, ou redondo ou achatado, você é que sabe sua técnica. E aí, cada um quer ser o último a jogar. Passa peleja por causa disso mas um pé descalço faz risco na areia e sempre tem os primeiros, desse sítio atiram seus burgaus. Para você quigozar nesse que já atirou, não custa: atira o teu burgau para bater no dele. Acertou? Ele tem de arrotar contigo nas costas, desde o sítio onde você está até no sítio onde parou teu burgau... Jogam quantos querem. Só que os fracos, na hora de arrotar, fogem com as desculpas de batota e depois levam chapadas da cara e vão queixar nas mães. Chamamos jogar de quigozas porque quando a gente ainda não tinha este jogo, nossa brincadeira era pendurar nas carrinhas e camionetas que passavam no musseque e deixar-se ir a gozar, a quigozar como nós chamamos. Agora, que arranjámos nosso jogo, quigozamos uns nos outros.

Distraídos nessa nossa brincadeira, rindo boas gargalhadas na hora que o Xoxombo tinha que carregar o Zito, o menino era pesado de mais para o miúdo fraquinho, não sentimos a confusão lá em baixo, ao pé das nossas casas. Eu quem ouvi primeiro, o Xoxombo tinha caído na areia, a boca de terra e começou a cuspir parecia era sangue e então gritei:

— Parem! Parece 'tá passar maca lá em baixo?!...

Parámos nossa brincadeira e espiámos naquela direcção. O sol, saindo nas nuvens, não deixava ver bem, parecia era alguém a correr, a fugir e a Albertina com a vassoura atrás, batendo. O Zeca Bunéu, menino que tem vista de milhafre, gritou, saindo nas corridas:

— Pópilas! É a Albertina! Está a surrar no Aníbal Manco!

Atrás dele, parecia éramos cabritos aos saltos, aproveitando para corrida de quem chega primeiro, eu, o Zito e o Xoxombo zunimos, passámos no Zeca que era um lázaro na velocidade, só tinha é fôlego, e chegámos. Estava sô Aníbal, coxo do pé, e ainda por cima gordo, todo ele abaixado e a Albertina surrava-lhe com a vassoura de mateba na cabeça, nas costas.

— Gatuno, ladrão! Queria-me roubar minhas coisas!

Sá Domingas e nga Sessá chegaram para acalmar na amiga mas Albertina não ouvia, furiosa que estava, seu coração deixava sair embora o medo todo que tinha entrado dessas conversas durante as semanas. Nas portas, dona Branca e o mestre olhavam sô Luís falando para todos ouvirem:

— Está a ver, mestre? Você é testemunha! Vou acabar com isto, ah vou! Bonito exemplo para as crianças!

Don'Ana, que não gostava o policia, deixava Carmindinha e Tunica aproveitarem para fazer pouco:

— Uatobo! Uatobé! Só sabe falar...

— Meninas, juízo! Conversa não chegou na cozinha! — mas don'Ana ria seus olhos satisfeita.

Nga Sessá já tinha conseguido segurar na Albertina, empurrava a vizinha para casa, mas ela não aceitava, sacudia os braços das amigas, voltava na direcção do homem, mostrando sempre a vassoura, insultando:

— Vem cá, Manco, vem cá ainda! Parto-te os cornos! Cobrador da merda!

Sô Aníbal, coxeando e agarrando sua pasta, vinha atrás dela e quando viu sô Luís policia na porta, adiantou gritar queria o dinheiro da renda senão ia-lhe pôr na rua, eram ordens do patrão e se não tinha, ia-lhe levar o fio de ouro, os brincos. Albertina aí soltava das mãos que lhe seguravam, corria, o cobrador fugia mas depois voltava, aumentava os ameaços. Só quando chegou na porta de sô Luis e ouviu as palavras do policia falando no pai do Zeca, Aníbal Manco teve coragem de insultar:

— A culpa não é tua, quitata de merda! A culpa é do meu patrão que está alugar cubatas nas putas!

A gente tinha chegado nas corridas, estávamos mesmo junto do cobrador mas ninguém que podia imaginar: o Zito parece voou nas palavras de sô Aníbal. Dona Eva gritou, sô Luís correu no quintal e o cobrador nem sentiu a bassula que passou-lhe nas costas do menino. Esborrachado na areia, com Zito em cima dele, nem gritava. Carmindinha e Tunica batiam as mãos e toda a gente ria com vontade, mesmo com sô Luís, raivoso, saindo de cavalmarinho para bater no Zito. Mas foi essa confusão que mandou embora Albertina. É verdade sô Luis correu de chicote mas o Zito já não estava lá. De longe, limpando a areia dos calções e do cabelo, ria troçando o policia, pondo asneiras com os dedos. Sô Aníbal já tinha-se levantado, sacudia sua pasta e lamentava:

— Não há direito. Um homem assim, doente como eu, fazerem pouco? Vou queixar na policia, vou queixar. O senhor viu?...

Perguntado, sô Luís riu seu riso mau e veio lhe ajudar parecia eram amigos de muito tempo. Depois levou-lhe dentro da cubata.

— Não é preciso, Anibal! A polícia já viu tudo. Entra, entra e limpa-te, homem! A gente vai fazer a cama à vadiagem deste musseque!

A tarde corria para o fim, apressada. Um vento frio, de repente, veio enrolar nas pessoas espalhadas por ali, admiradas com aquela bondade de só Luís, levando o cobrador lá em casa. Sem pressa, vieram, caladas, rodear Albertina sentada na porta. Queriam-lhe ajudar, animar, mas também seus corações sabiam se ia sair combinação de só Luís com o Anibal Manco, pronto! Tudo estava perdido! Tinha dois meses já não pagava a renda, aquele tempo no hospital estragou a vida e agora não recebia mais aquelas cartas de Malanje, ia fazer como então?

— Deixa só, Albertina! Não chora! A gente te vai ajudar...

Mas ela chorava, chorava e pela primeira vez ouviam-lhe lamentar sua vida, sem mais dinheiro de pagar a renda, carta de Malanje nada, a polícia ia-lhe pôr fora da cubata.

O Zito, esse já tinha seguido areal abaixo, adiantar esperar as miúdas, para ele confusão só era boa quando saía pancada, e eu e o Zeca estávamos com pena de Albertina, ela era mesmo nossa amiga, mas nada que podíamos fazer. Deixámos sá Domingas, don'Ana e nga Sessá a lhe consolarem e viemos no Xoxombo, quieto já com as irmãs dele.

Nos conselhos de suas amigas, palavras boas de don'Ana que prometeu ir mesmo lá na Baixa, falar o patrão do Anibal Manco, a ela tinha que respeitar, era a viúva de Floriano Pinheiro, Albertina começou sossegar. E quando a noite queria já esconder nosso musseque, pôde ainda gozar o aleijado cobrador a sair envergonhado, na casa do polícia:

— Ená! Se calhar também te deu a mulher dele, não é? Sungaribengo de merda!

Mas calou logo. Só Luís, assobiando como ninguém lhe ouvira ainda assobiar, estava na porta. Voltou aquele vento frio, se meteu no meio das mulheres e a Albertina, sem querer, se escondeu mais, murmurando:

— Ai manas! Desta vez estou perdida!

E nem os conselhos de sempre, as falas amigas que iam-lhe ajudar, só precisa calma, não podia pensar iam-lhe correr assim na casa onde você está morar, acalmaram o medo e a dúvida no coração da Albertina. Mesmo com a noite ficou ainda muito tempo sentada, ali, fazendo festas e falando com seu cão cabiri:

— Aiuê, *Sem Nome!* Só Zito mesmo que pode me ajudar. Só ele mesmo...

3.

Foi só alguns meses depois que levámos nosso companheiro Xoxombo no Cemitério Velho, que Albertina foi embora.

Eram as nossas últimas férias da escola, eu e o Zeca já íamos mesmo andar no Liceu e

Carmindinha, assustada, falava depois eu ia-lhe esquecer, ia conhecer as meninas bonitas que vão lá estudar, não ia querer namorar mais com uma miúda de musseque e eu zangava-me. Essas zangas duravam semanas, não falávamos, só recados na Tunica, mas todo o dia passávamos a nos espiar, não podíamos mesmo viver sem ver nossos olhos.

Umás férias tristes assim nunca tinham passado, não gozámos no Carnaval nem nada, sem Biquinho, com o Zito outra vez na esquadra por causa o Anibal Manco e o Xoxombo, coitado, deitado no cemitério, a gente ia lá com Tunica e Carmindinha, todos os domingos, levar as flores. Não tinha vontade para a figsa, não queríamos mais gaiola de alçapão nem visgo, nga Sessá deixou mesmo voar embora os bigodes do Zito. Nesses dias assim, sozinho com Zeca Bunéu, eu encostava minha concha na orelha e ficava ouvir o meu mar antigo de menino dos Coqueiros.

O musseque vivia sua vida calada, cada dia mais triste, sá Domingas quase nem lhe víamos, mestre Abano tinha saído numa viagem para o Norte e só os assobios do pai do Zeca, batendo sola, as idas e vindas de Anibal Manco, agora grande amigo de só Luís Fonseca, é que era ainda conversa das pessoas. Albertina, mais velha de repente, todo o dia sentava na porta, falando com seu cão, esperando ninguém sabia quem, o quê. Conversava com *Sem Nome*, outros dias ia, com o passo gordo dela, ajudar nga Sessá lá em casa ou don’Ana, as miúdas Tereza e Bebiana estavam mais crescidas, só queriam correr no quintal, na rua, fazer brincadeira de sujar roupa.

E então lembro, parece foi hoje. Numa manhã de sol já para Abril, eu estava sentado na minha porta e ouvi, longe, um assobio que eu não esqueço, aquele assobio do nosso musseque e depois chegou a cantiga do Zito, essa cantiga que aprendeu na esquadra e eu, às vezes, esquecia e cantava na Carmindinha. Corri no Zeca, chamei-lhe com depressa e aí vimos nosso amigo, alto e forte parecia homem mesmo, lá em cima, desenhado junto com o imbondeiro e a voz dele trazia alegria de verdade nos nossos corações:

*Andavam dois namorados
Muito arrufados num bananal
O moço foi-se chegando, foi-se chegando
Sem fazer mal...*

— Pópilas! Nem que esqueceu a cantiga dele. Estás ouvir?

Sim, eu ouvia a voz do Zito, a cantiga que lhe ensinou aquele amigo que ele falava sempre, o Açucareiro, e percebi mesmo com as férias no fim, a gente ia brincar ainda, íamos caçar outra vez os bigodes para pôr na gaiola ou cadavez mesmo, numa tarde, fazer uma fuga de dar fimba, pescar nas pedras da Mãe-Isabel, como eu queria já muito tempo.

— Eh, Zito!

— Eh, Zeca!

Abraçámos o nosso amigo, lhe roubámos dos abraços zangados e cheios de lágrimas de nga Sessá, dos conselhos que don’Ana começou logo a pôr, nem deixou o menino sentar para comer seu matete, a mãe já tinha no prato. Sá Domingas, mesmo com a tristeza dela, veio também; Tunica e Carmindinha já tinham chegado, a minha zanga na menina acabou ali

mesmo só com a alegria de trazer outra vez o Zito na casa dele. Até dona Branca apareceu, toda a gente ficou admirada, desculpou falar no Zeca e disse tranquila para nga Sessá:

— Então, senhora? Agora está feliz! O que é preciso é esse malandro ganhar juízo!

O Zito riu, falou que juízo tinha, faltava era sorte e quando a pessoa nasce com azar, o melhor é mesmo não fazer nada, senão, tudo quanto faz, só chama o azar para cima dele. Continuou a rir, desviou as conversas, consolou sá Domingas parecia era mesmo um homem, não era como nós que sempre queríamos falar o Xoxombo e ficávamos gagos e atrapalhados. Na cara grande e mais cheia de rugas correram as lágrimas e o Zito falou com muita tristeza, nós sentimos na voz dele:

— Menino bom, Xoxombo. Ninguém como ele, mamã. Foi no Céu, só podia ir no Céu, mamã...

Todos concordaram, sim senhor, menino esperto e bom como o Xoxombo tinha de ser anjo mesmo, ninguém que podia falar as malandrices dele, era um miúdo quieto. Na hora dessas conversas o Zeca ficava calado, don'Ana e sá Domingas, quando falavam assim, estavam pensar nesse miúdo e as suas histórias de fama no musseque. O Zito é que lhe salvou. Meteu outra vez os casos da esquadra, o trabalho na estrada com a porrada dos cipaios, fome e sede, mas nem assim lhe víamos cara triste ou zangada, falava sempre como falava o Xoxombo era menino bom, ou desculpava na mãe esses azares da esquadra, e então sentíamos o Zito já era homem.

A última a chegar foi Albertina. Vinha com o cabelo penteado, vestido lavado, a cara a rir e abraçou o menino, falou e perguntou e toda a gente viu, na cara uns dos outros, que o segredo não era mais segredo em musseque e só fingiam que não sabiam que o Zito, sempre que queria, deitava com a Albertina e a Albertina gostava o menino na cama dela.

— Só tinha medo era quando ia chegar, sô Luís já tinha-te mandado embora!

Albertina riu:

— Ih! Anda manso agora!

Don'Ana é que não acreditava:

— Deixa, Albertina! Você vai ver só! É como onça, eu digo, onça! Para quê ele fala sempre no Aníbal, me diz então?

— Não sei, mana, mas ouvi que vai comprar mesmo a cubata...

Sá Domingas saía do seu silêncio triste, mesmo sem mostrar vontade falava:

— Bento diz é isso. Parece comprou a tua cubata para fazer uma casa nova.

— Mas primeiro eu tenho de sair! E é isso que ele quer, mana Domingas. É isso mesmo!

O que diziam, o que falavam no nosso musseque podia ser verdade. Desde esse dia em que sô Augusto foi tirado da cubata dele, muitas coisas ajudavam a pensar assim, muitos telhados adiantaram furar das piteiras e capins, comendo o areal e sentia-se mesmo, cada mês que passava, a cidade a vir devagarinho, sem grande barulho, aparecer por todos os lados, as camionetas de burgau e areia roncando, servente abrindo as valas de encher de pedra, as casas novas coloridas, varanda na frente, quintal de flores, a empurrar, atropelar as antigas cubatas de pau-a-pique. Ficavam os zínco no chão, no meio do barro de canas partidas, o pó dando berrida nas pessoas, imbambas nas costas e na cabeça, pelos caminhos dos areais, subindo no Rangel, Marçal, Sambizanga, mais para longe.

Essa agora a conversa das vizinhas. Até dona Branca veio informar qualquer dia iam-se

mudar, de vez, na horta do 14, a chatice era o Zeca no Liceu, precisava uma bicicleta ou iam comprar mesmo uma carrinha pequena para trazer as hortaliças na praça e o menino nos estudos, mas isso, senhoras, custa dinheiro e vocês sabem, não somos ricos...

— Pois é, dona Branca! Mas tem a horta, a senhora pode trabalhar e o seu homem tem dinheiro... Agora a gente? Se Bento não pode mais trabalhar, vamos viver como? E agora tudo está caro, queria educar essas minhas filhas...

Don'Ana também lamentava, a sorte dela mesmo era as cubatas do falecido, deixou duas no Bairro Operário para render, era para educar Tété e Bebiana.

— E isso, eu não posso esquecer! Jurei-lhe mesmo, na hora da morte. Vão ainda no Liceu e tudo!

A conversa passava, tinham medo do futuro dos filhos, a vida estava cara e nga Sessá ficava calada, lembrava Sebastião, nessa hora, trepado nos andaimes na Baixa, fazendo as casas e cada semana sô Antunes, na sua quitanda, recebia mais dinheiro que ele trazia da obra. E, depois, esse Zito, já homem e sem juízo, melhor mesmo não pensar. Desculpou o almoço, foi no quintal e as amigas saíram também no mesmo serviço.

O tempo passava com depressa, o Zito armava seu visgo e alçapões. Bento regressou da viagem mais satisfeito, ele gostava o mar e as terras novas do Norte apagaram a tristeza da morte do Xoxombo, nas noites bonitas já saía com sá Domingas para sungular com seus vizinhos, brincar com Bebiana, a que ele gostava mais, bonita menina de pele torrada e olhos grandes, as pessoas antigas falavam era mesmo a cara do sô Floriano Pinheiro que eu já não conheci e ninguém quis me falar, nem mesmo don'Ana.

O Zito ainda brincou com a gente muitos dias, voltámos à nossa antiga alegria mesmo que éramos só os três, mas nada era igual. O menino era já homem, muitas vezes se aborrecia e nos chamava de miúdos e o que ele queria era sair embora, esperar as meninas da costura, passear seu passo de galo e à noite, quando já era tarde e nosso musseque dormia, saltar o muro e ir deitar na cama da Albertina.

Isso ainda perdoávamos e percebíamos. Mas a nova amizade que ele arranjou, ninguém que sabia mesmo o que passava, todos falavam e ainda para nga Sessá não explicava, era traição.

— Não lhe percebo, mana. Nunca que brincou com ele!...

E era verdade. As pessoas lembravam aquela confusão do chumbo no Zeca Bunéu, sô Luís proibiu o Nanito de chicote se continuasse brincar com a gente e o miúdo só tinha um amigo dele ali no nosso musseque, o Antoninho do sô Antunes, da quitanda. Como é o Zito agora, a manhã nascia, já estava na rua abraçado no miúdo, saía com o menino para caçar, nem nos ligava, de tarde ia mesmo na casa do Nanito, primeiro ficavam na porta jogar a bandeira mas, dias depois, dona Eva fez-lhe entrar no quintal. Desconfiadas as amigas avisavam nga Sessá. Mas ela falava que não sabia, o Zito não queria falar, só ameaçava, maliducado:

— Ih?! Não posso brincar com quem eu quero?

E nós sentíamos raiva no nosso peito crescer. Zito tinha-nos trocado pelo Nanito, um sacrista de merda que pôs chumbo no mataco do Zeca, esse mesmo gajo que o Zito um dia lhe partiu a rifa dele toda e do Antoninho?!

Tinha uma rifa bonita com santinhos, quadros, sabonetes, livros e tudo, e as pessoas que

passavam ali debaixo da gajajeira, regressando ou indo no serviço, paravam para comprar cada rifa meio tostão e muitas vezes saía. O Nanito sempre mostrava a lista e as pessoas que sabiam ler viam que os prémios bons estavam lá, mas depois saíam a resmungar o dinheiro, nunca que saíam essas prendas boas e às vezes só rifa branca, lâmpias mesmo.

— Sukuama! Cinquenta réis, nada! Miúdos batoteiros...

E agora amigo de Nanito, já se viu, um como ele? Nos lembramos muito bem: o Zito foi com a gente, o Xoxombo também ia mais o Biquinho, comprámos um angolar de rifas, uma velha nota verde com a cabeça e os cornos de pacaça que eu tinha encontrado na lixeira velha, e tudo, tudo mesmo, só lâmpias. O Nanito e o Antoninho se riram na nossa cara de aldrabados e o Antoninho ainda teve coragem de gozar:

— Pretos não têm sorte!...

Como é podia estar amigo deles, agora? O Zito mesmo é quem desatou aos pontapés, partiu os frascos de água com perfume e os quadros, espalhou as revistas, os santinhos, lhes chamando ladrões, que punham aquelas rifas para intrujar nas pessoas, roubar o dinheiro dos pobres, como na quitanda do pai. Eles quiseram pelejar, eram dois, sentiam força e nós é que lhes segurámos, ajudámos a arranjar outra vez a rifa, o Antoninho chorava de raiva, mas o Zito não queria calar a boca:

— É isso mesmo! Cada qual rouba. Minha vontade era partir esta merda toda!

E agora, vejam só! Passava, abraçado no miúdo, e lá andavam toda a tarde remexendo as lixeiras, procurar as capas de lâminas para a colecção do Nanito. E pior ainda, isso é que admirávamos mais e eu falava na Carmindinha: nem ia já, nas seis horas, esperar as meninas da costura na calçada da Missão. Ficava ajudar Nanito a colar as capas das lâminas no caderno e, muitas vezes, jantava mesmo com ele. As amigas falavam aquele mistério, nga Sessá entristava:

— Deixa só, mana! Não lhe comem, o rapaz come. Os brancos gostam assim... Deixa!

Entretanto o sol arrefecia a caminho do cacimbo, os dias ficavam mais pequenos e as chuvas fugiam nas nuvens altas, as conversas passaram, ficou só a tristeza e o mistério no musseque. As mulheres cansaram de falar, não adiantava, os casos estavam ali na cara de todos, essa nova amizade do Zito. Mesmo só Luís polícia falava com ele, dizia o que passou e que brincadeiras de garoto a gente deixa quando cresce o juízo.

E como toda a gente começou aceitar era assim mesmo, essa amizade ia trazer as pazes no nosso musseque, o pai do Zeca até falou uma conversa no capitão, ele não gostou é verdade (o mestre disse que se fossem assim educados com os brancos, os miúdos pretos podiam ficar mesmo gente), a nova confusão deixou todos de boca aberta, quietos e calados, ninguém queria acreditar. Uns falavam tudo era de mentira, só Luís é que adiantou inventar. Outros começaram culpar o Zito, menino perdido que não largava o vício de roubar; dona Branca falava a culpa era da Albertina, que mandou-lhe fazer aquilo; e a Albertina se defendia, jurava o polícia andava cambular o Zito para ele testemunhar o que ele queria que era para lhe correrem do musseque.

Só de manhã é que soubemos quando nos contaram, ralhando e ameaçando, parecia a gente também tinha culpa. E mesmo que era verdade, não víamos mais o Zito na casa dele, durante muitas semanas a gente não sabia bem o que sentia nos nossos pequenos corações: se era raiva no só Luís e no Nanito; se era bem feito no Zito, quem lhe mandou nos deixar,

trocar nossas brincadeiras, adiantar amizade no sacrista que pôs chumbo no mataco do Zeca Bunéu?

É que nessa noite escura, sem lua, um céu só cheio de estrelas, no silêncio do nosso musseque adormecido, o Zito quis ainda roubar todo o dinheiro do polícia. Com uma chave que adiantou tirar nesses dias de brincadeira com o Nanito, Zito entrou na casa de sô Luís, com aquele jeito de onça que ele tinha, e se não era o Nanito não tinha dormido ainda, ninguém que ia-lhe agarrar. Mas os gritos de medo do filho do polícia e a confusão das cadeiras nas pernas do Zito estragaram tudo. Sô Luís apanhou-lhe mesmo com a lata dos doces que estava atrás do armário, onde ele tinha a mania de esconder o dinheiro para construir a casa nova.

No escuro da noite ninguém que sentiu as porradas no Zito, ele não chorava nem gritava mesmo debaixo da pancada. Mas o Nanito, vendo-lhe sair nas cordas, não aguentou e desatou berrar. Foi assim que todo o musseque acordou e muitas pessoas vieram ainda o Zito, a cabeça dele envergonhada no peito, desaparecer com sô Luís polícia sempre agarrando-lhe, pelo caminho do capim.

Uma semana depois, o resto do mistério da prisão do Zito morreu. Don'Ana recebia no sô Antunes uma carta: era de Albertina. Pedia perdão nas suas amigas por não ter despedido nessa noite que sô Luís adiantou agarrar o Zito; cheia de medo, sabia o menino tinha mesmo querido roubar o polícia para lhe ajudar pagar as rendas, arrumou sua maleta e foi na estação do caminho-de-ferro, da Cidade Alta. Agora estava morar com o filho, o tal aspirante do quadro administrativo, em Malanje. Com muitos perdões e agradecimentos rogava que aceitassem as coisas da casa dela, cada qual podia escolher embora o que queria, só o cão *Sem Nome* ela deixou para mim. Mas a carta chegou atrasada: nessa hora, já Aníbal Manco, com sô Luís e sô Antunes para testemunhar, tinha levado tudo no patrão dele que recebeu as imbambas da Albertina como se fosse pagamento das rendas.

Com um peso nos corações, cadavez era a falta do Zito para brincar, mesmo que o menino andava nos meter raiva com as manias dele, o tempo correu muito devagar e só mais tarde, cacimbo já, com a areia vermelha do nosso musseque aberta pelas pás e picaretas, nessa obra que sô Luís estava fazer no sítio da cubata da Albertina, é que nga Sessá soube, na esquadra, que o Zito não ia voltar mais na casa dela. Tinham-lhe mandado em São Tomé, para trabalhar de castigo, e até hoje eu não sei se ele ficou lá, se morreu ou voltou porque também a mãe dele saiu, com seu homem, para morar no Cayatte e nunca mais lhes vimos.

Foi com este peso no coração eu e o Zeca Bunéu entrámos no Liceu.

*

Hoje, olho triste a areia vermelha, quente do sol, por entre os capins e os paus, correndo para o Cinco, Kinaxixi, Bairro Operário, mas os meninos já não estão lá para brincar como antigamente.

É nestas horas assim que eu lembro o mar. Vou, pareço ladrão, tirar o búzio na mesa da minha madrastra. A concha amarela e cor-de-rosa é minha, fui eu que lhe encontrei na senga

da Baía e trouxe comigo quando vim morar no musseque. Encosto-lhe na orelha e tudo parece é feitiço: sinto as ondas pequeninas a esfregar a areia na frente da Igreja da Nazaré, os dongos dos pescadores ximbicando, o Augusto e o Carlos, meus antigos companheiros dos Coqueiros. Estamos sentados nas pedras verdes da Mãe-Isabel, nus ao sol, e oiço o Augusto, a gente lhe chamava de Pato por causa as fimbas:

— Cagunfas! Tem senga, vem ainda!

Mergulho. O menino era nosso mais velho, nos ensinava nadar de agulha para tirar o anzol das pedras onde as garoupas lhes punham, a sentar e a dormir no fundo ou, na maré vaza, aproveitar a senga e sair na Igreja da Ilha do Cabo.

Dentro da concha o vento sopra nos coqueiros da Ilha, o sol encarnado mergulha atrás da Fortaleza e o mar de muitas cores e poucos barulhos, que é o nosso mar da Baía, fala baixinho com a areia.

É assim que eu vejo quando encosto a concha na orelha. Ou, se eu quero, ponho lá dentro outras pessoas e mesmo que têm medo do mar não faz mal; levo-lhes para dar fimba comigo e com o Pato, no nosso mar quieto e quente. Ponho o Xoxombo que está no Cemitério Velho; o Zito que lhe levaram em São Tomé; o Biquinho que mudou-se e ainda o Zeca, ele saiu embora com o pai, na bicicleta, regar a horta do Catorze, no caminho da Funda.

Estou sozinho no nosso musseque, vejo a areia vermelha arrefecendo no fim da tarde, entre capins e paus, descendo para o Bungo, Ingombota, Cabeça, mas os meninos já não estão voltar na brincadeira, parando na porta da Albertina para receber os doces, a quicuerra ou outra coisa boa, sempre ela tinha para nos dar.

Só espero o Zeca Bunéu. Cadavez meu amigo vai chegar para escrever nosso jornal que foi brincadeira que capitão Abano nos ensinou para fazer, agora que estudamos no Liceu e restamos, sozinhos, no nosso musseque vazio.

Parece que ainda estou ouvir a Tunica, debaixo da mandioqueira do quintal, cantando naquela sua voz bonita que, pouco a pouco, foi crescendo, madura:

*No domingo fui no Kifangondo
No Kifangondo não tinha água...*

E depois parava de lavar, os seus pés pequenos faziam uns passos que também os caminhos do capim conheciam, de ir com a lata da água. Sá Domingas vinha, falava, zangada:

— Tunica, então? É assim que você faz o serviço?

A menina virava a rir, muxoxava brincando e continuava:

*A sopa
A sopa estava boa
Com água da lagoa...*

E agora o que ficou é só aquele postal com casas muito brancas e juntas, quadradas, com letras ninguém que percebe, com selo que ninguém sabe ler e as palavras redondas, como era o corpo de Tunica, apressadas, enchendo o bocadinho de cartolina branca: «A minha vida continua andar bem. Qualquer dia vou escrever uma carta. Esta terra é uma terra bonita e eu gosto dela. Não pensem eu sou infeliz. Mamã, tem a certeza que a tua filha passa bem mesmo fazendo muito frio às vezes.» Assim e outras coisas.

Sá Domingas chorava olhando o pedaço de papel, nada mesmo que ela percebia ali, mas era a Tunica que ela agarrava com as mãos dela, velhas da selha e do fogão, aquelas mãos que lhe lavaram e vestiram e deram surras e arranjaram batas de ir na escola. E então pedia para eu jurar que nunca íamos pôr a história da menina no nosso jornal. Aí, quando eu jurava, Carmindinha se chegava mais, ficávamos os dois calados, vendo mamã chorar o sofrimento dela e nem o Zeca abria a boca.

Tunica lá estava, Tânger era o nome da cidade, cantando e dançando rumbas e sambas, mas mais não sabíamos. «Tónia, la Rubia y sus amigos», como escreveu de Lisboa o

Antoninho e sô Antunes adiantou espalhar essa vergonha para sá Domingas. Velho capitão, mais calado, mais curvado, escondia no canto dele, lendo o jornal e não falava, não saía de casa, silencioso nas viagens, olhando no mar que tinha-lhe roubado a Tunica.

Mais tarde, na morte de Bento, com nga Xica derrubada no tractor, nga Sessá carregando as imbambas, saindo no Cayatte com coração seco dessa vida do Zito, Albertina que a gente sempre lembra de manhã quando comboio dos operários assobia seis-e-meia, na estação da Alta, também sá Domingas e Carmindinha cruzaram as areias vermelhas rasgadas de buracos para casas novas, e, seguindo o povo na sua fuga, foram morar mais longe, queriam fugir das recordações de nosso musseque.

Mas ninguém que consegue. Mesmo que muda noutras terras, noutro país, tudo ficou escrito nas mãos, nas mamas secas que eram gordas, em todos os riscos da cara negra que as lágrimas aproveitam para caminhar, nos cabelos embranquecendo das raízes mergulhadas naquelas histórias da vida dentro da cabeça e naquele coração teimoso, que bate sempre e que lembra sempre o que não quer mais lembrar e gosta de ouvir o Zeca e eu e Carmindinha falar, mas pede para não contar.

E, nessa casa pequena, já longe do nosso musseque, o retrato na parede, o mestre de barco de cabotagem Bento de Jesus Abano, o capitão Abano como sempre foi chamado, nos olha com seu sorriso calmo por baixo do boné de marinheiro, e é o nosso mar, azul e verde e cinzento, branco e amarelo, castanho dos rios grandes que entram nele, que a gente vê, as praias amarelas de sol, os morros vermelhos e brancos ao longo da costa, os panos verdes da terra no tempo das chuvas, que cobrem nossa tristeza de não lhe ter mais ali, a ler em seu canto, a falar com devagar, a ensinar como se faz um jornal, a discutir com Carmindinha ou a nos ensinar o amor da nossa terra.

Sá Domingas balança em seu sono de mais-velha, na cadeira e, em voz baixa com autorização do retrato na parede, o Zeca, segurando o *Boa Viagem* de bordão, obra de Maneco Santo, começa contar na Carmindinha, que não foi connosco, como passou aquela viagem dumas férias antigas.

Da parede, o velho retrato amarelo desce e segura a roda do leme da imaginação do Zeca Bunéu, para o menino não sair do rumo, como é sua mania, enquanto eu e Carmindinha nos perdemos naquelas praias que o Zeca fala, de mãos dadas, procurando um sitio verde e fresco de deitar, que o nosso amor é assim mesmo.

1.

O Zeca Bunéu fala e a gente sente. Carmindinha se chega para mim, sá Domingas adormece na cadeira. E eu vejo outra vez tudo como foi, o caíque branco gemendo no vento

sul, mergulhando o focinho nas pequenas e largas ondas, azuis em cima, verdes no fundo, estendendo preguiçosas, se empurrando, rindo às vezes seus dentes brancos de espuma, antes de se esfregarem no risco amarelo da praia. E depois a areia molhada vestia da cor do sol quase quieto no céu tão azul, nem que sabíamos onde juntava com o mar, do lado que vinha o vento. O Zeca falava o vento salgado, que trazia o gemer das cordas, das escadas, o barulho dos mastro resistindo, ao sol, embrulhado a lona amarelada da vela grande que, depois, os marinheiros xingados por Maneco Santo cambaram.

O nosso susto, o riso de capitão Bento na roda do leme, os seus músculos torrados aguentando, enquanto o *Boa Viagem* inclinava de lado, metendo a barriga branca nas ondas, um barulho do riso das águas de proa à popa, para depois endireitar a sua cor molhada e seguir, mais metido a terra, direito aos morros verdes do capim novo onde os olhos de Maneco Santo já apontavam a Fortaleza, o Liceu, o Hospital, mas nós nada que víamos.

Para os lados da terra, o mar estava castanho-escuro, cor de barro vermelho e capim, e essa água assim diferente era uma grande mancha correndo no mesmo rumo do caíque. Maneco Santo então explicou eram as águas do Kwanza, esse rio grande onde que os barcos andam como no mar e que nasce muito longe, lá para o lado do Bié, corre direito a Malanje e depois, ninguém sabe mesmo porquê, muda de ideia, vira para o sol, raivoso, comendo pedras e morros, no meio das matas, levando árvores e terra, corre no mar que já sentiu nos ventos que lhe trazem chuvas para beber. Dizia Maneco Santo, e a gente acredita nele, que o rio grande só descansava na hora de sentir o mar em suas águas; e que isso era no Dondo, mas corria sempre, grande e largo, cheio de força, mas sem raiva, mansinho até no mar.

O Zeca e eu ríamos, agarrados nas cordas, os peixes voadores pareciam caxexes à volta do caíque. O capitão, entregando o leme para Maneco, veio nos falar, dizer as barbatanas cresciam parecia eram asas e eles voavam por cima das ondas, às vezes mesmo caíam no barco ou passavam dum bordo para outro.

E outra vez, mais perto agora, o sussurrar das ondas na areia da praia, um barulho manso, mas a gente sentia era disfarce naquela raiva das calemas. Bento Abano jurava que ilha mais bonita que aquela não tinha, mostrava os coqueiros dançando no vento que soprava nos troncos, parecia era dicanza; as mangueiras carregadas de mangas amarelas e encarnadas, escondidas lá dentro das hortas, as redes dos pescadores, pequenos morros escuros sobre o capim verde das chuvas; as cubatas perdidas no meio de tantas cores, ninguém que lhes via de longe. O nosso mar batia na praia, brincava, trepava mesmo, escondia dos nossos olhos todo o amarelo da areia onde que o sol brilhava, depois mordida no capim, ele vinha nos dedos brancos da espuma, era um barulho de gargalhada a água, destapava o fundo de muitas conchas nuas e brancas. Do caíque sempre saíam outras ondas que a proa fazia e vinham cobrir tudo outra vez, não parando mais esta brincadeira, o sol a ver lá em cima, comandante, ele e a lua escondida para lá das águas que a gente podia ver, aquelas idas e vindas, descer e subir das marés, como foi ensinando capitão Abano...

Na proa, a vela pequena batia, cheia, com estalos pareciam eram chapadas e os marinheiros correram para lhe caçar, como berrou Maneco Santo, lá de cima da ponte.

— Homem como ele para mandar, nunca encontrei! — falava Bento, lembrando.

Caçadas as velas, o *Boa Viagem* inclinou mais, meteu de bolina e o barulho do mar,

encostado no muro branco do casco, aumentou nas nossas orelhas. E então lembrámos mesmo esse barulho à noite, a confusão que fazia, o Zeca dizia parecia pessoa a falar e eu pensava logo as sereias dos livros.

Nessa noite tinha um céu negro misturado no mar cheio de estrelas. Capitão nosso amigo veio, sentou nas cordas, na proa do barco, e ficou mirando o céu e falou nomes que não sabíamos e faziam rir.

— Como é aquilo é Touro? — dizia o Zeca. — E os cornos estão é onde?

Bento Abano mostrava outras, falava os nomes e nós ríamos sempre. Pópilas!

Essa mania de chamar assim nas estrelas, coisas tão bonitas, esses nomes de Cão Grande, Cão Pequeno, nomes feios; e Sete-Estrela era quê? Eu ficava calado mas o Zeca não parava de perguntar a capitão Bento e ele a explicar com toda a paciência, as estrelas não andam, são como o Sol e muitas vezes mesmo, muito mais grandes que o Sol. Apontava com o dedo, falava Sirius, mas aí nem ele também que sabia explicar o que queria dizer...

Foi Maneco Santo quem mostrou as que eu gostei, quatro, vi-lhes bem atrás de nós, caindo inclinadas no mar; e uma delas, brilhante, brilhante, eu disse era a Carmindinha e Maneco riu de mais. Eram quatro estrelas belas, pareciam papagaio torto, mal feito, e eu falei isso; Maneco Santo concordou, eu tinha razão, mas também era preciso passar o fio à volta, e como os homens que puseram-lhe o nome nunca brincavam com papagaios de papel, chamavam doutra maneira. Quando ele disse o nome eu gritei que já conhecia, o capitão veio com o Zeca e daí é que nasceu aquela conversa dos jornais, mais tarde, no quarto dele.

Era o Cruzeiro do Sul. O nome eu sabia; não sabia que era de estrelas não; mas já tinha lido aqueles jornais antigos que o capitão escondia e não gostava a gente pegasse para não rasgar. Nome dessas estrelas era então Cruzeiro do Sul. Maneco Santo explicou só para mim, o Zeca estava distraído a ouvir o capitão falar dos jornais do antigamente, que aquela estrela do rabo do papagaio sempre mostrava o Sul, a direcção certa para os marinheiros não se perderem nas noites de calema e eu percebi porquê o jornal tinha esse nome e o capitão gostava muito dele.

Depois dessa noite, eu e o Zeca não dormimos. Ficámos a acordar a manhã de sol, o céu e o mar iguais da mesma cor, os verdes coqueiros do mar do Mussulo, suas areias brilhantes e quentes, os dongos dormindo ou já riscando as ondas com suas velas de saco de açúcar, lá longe, mais longe que o caminho do caíque voltando do Sul, correndo, cheirando já nesse mar as águas da Baía calma e quente onde que descansava.

Mas capitão Abano não queria nos largar. Voltou para falar connosco, continuou dizer que, agora sozinhos, o melhor mesmo era fazer um jornal, contar os casos do nosso musseque e o Zeca, assim, podia publicar os versos que fazia. E prometeu, quando a gente chegasse em casa, ia nos deixar ver mesmo o *Cruzeiro do Sul*, *O Angolense* e outros jornais antigos, até ele tinha escrito lá.

Os peixes voadores continuavam as suas brincadeiras à volta da barriga branca do caíque rasgando as águas com a proa curva, apontando o pau da vela pequena à nossa Ilha de Luanda, já lhe avistávamos muito bem. Maneco Santo e os marinheiros preparavam tudo para atracar e sair com depressa nas famílias. Só o velho capitão, com sua calma habitual, agarrado no leme, acompanhava com o corpo a dança do barco dele, sem deixar de nos

falar, metendo nas nossas cabeças essa ideia do jornal e o Zeca já prometia ia escrever mesmo esta nossa viagem, fazer o desenho do *Boa Viagem*, retrato do capitão, a conversa das estrelas, tudo.

Capitão Bento segurava o leme na mão esquerda, apontava o mar do outro lado da ponte, azul de vidro, se via quase no fundo os bandos de peixes a nadarem com o caíque, fazendo corrida.

— Tainhas! Milhares! É assim o nosso mar! — Capitão não falava para ninguém, era mesmo para tudo que ele dizia as palavras. — E se vocês vissem, lá em baixo onde eu não lhes levei!... Ai, na Baía Farta, Moçâmedes e mais para baixo?!...

O Zeca ia espreitar o mar e os peixes, curioso como era. Eu não saía do lado do capitão, sua voz segura e calma me ensinava coisas que eu não sabia, que o nosso mar era rico, rico, todos os peixes que eu sabia podia dizer, Bento falava que tinha milhões deles.

— E baleia mesmo? — O capitão sorriu, tirou o boné para limpar o suor e então parecia era mesmo meu pai, pôs-me a mão no ombro e segredou:

— Tudo, tudo! Baleia, cachalote, golfinho... Então não lembras a baleia que foi morrer na nossa Baía?...

Dizia nomes que eu sabia, outros eu nunca tinha lhes ouvido falar. E era uma maneira diferente que ele punha nesses nomes, como tinha falado as estrelas Touro, Cão, Sirius, como falava o caíque *Boa Viagem* e a areia do Mussulo faiscando no sol, os coqueiros soprados no vento, nossas barrocas de cabelos verdes de capim, Ilha do Cabo, Chicala, Corimba, Samba... A gente sentia o capitão Bento gostava estas coisas duma maneira que ninguém mais sabia no nosso musseque, mas eu via bem em seus olhos escondidos nas rugas, na sombra do boné, olhando sempre em frente, lá onde que o mar e o céu e a nossa boa terra se juntavam. Sorria parecia era mesmo criança, sorria o sorriso dos santos que estão lá na igreja da Missão de São Paulo; e a mão dele, no meu ombro, parecia tudo o que ele sentia passava do braço dele no meu coração, quando olhava como Bento Abano me tinha ensinado, as ondas a rirem nas espumas nos fundos baixos da Corimba, os bandos de peixes, os telhados da nossa cidade toda nua, no sol, as mãos verdes dos coqueiros da Ilha acenando o casco do *Boa Viagem*, companheiro que conhecia os caminhos do mar, de Walvis Bay até para lá do Zaire, Chilongo, mais para cima, para o mar verde de tubarões de São Tomé com sua pequena ilha do Príncipe.

E na hora que chegámos no nosso musseque, toda a gente dizia eu e o Zeca estávamos tristes, perguntavam saber se não tínhamos gostado a viagem, se era bom, se era bonito, mas só o capitão sabia, nosso coração sofria de alegria porque queríamos começar fazer o jornal e queríamos pôr lá, para toda a gente aprender, aquele amor que a gente sente quando ouve-se o vento fazer dicanza nos coqueiros das ilhas do mar da nossa terra.

Aquele sábado anoiteceu com depressa parecia o tempo tinha medo da raiva calada que, por toda a parte, as pessoas escondiam nos olhos. E não era quente o ar no fim das chuvas, mas o suor corria de todos os corpos, quando começaram falar essas histórias das confusões nos musseques, uns dizendo os soldados não respeitavam, provocavam as pelegas; os brancos arreganhando que faziam muito bem, esses negros já andavam abusar. Mas vinham detrás, as conversas. Tinha doceiros partidos na porrada de três soldados, calçada da Missão; tinha famílias queixando toda a hora batiam nas portas para procurar saber se tinha mulher de vender; as mães adiantavam meter as meninas mais cedo para dentro das casas, esses homens passavam e apalpavam, abusavam, se era velha ou nova não fazia mal. E falavam o caso dum mais-velho, do Terra-Nova, saiu para defender a filha e lhe deram uma surra de cinturão, fugindo depois pelos capins, ninguém mais lhes viu. Mesmo mais para baixo, Ingombota e Bungo, mães preocupadas e homens inquietos, olhavam os soldados passar, aos grupos, mirando e rindo, ameaçando.

Com o ar cheio dessas novas conversas, as meninas voltavam mais cedo nos trabalhos, saíam na Baixa com o medo no coração, a raiva crescia. Cresciam também as lutas. Muitas vezes, numa esquina, um soldado ficava sangrar, a cabeça partida pela pedra ou arco de barril saído da noite e ninguém mais encontrava, sabia, ouvia. E nessas horas, as portas se trancavam, ficava só os barulhos das botas cardadas, rangendo pela areia, e um silêncio pesado crescia nas ruas abandonadas.

E assim como nas nossas chuvas as nuvens juntam, trepam, crescem ameaçadoras e negras sobre os zínco e os telhados da cidade e o vento pára de repente, depois um sopro raivoso pelos areais e é então que, nesse silêncio, o trovão rebenta todo o céu e os relâmpagos rasgam as nuvens para vir queimar muxixes e cajueiros, e aí cadavez também a pessoa aparece morta na confiança procurada debaixo do pau, assim como as grossas cordas da chuva caem todas ao mesmo tempo sobre os zínco, nesse sábado que ninguém esqueceu, um pequeno canivete brilhou no meio desse medo e dessa raiva que estava presa nos nossos corações.

Um soldado caiu morto mesmo, em pleno dia, em plena Baixa, com um sol mostrando tudo quanto passava na cidade, a barriga aberta na lâmina dum pequeno doceiro de micondos e quicuerra, as tripas no alcatrão, o sangue a correr escuro como a água que sai quando a chuva começa.

Então por toda a cidade a conversa viajou no vento e no nosso musseque toda a gente foi guardada mais cedo dentro das casas. Dona Branca veio mesmo bater as portas na cara de Carmindinha que procurava no Zeca e só Luís, polícia, adiantou limpar a pistola no quintal, foi dar tiro no imbondeiro, toda a gente lhe viu. Por outros musseques a raiva correu calada até na ponta dos dedos que procuravam velhas facas, catanas, mas as portas fecharam os gritos dos grupos de soldados pelas ruas, toda a noite aquele barulho de botas sobre a areia grossa viveu nos olhos acordados das pessoas. Mas, ao contrário que todos estavam falar nessa tarde, nada que sucedeu nessa noite. Os soldados passearam todas as ruas e areais, invadiram musseques gritando, disparando, batendo nas portas, e o medo dormiu acordado nos corações das pessoas escondidas em suas casas.

E assim, a noite passou só contada nos passos dos soldados e nos silêncios e o domingo nasceu diferente, mesmo que era um dia de fim do calor já de sol amarelo, quase branco,

parecia tudo estava mais frio, quieto. Nos ramos dos paus, os pardais cantavam, sacudiam essa luz de suas penas mas as pessoas estavam surdas. Em todas as orelhas, mesmo que os olhos já não lhes viam, as botas dos soldados continuavam o barulho delas, expulsando na pequena confiança do novo dia nos corações ainda medrosos.

Oito horas quase, quando sá Domingas adiantou sair com Carmindinha, como sempre passava nos domingos, ia na missa da Missão de São Paulo. Carmindinha é que foi ainda na casa do Zeca, sá Domingas não queria dar encontro com o mestre que andava falar era bem feito essas porradas dos soldados.

O Zeca Bunéu veio de calções curtos, cheio de brilhantina, dona Branca, teimosa, punhalhe sempre para amansar o cabelo de porco-espinho, como dizia o Pexilas barbeiro, desculpando a velha máquina que arrancava lágrima e cabelo. Minha madrasta ameaçou juízo para mim e, juntos, seguimos no caminho do Kinaxixi parecia nada que tinha-se passado, a vida era a mesma de todos os dias. Capitão Abano veio ainda na porta nos fazer adeus: ficava tomar conta na Tunica, doente, só mais tarde ia no jornal dele, hora que a gente estava voltar de São Paulo.

Já falei que era um domingo, um dia cheio de sol lavado e claro do fim das chuvas. Era essa luz que entrava nas janelas altas da Missão e batia mesmo no altar. Na hora que Padre Neves e seu sacristão se viraram na gente, pareciam eram santos, brilhavam essa luz em suas cabeças. E se lembro essa luz nesse domingo, não posso mesmo lhe esquecer nunca mais, é porque eu gostava mirar nosso Padre Neves, ouvia as palavras que ele falava com suas mãos e seu sorriso sempre igual, naquele latim minha madrasta queria eu ia aprender também, e aí a primeira pedra explodiu os vidros coloridos e o sol entrou mais, junto com aquele barulho das botas raspando no chão de cimento da igreja. E, se eu lembro bem, é porque, nessa hora, aproveitava para espiar e sorrir na Carmindinha e só vi os olhos medrosos dela, e os olhos de terror invadindo a igreja, atropelando as pessoas ajoelhadas e o raspar das botas apagou de repente aquela paz da missa, o sol que cochilava em cima de toda a gente, na hora que nosso Padre Neves erguia o cálice e sorria seu sorriso santo.

As mulheres se levantaram assustadas e correram com os filhos para o altar, enquanto os homens queriam mesmo sair na rua. Mas daí é que vinha o barulho da multidão de vozes reclamando, bater de arcos de barril, catanadas nas paredes, os vidros coloridos a voarem com as pedradas e o sol chovia mais por cima dos santos, no altar, por toda a igreja. Padre Neves levantava a voz, queria apaziguar:

— Calma! Calma! Por amor de Deus!...

Tinha pousado o cálice, fazia tudo para acabar com a confusão, seus magros braços levantados, avançando na gente, as magras mãos a acenar que não era nada, era engano, e queria ir falar nos soldados aterrorizados, encolhidos no canto da água benta. Mas o sacristão, vendo-lhes tirar os cinturões e começar enrolar nas mãos, gritou esse medo que andava dentro dos corações de todos:

— Vão nos matar! Socorro!...

Padre Neves nada que pôde fazer mesmo. As mulheres gritaram com os monas nos braços ou na mão, tropeçando em seus panos soltos, se empurravam para fora, vendo, com olhos de terror, os soldados aos saltos por cima dos bancos da igreja, as pedradas acabavam o resto dos vidros, e então nosso Padre Neves, única pessoa que estava com a calma dele,

adiantou na porta onde tinha fugido o sacristão e, sem pressa, fez entrar as mulheres e as crianças, pedindo sempre calma-calma mas, lá fora, aumentavam os gritos, ameaças, as pedradas entravam. E aí, na sacristia, as pessoas começaram falar era a revolta dos musseques, queriam matar os soldados que andavam provocar as pessoas nessa manhã, vinham a bater nas portas e janelas e chamando todas as mulheres e meninas de putas, tinham cuspidos na cara dos velhos, invadido mesmo as cubatas.

Os soldados eram muitos, em grupos de três ou quatro, e adiantaram provocar para procurar confusão. Ainda hoje ninguém que pode saber o começo: sem que ninguém passasse a palavra de musseque em musseque, as pessoas agarraram nos arcos, nos paus, nas catanas, pedras, e vieram nas ruas para defender as mulheres, pelejar com os soldados, morrer se era preciso.

Quando entrou a confusão, corri para Carmindinha e, com Zeca Bunéu, empurrámos já Domingas, cheia de medo, para dentro da sacristia. A sala tinha uma saída no quintal de muitas plantas e flores e, na janela aberta, eu, Zeca e Carmindinha vimos então aquilo que a gente nunca mais esquece: a grande multidão, homens e mulheres, velhos e novos, gritando com as caras raivosas, os miúdos zunindo pedras nos vidros, nas janelas, para dentro da igreja, as pessoas mostravam as catanas ameaçadoras, arcos de barril, facas. Nosso Padre Neves espreitou e ele é quem podia ver nos olhos de toda a gente o medo, o velho medo, antigo, sair do escuro do peito, correr nos corpos magros e insultados, sacudindo aquelas armas, a exigir que entregassem os soldados...

Padre Neves chegou na janela, queria falar, quase todos ele conhecia ali, mas só o grande mar das vozes é que respondeu, e o bom homem se virou para nós, os olhos cheios de lágrimas:

— Meu Deus! Não posso fazer nada!...

Sentimos isso mesmo. É que o vento já trazia, de longe, a desgraça maior que ia passar. Barulho de pequenos estalos, carros acelerados na zuna e só mesmo a multidão reclamando os soldados é que não deixava ainda ouvir bem o que estava suceder, longe dos nossos olhos, mas o coração das pessoas começava adivinhar. E mais perto já, tiros e gritos, pessoas a fugir em todas as direcções, escondendo em qualquer porta aberta, qualquer quintal. Na sacristia, as mulheres pararam de rezar, toda a atenção ficou mesmo na janela onde estava entrar esse barulho diferente dos tiros, o ronco acelerado dos camiões e carrinhas da polícia cruzando os musseques, gentes e cubatas tudo era estrada.

E nesse grande silêncio que os tiros fizeram chegavam os gritos do povo, largando tudo pelo capim, agarrando os filhos no peito ou nas costas, os berros dos soldados e polícias, a poeira de cubatas e quintais a cair e, a comandar tudo, o tossir seco e repetido das pistolas-metralhadoras batendo as balas nas casas, por cima e por baixo, nos corpos, pelo areal, os corpos pelo areal, uns quietos a olhar o céu, outros torcendo sua dor na areia vermelha com o sangue que se espalhava.

Nosso Padre Neves correu, quis tirar o Zeca pendurado na janela, fechar o inferno. Mas o menino não aceitou, queria ver e ouvir tudo o que estava passar. Então, Deus lhe perdoou e Padre Neves pôs umas chapadas da cara do Zeca até ele ficar sentado no chão, por baixo da janela fechada com força. Mas aquele barulho entrou ainda muito tempo pelos buracos dos vidros partidos.

Até na hora que o coro das rezas que nosso padre comandava adiantou tapar tudo em nossos ouvidos mas nunca nos nossos corações, até hoje, nestas horas que o Zeca fala esta conversa e seus olhos ficam grandes do medo e da raiva como ficaram nesse dia que Padre Neves lhe tirou da janela com a chapada e o Zeca olhou para mim e viu que eu rezava, ao lado de sá Domingas e Carmindinha, a Deus e a todos os santos, e ele tapou os olhos e os ouvidos com as suas mãos de criança ainda.

3.

Se não tivesse assistido e viessem me contar, não acreditava nunca, nem que juravam pelo sangue de Cristo, fazendo cruzeiros de cuspo, como era nossa mania. E nunca acreditava porque foi assim que aprendi, e assim aprendemos todos, uns com o cinto outros com o pau de funji, que aquilo que seu pai fala é sempre verdade e você é mesmo miúdo não pode discutir com os mais-velhos.

E se, quando eu vi isto, o meu amor por Carmindinha não era já muito grande, naquela hora ia ser. Uma menina de dezasseis anos a falar como nós todos queríamos, dizer as coisas nos nossos pais ou nos nossos mais-velhos e não sabíamos ou tínhamos medo; um menina, magra e alta, vestindo um vestido de chita mas feito com as mãos dela, na habilidade dela, respondendo para seu pai, o capitão de cabotagem Bento de Jesus Abano, homem do mar e da vida, mais de cinquenta anos de casos e conversas e confusões, suas palavras no musseque eram lei, Bento falava, a verdade saía na sua boca, isto custava acreditar.

Mas aquele domingo de sol nas janelas partidas da Missão de São Paulo e de sangue nas areias dos musseques trouxe muitas mudanças. Bastava ver, quando íamos na quitanda aviar, os olhares satisfeitos de sô Antunes; ou o ar quebrado de sá Domingas, saindo da loja, dona Branca e dona Eva fingindo não lhe verem para o menequeno antigo de anos e anos de coisas emprestadas, sal, farinha e açúcar, em canecas de esmalte. Ou na hora de Carmindinha chegar da lição, ela agora quem ensinava nas outras meninas, e queixava muitas vezes tinha que insultar, queriam lhe abusar mesmo lá na Baixa.

O que custava mais acreditar era ainda a certeza, a verdade daquelas palavras que a menina falava e saíam na sabedoria do coração dela, os olhos, olhos de Bento Abano, que tinham visto o povo exigindo os soldados, atirar pedras e paus e depois a fugir, os pontinhos de poeira que saltavam no chão no barulho das espingardas e metralhadoras.

Capitão dava grandes passos na sala, levantava sua voz, falava como ele sabia, e Carmindinha sempre sentada costurava, os leves dedos mexiam nervosas linhas e agulhas e eu me escondia na força das palavras que andavam no ar:

— Cala-te!... Já mandei, obedece!

A menina costurava, cosia depressa, irritada, capitão continuava:

— Uma fedelha! Uma fedelha! Como é que você percebe estas coisas da vida, assim? Esses assuntos de mortes, o que é que tu sabes?... É o que eu sempre falei: o povo não tem respeito por si mesmo...

Carmininha saltava na cadeira, os olhos faziam força para não falar, mas não aguentava, respondia:

— Mas sei! Sei mesmo! Respeito como então? Batem-te na tua porta, insultam-te na tua filha e você fica com seu respeito, sua educação, não liga nessas coisas, não é? Fala que o povo só quer é vinho e roubo, mulheres, vestir casaco e gravata, que já não tem homens como antigamente...

Velho capitão caminhava no canto, levantava os braços, queria lhe mandar calar mas as palavras morriam atropeladas na garganta, só seus olhos brilhavam:

— Respeita, serás respeitado! Mas como é vão ter respeito, se eles nem ligam neles próprios? Não estudam! Não se instruem, não aprendem! Vivem como os gentios, só procuram mulheres, bailes, prostituindo-se nos batuques, nos feitiços, sem preocupações superiores do espírito... Um homem de espírito, nunca ninguém lhe insulta, está defendido!...

Eu ouvia, espantado, estas falas de Bento Abano, lembrava as coisas que ele tinha escrito nos jornais, ele tinha-nos mostrado, a mim e ao Zeca, e naquela hora não sabia pensar quem é que estava com a razão. Nas mãos nervosas de Carmininha a roupa virava e revirava e o olhar de Bento Abano vinha abaixar nos olhos dela, a menina calava, ficava encarnada, via-se o sangue a correr debaixo da pele clara dela, esforçando por arranjar as palavras que sentia na cabeça e queria falar.

Levantava:

— Mas instruídos como? E as escolas?... E isso do vinho, dos bailes, das quitandas, porquê não acabam com essas coisas então?... Porquê não pedem para fechar?...

Bento Abano vinha na porta, enchia o peito com ar fresco do começo da noite.

Sorria, voltava, o olhar já brincando outra vez, a certeza que ia calar a filha fazia-lhe demorar na resposta. Carmininha continuava, agressiva:

— Ah! Não sabe?... É assim que a desculpa deles é a mesma!... O povo não presta, o povo está estragado, esta geração só pensa em bebedeira e quitatas...

A minha boca ficava aberta; o Zeca, encolhido num canto, mirava a cena com seus olhos curiosos e se via ele queria que a conversa não acabasse nunca mais, peleja de uma menina saliente, de dezasseis anos, com seu velho pai que sabia tudo, é o que as pessoas falavam no nosso musseque. Então Bento Abano arranhou uma maneira superior de falar, troçando, mas a gente percebia ele não gostava era ser derrotado e, aí, virava as conversas.

— Antigamente, minha filha... — Eu te perdoou essas palavras, você é uma miúda, sua cabeça não pensa, fala com o coração... — A vida é que vai-te ensinar...

Nessas palavras é que Carmininha saltava. Trataram-lhe de miúda, não admitia, retilava, gritava que já estava ganhar o dinheiro para a casa, não estava mais uma criança, era uma mulher. Mas Bento tinha agarrado aquela maneira e não queria lhe largar, mesmo que via a filha zangada:

— Antigamente, como eu dizia, a gente podia exigir, a gente podia reclamar justiça! Nossos filhos do país eram instruídos, se cultivavam, elevavam-se. Os seus concidadãos

tinham-lhes respeito, o povo tinha os seus chefes, eram reconhecidos... Não havia discussão. E agora?...

Não era para a menina que continuava falar já. Dizia estas coisas agora mesmo só para ele mesmo ouvir, esquecer, fugir, lembrar para ficar com a razão.

— Sim! E agora, pai? O que sucedeu nessa gente? Escrever, falar, só eles é que sabiam?... Os que vieram depois não prestam, todos são burros, matumbos?

Mas como é a Carmindinha falava assim essas coisas, esses casos? Às vezes, quando o capitão nos mostrava os jornais do tempo dele, falava os nomes da sua Associação Literária Angolense, a revista manuscrita, como eu e o Zeca começámos fazer agora, sim, essas coisas que eu sentia só confusão dentro da minha cabeça, como é só agora começava perceber o que era nas palavras de Carmindinha?

Já capitão Bento, os olhos aumentavam o brilho mas a voz virava, não respondia direito, metia palavras, coisas e nomes de jornais e pessoas e foi ainda buscar os velhos recortes que guardava. Levantou sua voz rouquecida e leu um bocado dum artigo, « A Instrução, fonte de luz », falou para eu e o Zeca ouvirmos bem, e nós sentíamos a Carmindinha zangada, tinha arrumado sua costura, estava em pé no meio da sala, o sangue que lhe corria no corpo delgado lhe pintava na cara e gritou no velho pai, sem mais respeito antigo, palavras que nos encolheram de medo no nosso canto:

— Isso tudo já morreu, Senhor Capitão! Está morto, não serve para nada, papá!... Agora não é hora de esperar que o Zeca vai-se instruir, que eu vou m' instruir, todos são educados e vamos fundar nossa associação literária! — e virou voz mesmo de fazer pouco: — Agora, sim! Com esse respeito que eles vão ter por nós, vão deixar de bater nas portas para a gente abrir, para deitar com os batalhões, dar porrada no doceiro porque não tem troco... Morreu! Não presta, poça!

Bateu com a porta, saiu, menina bem-educada como ela era nos deixou todos espantados, olhando as coisas de costura atiradas no chão, e calados, nada que a gente sabia para falar naquela hora. Bento ainda veio sorrir, queria ser superior, mas olhámos seus olhos, os olhos do capitão que a gente conhecia e estavam apagados lá no fundo, e as mãos dele, que nunca tremiam a aguentar o *Boa Viagem* no rumo do destino, tremeram ao guardar os velhos bocados de jornal na pasta de papelão antiga, quase sem cor.

— Vão, vão ainda na don'Ana. Peçam na minha família para voltar. Tenho fome!

Era uma voz rouca, velha, triste, que nos falava, esforçando para parecer a antiga voz de comando que lhe conhecíamos. Olhando com esses olhos que a vida já começava trepar outra vez, pediu:

— Não esquece, menino, estas conversas. Ponham no vosso jornal, para toda a gente saber.

E deixou-nos na rua, no vento fresco da noite.

O caixão era estreito e comprido como o dono. E não tinha aqueles enfeites todos, flores, bonitos anjinhos de cor de prata, como o Zeca pôs quando escreveu a morte do nosso amigo no jornal. Era estreito e negro, só algumas riscas prateadas a toda a volta, sóbrio como tinha querido o falecido antes de morrer e ninguém que podia-lhe desobedecer. Bento Abano, mesmo no dia em que adiantou vomitar aquelas migalhas de sangue negro que o médico disse era o fígado, continuou falar com a cabeça dele, a pensar sempre como antigamente. E ninguém mais pode esquecer essas palavras calmas que ele ia dando todos os dias, para sá Domingas, perdoar na sua filha Tunica, gabar Carmindinha, pedindo para ser sempre uma menina de bem, estudar, cuidar sua mãe que já não estava mais nova. Chorava então um choro quieto e macio, de lágrimas grandes, quando eu e o Zeca recordávamos o Xoxombo, essa dor maior que o sofrimento da doença, seis meses assim na cama, sentindo o bicho a roer, a furar, esperando o dia da morte com sua coragem antiga. Até ao fim lia nosso jornal, explicava, corrigia, ensinava sempre. Víamos o corpo usado na vida, magro e queimado do sol, encolhia cada dia que passava, a pele ia virando cor da areia da praia, agarrava e desenhava os ossos da cara, dos braços, daqueles dedos teimosos acompanhando as palavras que iam ficando roucas, perdidas na garganta, na respiração apressada dos pulmões cansados.

Ali estava dentro daquele caixão simples, sobre a mesa coberta com o pano preto, seis velas a dar luz para as pessoas sentadas no chão ou no quintal, no quarto de Sá Domingas. Morreu na hora que só estava o Zeca no quarto, e o sangue negro, quente e grosso, ficou na mão que não largou mais, olhava o menino com um quieto sorriso descolorido e sujo do seu fígado estragado. Só os olhos muito abertos mostravam a morte. Vazios, calados, sem luz, até a teia de aranha dos risquinhos que lhes prendia foi desaparecendo, parecia a morte tinha uma borracha para apagar as dores e as alegrias que essas rugas falavam. Soubemos, depois o pai do Zeca tinha chorado lá dentro, e com soluços grandes, ninguém no musseque pensava ele era capaz, discutiu ainda na hora de vir o homem dos caixões, e ele mesmo fez a última barba no capitão, lavou-lhe e vestiu-lhe o fato preto, grande de mais num morto magro como ele ficou, com uma cara de pedir desculpa por estar assim. Mas o sorriso, aquele sorriso que a morte prendeu e foi a última das muitas prendas o nosso amigo nos deu, esse ficou para sempre.

Nas esteiras pelo chão, algumas amigas antigas de sá Domingas enchiam a sala com um barulho sempre igual, acompanhado do mexer da cabeça, choro repetido sem lágrimas. Aproveitavam essa alma para mandar seus recados nos parentes falecidos, pediam perdões de coisas antigas e outras palavras que eu não sabia, falavam sempre no quimbundo.

No quarto, junto com Carmindinha, sá Domingas em seus gritos dos costumes, falava uma dor já gasta nos seis meses de sua espera, a morte já muito tempo não estava dentro dela. No quintal, debaixo da mulemba, meninos e meninas das famílias que estavam para chorar o óbito, consolar os parentes, brincavam com Bebiane e Tété, miúdas já começando a crescer, não aceitaram ficar na cama quando don'Ana veio chorar na amiga. Brincavam suas

pedrinhas sem barulho mas com alegria e eu pensei essas vezes pequeninas capitão Bento estava gostar lá dentro do caixão dele, cadavez sentia saudades saltar Bebiãna nos joelhos. A menina não tinha chorado, não pôs cara de admiração quando lhe disseram o capitão não ia voltar nunca mais, ia morar no Céu. Ficou com os olhos dela, grossos e molhados, a olhar e falou desdenhosa:

— Oh!... Qualquer dia também vou ir...

Leve, sem barulho, Carmindinha passou no quarto dela e percebi os olhos do Zeca espiarem na minha cara. Ele sabia, tinha muitos meses já nossa zanga desde um dia na porta do Liceu e nunca consegui de fazer as pazes, procurei mesmo na Tereza e na Joanica, lhes meti nas conversas, esperei a menina na calçada da Missão, sempre aparecia para sunguilar mas nunca perdoou.

Nessa noite, com o velho pai dormindo em seu último caíque na viagem de ida, não tinha mais coragem. Carmindinha tinha crescido muito, já mais velha e eu me sentia criança, precisava-lhe esquecer. Fiquei a pensar no velho marinheiro, nosso amigo. Mirava o caixão estreito e era o primeiro morto que via, nunca pensei morrer fosse assim, simples e quieto e calado como o capitão, julgava as pessoas davam gritos, choravam, não queriam, fugiam da cama. Para quê a gente morria? Pensei ia perguntar no Zeca mas calei. Não era melhor viver sempre, as pessoas se conheciam uns nos outros, falavam, trabalhavam, as vidas de cada um se misturavam, tinha casamento, tinha os monandengues a nascer, mas vi também que tinha óbitos, os mortos. Pensar isso me doeu muito. Nada que podia lembrar na vida sem aparecer a morte, era pena. Sofria, pensava se morresse não ia mais ver o Zeca, não íamos fazer nosso jornal, não via mais meus amigos do colégio, nosso musseque, gostar a Carmindinha. Tinha pena as coisas que não ia fazer mais, pena no que pensava para fazer mais-velho já, era isso mesmo o pior, não ver, não falar, não estar com as pessoas. Era assim: não queria morrer.

Então Carmindinha atravessou a sala outra vez, fez dançar as chamas das velas.

Era uma noite escura e quente. Só um vento leve soprava, deixando o ar com um fresco de mentira, tinha ainda mais calor logo que ele saía embora pelas cubatas acima, xaxualhar nas folhas dos paus, mal se ouvia. E o calor, um pano que não se via e se sentia por cima de nosso musseque, nascia um suor gordo, uma transpiração pesada, colava nas camisas, nas mãos. Por cima dos cheiros da cera ardida, das flores, das comidas, enjoava. E foi isso que trouxe-me na porta da cubata.

Abri os braços para o escuro, espiei as estrelas no pano preto do céu e capitão Bento ficou comigo, outra vez, navegando na noite. Andei devagar até na casa de don'Ana, falando baixinho os nomes das estrelas lá em cima no céu, os nomes o capitão nos ensinou na ponte do caíque *Boa Viagem* e procurei as que eu gostava mais. Longe, junto do risco mais escuro onde a Terra mistura no Céu, lá estava a estrela grande, brilhante e um riso feliz, o mesmo que Maneco Santo ouvira naquela noite, trepou pela minha garganta quando pensei aquela estrela era Carmindinha.

Vinha já a sonhar assim, chamado na luz fraca que saía na porta do óbito, quando lhe vi encostada na parede da porta meia aberta, estava Carmindinha. Seus olhos luziam na sombra mas não eram mais da menina que eu tinha conhecido. Verdade que era minha mais velha,

tinha já dezasseis anos, mas comigo ficava ainda criança de lhe fazer festas, acarinhar.

Ceguei devagar, parei diante daqueles olhos novos do velho capitão de barco de cabotagem. A alegria prendeu-me as palavras que queria dizer, agarrou-as na garganta e umas lágrimas que não sabia eu podia chorar é que saíram a correr, sentindo a pele clara e quente encostada em mim. Era a voz macia de Carmindinha, só lhe ouvi zangada uma vez na vida, na conversa com seu velho pai nesse tempo da grande confusão dos soldados na Missão. Eu não podia falar. Deixei então só o nosso amor adormecer dentro de nós dois, Carmindinha estava ali, o mundo não existia.

— Pronto, pronto! Não chores! Deixa só, não chores!...

As lágrimas se agarravam nos meus dedos, quentes como era noite. Andei devagar pela areia de nosso musseque, com Carmindinha encostada a mim, o ar de seu vestido era um pequeno vento fresco e os pés xacatavam um ruído que não acordava o silêncio do caminho. Lá longe, muito longe, o Cruzeiro do Sul brilhava, minha estrela mais grande parecia.

— Vês aquela estrela grande, brilhante?...

Não recebi resposta na boca dela. E aí apertei mais o corpo quente e magro; na cabeça que virou para mim seus cabelos xaxualharam de leve quando olhou o céu.

— És tu!

Um riso solto, de criança ainda, fez tremer nas minhas mãos suas mamas pequeninas. Era já em baixo do muxixeiro, atrás da casa de don’Ana e aí senti o capim duro nos nossos pés, um cheiro de erva pisada vestindo os nossos corpos lavava nossas roupas despidas. As minhas mãos procuraram, cafo-fas, e um cheiro forte e bom, feito de todos os cheiros das casas e dos capins de nosso musseque e do calor da noite, saía nas pequenas mãos de Carmindinha.

Nessa noite quente, enquanto nosso amigo e velho capitão sorria para sempre, Carmindinha e eu nos amávamos com os nossos corpos claros embrulhados no cobertor da noite, como nossas mãos andavam a convidar muito tempo já. E era uma noite funda, sem lua, negra de estrelas no céu.

E quando na madrugada um galo nos chamou de nossa alegria entristecida e nos lembrou as horas, viemos, abraçados como tínhamos ido pelo capim abaixo, e juntámos nas pessoas agora caladas e cansadas velando o velho capitão, só mesmo o Zeca Bunéu podia encontrar nos nossos olhos, na nossa cara, essas coisas que nosso musseque sabia muito tempo: que Carmindinha e eu nos gostávamos.

Mais nada.

*

O retrato parado lá está, olhando-nos do seu fundo cinzento já amarelado pela velhice, mas é o mesmo homem bom e calmo, mas duro e raivoso nas suas razões que nosso musseque conheceu.

E são esses olhos cheios da vida que viu e viveu que ele deixou para Carmindinha, agora no meu lado, com o calor cheio de sumo do seu corpo. Aqueles olhos que eu só descobri morrendo na cara do capitão, derrotado nesse dia da grande conversa, para nascerem na

mesma hora na cara da filha, satisfeitos mas tristes também, vendo o velho pai esconder no seu canto, remexendo seus papéis antigos, velhos bocados de jornais que ele mostrava, última razão de suas conversas mas que não chegaram para vencer as palavras verdadeiras de Carmindinha, tudo que ela falou e mostrou, para o sangue, as vergonhas e as lágrimas que lá ficaram espalhadas nos areais do musseque, endurecendo os riscos dos pneus das camionetas carregadas de presos.

Senti então que era como o velho retrato amarelo na parede, o mestre de cabotagem Bento de Jesus Abano. Vinha de outro tempo. Mas aquele olhar, que se escondia debaixo da pala do seu boné de marinho, aqueles olhos presos na teia de aranha das rugas à volta, porquê nos falavam sempre, porquê nos contavam todas as vezes uma coisa nova ou mostravam uma coisa antiga esquecida?

Dizia o Zeca Bunéu que, sem esse olhar, Carmindinha não existia.

Dezembro 1961—Abril 1962

Ai mon'ami, mon'ami, a-ku-vualele uaxikelela, a-ku-vualele uaxixima...: Ai, meu filho, meu filho, pariram-te preto, pariram-te desgraçado...

Aiuê, Ngana Zambi ê!: Ai, meu Deus!

Aiuê, aiué, mam'etu ê!: Ai, ai, minha mãe!

Aiuê, lamba diami!: Ai, coitado de mim!

Kilombelombe kejidiê ku dimuka: kama ka-mu-dimuna...: O corvo não sabia ser esperto: uma coisinha de nada é que o despertou...

Vocábulos

Balaio: Cesto largo e baixo.

Bassula: Golpe de luta.

Berrida: Corrida motivada por berro.

Bessangana: Mulher de respeito (por ser mulher que usa panos e não saia). (Vem da expressão com que se saudava: Besá, ngana!, i. é.: A sua bênção, Senhora!)

Brututo: Raiz de um arbusto do mesmo nome, medicinal.

Bungular: Saracotear as nádegas.

Cabíri: Animal miúdo, de raça degenerada.

Cafofa: Cega; pitosga.

Cafuca: Bichinho que se infiltra na areia, deixando um vórtice onde caem as presas.
Cambular: Aliciar; raptar.
Camucala: Monstro só com metade do corpo, ao alto.
Cangundo: Branco ordinário, sem educação.
Cassumbula: Jogo infantil de assalto, por efeito de pacto entre os jogadores.
Catandú: Casca do bordão.
Catete: Pássaro cinzento-claro.
Caxexe: Pássaro azul-celeste.
Cazumbi: Alma do outro mundo.

Dicanza: Instrumento musical; reco-reco.
Diquixe: Monstro de mil-cabeças.
Dixita: Lixeira.
Dongo: Canoa.

Fimba (dar...): Mergulho; mergulhar.
Fuba: Farinha.
Funji: Massa cozida de farinha.

Gajaja: Fruto, ácido, da ga-jajeira.
Gajajeira: Árvore terebintácea.
Guico: Pau de mexer o funji.
Gungo: Pássaro castanho-claro.

Haka!: Chiça! Livra! Irra!
Homê! (também Homé!): Ho-messa!

Imbamba: Coisa; pertence; traste; bagagem.

Januário: Pássaro canoro, vermelho e branco.
Jinguba: Amendoim.
Jogar a bandeira: Jogo da bandeira inglesa, com pedrinhas (equivalente ao jogo do galo).
Jogo da bilha: Jogo do berlinde.

Lâmpia: Nas rifas, a que é «branca», sem número.
Leia: alheia.
Luando: esteira de papiro que enrola no sentido da largura.

Maboque: Fruto do maboqueiro (*Strychnos siphosa*).
Maca: Conversa; questão; disputa; caso; assunto.
Macunde: Feijão pequeno (equivalente ao feijão-frade).
Makutu!: Mentira!
Mangonheiro: Lento; preguiçoso; indolente.
Marimbombo: Vespa.
Massemba: Umbigada, em dança.
Mataco: Nádegas; traseiro.
Matete: Massa de farinha cozinhada, inconsistente, rala.
Matuba: Testículo.
Matumbo: Ignorante; estúpido.
Menequeno: Cumprimento; saudação.
Micondo: Doce em feitiço de argola, muito rijo; cavaca.
Monandengue: Criança; jovem.
Mona: Criança; filho.
Moringue: Bilha de água.
Múcuá: Fruto do imbondeiro.
Mulemba: Árvore de grande porte.
Muxixe: Árvore de grande porte.
Muxixeiro: O mesmo que muxixe.
Muxoxar: Fazer ruído de desprezo, indiferença, com os dentes e os lábios.
Muxoxo (pôr...): O mesmo que muxoxar.

Nakuetuéé! (também nakue-tuê!): Acudam! Socorro!
Nga: Senhora.
Ngana: Senhora; senhor.
Ngueta: Branco ordinário.
Ngueta camuelo: Branco ordinário e mesquinho, avarento.
Ngueta da tuji: Branco ordinário de merda.

Plimplau: Pássaro acinzentado.
Pópilas!: Arre! Caramba! Safa!

Quedes: Sapato de lona e borracha, de fabrico local.
Quicuerra: Mimo feito de farinha de mandioca, açúcar e jinguba.
Quigoza(s) (brincar às...): Pendurar-se nas traseiras de veículo de carga.
Quigozar: Brincar às quigozas.
Quinda: Cesto pequeno e baixo.
Quinjongo: Gafanhoto grande.
Quissonde: Formiga vermelha, grande e agressiva.

Quitaba: Petisco feito de amendoim, sal e jindungo amassados.

Quitata: Prostituta; mulher de vida fácil.

Quitoto: Bebida tradicional, cerveja de milho.

Rebita: Dança tradicional angolana, de quadrilha, com umbigada.

Rede-a-rede (fazer uma...): Jogo de bola, de dois guarda-redes, baliza a baliza.

Reviengar: Passar pelos obstáculos com movimentos rápidos do corpo; fintar; piruetar.

Salalé: Formiga branca; térmite.

Sanga: Cântaro para água.

Senga: Baixo.

Sukuama!: Poça! Porra! Arreda!

Sungar: Puxar (para cima).

Sungaribengo: Mulato; mestiço (sentido depreciativo).

Sunguilar: Seroar; passar o serão.

Tuji: Merda; excremento.

Uatobar: Fazer pouco; troçar; ridicularizar.

Uatobé!: Seu parvo!

Uatobo!: É parvo!

Viococol!: Expressão para troçar do que alguém diz; expressão de enfado ou de repulsa.

Xacatar: Arrastar os pés; deslizar.

Xatete: Camião ou camioneta de cabina avançada; diz-se também do nariz achatado (ou xetete).

Xaxualhar: Restolhar; o ruído do vento nos ramos e folhas.

Zuna: Com muita velocidade (do verbo zunir).

Índice

CAPA

Ficha Técnica

Para Linda

Kilombelombe kejidiê ku dimuka: kama ka-mu-dim una... — como dizia don'Ana, falando de

Carmindinha.

Zeca Bunéu e outros

I

1.

2.

1.

2.

II

1.

2.

1.

2.

III

1.

2.

1.

2.

IV

Biquinho

Nga Xica

Sô Augusto

Os casos

Biquinho

Nga Xica

Sô Augusto

Os casos

A verdade acerca do Zito

V

1.

2.

3.

4.

1.

2.

3.

4.

VI

VII

- 1.
- 2.
- 3.
- 1.
- 2.
- 3.

Carmindinha e eu

VIII

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 1.
- 2.
- 3.
- 4.

Glossário

Expressões em quimbundo

Vocábulo